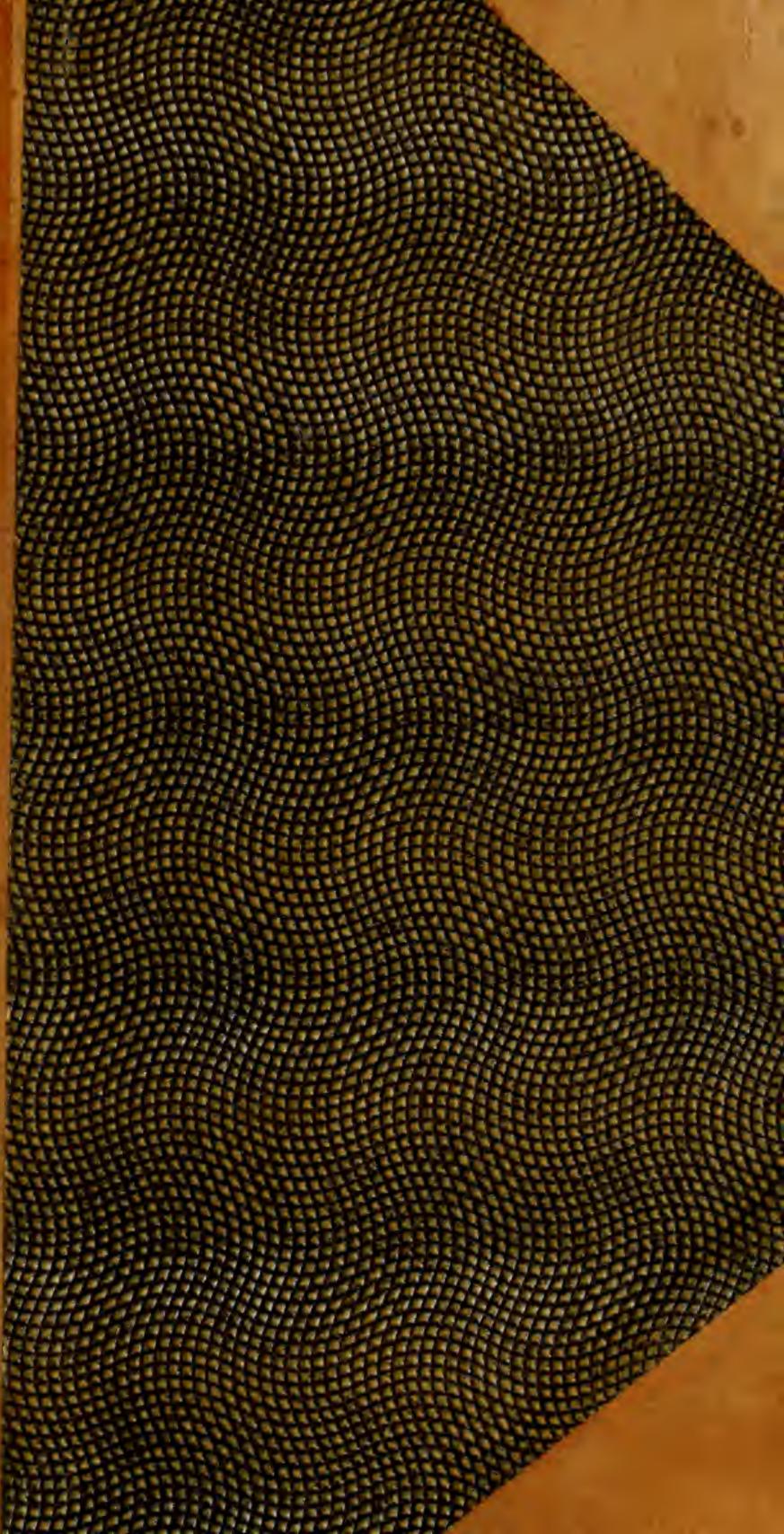


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01073187 5









Col. Louis

no 4920



ALBERTO D'OLIVEIRA

---

# Palavras loucas



COIMBRA  
F. FRANÇA AMADO, EDITOR  
141, RUA DA CALÇADA, 143

—  
M DCCC XCIV



Palavras loucas

---

COIMBRA, TYP. AUXILIAR'D'ESCRITORIO.





ALBERTO D'OLIVEIRA

---

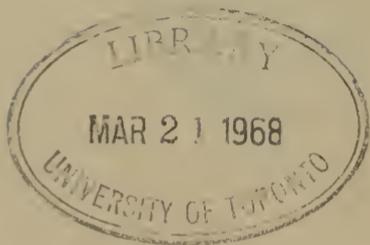
# Palavras loucas



COIMBRA  
F. FRANÇA AMADO, EDITOR  
141, RUA DA CALÇADA, 143

—  
M DCCC XCIV

PQ  
9261  
045P3



## PALAVRAS LOUCAS

Palavras loucas, leva-as o vento . . .  
Para onde as levas assim no ar?  
Vê se as abrigas, que sou friorento,  
Na alpendurada do olhar cinzento,  
Á verde sombra de aquelle olhar!

Olhos que fazem a noite e o dia,  
Com elles fitos na minha mão,  
Ó moreninha, que te diria,  
Palavras loucas, a phantasia?  
Palavras loucas, o coração?

Vento e ventura, que pouco dura . . .  
Poupae as horas, gente perdida !  
Poupae a alma, guardae-lhe a alvura . . .  
Palavras loucas, de que loucura,  
Palavras loucas da minha vida !

Numa ermadinha de branca aldeia,  
Ai quem me dera, Senhor, prégar !  
Ou pelos montes, á lua-cheia . . .  
Palavras loucas, que louca ideia !  
Palavras loucas ao pé do altar !

Coimbra em março, tísica extranha,  
Nessas melhores já me eu não fio:  
Livida fica, se a Lua a banha . . .  
Palavras loucas vêm da montanha,  
Palavras loucas bailam no rio !

Choupos delgados como setins,  
Os arvoredos que choram maguas,  
Fontes que gemem tragicos fins . . .  
Palavras loucas d'esses jardins,  
Palavras loucas das verdes aguas !

Tento na agua, que verte a infusa,  
Rapariguinhas: candura, amor !  
E essa tristeza, já se não usa ?  
Palavras loucas da vossa musa,  
Palavras loucas, senhor doutor !

E a quantas digo meu sermão novo,  
Vozes amargas, gargantas roucas,  
Todas me accusam, ninguem commovo...  
Palavras loucas, bem diz o povo:  
*Palavras loucas, orelhas moucas!*

Só a morena que esta alma adora,  
Olhos em pranto, bocca em sorriso,  
Palavras loucas, ella as decora,  
Por ellas reza, com ellas chora,  
Encontra nellas o paraizo!

Vento do norte, voa apressado!  
Quebra-lhe os vidros, abre a janella,  
Deixa o meu livro desamparado...  
Palavras loucas, mas Deus louvado!  
Palavras loucas... de amor por ella!

ALBERTO.



# PALAVRAS LOUCAS

---

## I

### PROFISSÃO DA MINHA FÉ

(CARTA AO PAPA LEÃO XIII)

*Santissimo Padre:* Vindo junto de vós com a facilidade que é propria d'estes confusos homens da democracia, porque estou sereno, porque não pasmo da minha audacia e cuido mais de impressionar a vossa intelligencia que de alarmar a vossa fé? É que até as coisas da religião perderam a sua nobreza e estão insignificantes com o dobar dos seculos; a ironia dos homens chegou até ao throno de Deus; e rodeado das pompas seculares do Vaticano, servido por uma côrte vossa, revestido de purpuras e brocados, já não tendes inimigos que vos façam parecer martyr, nem grandezas de alma que vos possam tornar santo. Sois mediocre, Santissimo Padre, como tudo é mediocre desde

que a razão humana governa sobre o instinto e desdenha do sentimento. A vossa mão aberta em benção sobre a Cidade e sobre o Orbe, já não faz baixar os olhos aos peccadores, nem parar no seu vôo as andorinhas. Se tivésseis genio supersticioso e imaginação de poeta, julgaríeis muitas vezes, em face da sêcca de almas que afflige a terra, que sois apenas um Papa fugidio das sombras, um pontifice de impalpaveis phantasmas. Quantas fés são vossas amigas, quantos instinctos vossos vassallos? Um grande imperador moderno quiz receber no seu palacio um dos vossos antepassados: e Pio VII visitou Napoleão. O enviado de Deus cedeu maravilhado á obra do homem. A fé abdicou em face do genio.

Encontro, pois, em vós, não o apostolo antigo que vergaria a minha admiração sem a deixar reflectir, mas o diplomata frio, velhinho e sorridente, que comprehende os meus argumentos modernos e perdoará, com a tolerancia dos scepticos, a minha ousadia. Vós que sabeis a vida, ouvi um que quer aprendel-a: na minha voz fala um povo a morrer por uma banda e a crescer pela outra, pois se acaba o seu fim na historia, os ventres das mães insistem em gerar filhos que pretendem ser homens.

Muitas vezes, Senhor, a minha melancolia precoce pede a Deus que a illumine e lhe diga a sua estrella. Se é para a dor excepcional que vim,

que eu o saiba ao menos. Não basta ter de ganhar o pão de cada dia para que a alma acorde do seu sonhar vadio. Se a Vida é nada, que infimo nada é conservá-la? A fome estimula um corpo; mas só um ideal, como o sol que entra pelos vitraes de uma alcova, desperta a inacção e dá caminho á sensibilidade.

Homens sem fé robusta e serena, ha um perigo enorme em deixar que os nossos quartos de poetas sejam verdadeiras cellas da Trappa. O silencio e a meditação, que dão aos crentes a paz, aos inquietos só trazem a loucura. Na banca do trappista está a caveira a recordar-lhe como a terra é vã, e só Deus existe; mas nas mãos convulsas de Hamlet a caveira abre panoramas de terror e dá visões de desespero. Emfim, almas com todas as miserias, sem coragem, sem vigor, e sem maldade ao menos, não pôde ser nossa missão abrir com a propria enxada a propria cova; porque, Santissimo Padre, mal caberíamos nella e já teríamos cahido dentro d'ella.

Nos povos esfarrapados e mendigos, como este de que sou filho, ha mais idealistas que nos outros. A desgraça traz imaginação. A dôr fecunda a piedade. E nós que nascemos agora e queremos occupar os nossos velhos vinte annos, só uma estrada temos a seguir: procurar a felicidade na fé, e o socego no instincto. Desintellectualisar-nos. Enjoa-nos a analyse, agonia-nos a duvida. Pelo

..

contacto com os simples, enxertando nas nossas veias o seu sangue, fazendo-nos espectadores da sua desassomburada paz, melhoraremos e seremos uteis a Deus.

Tomae do vosso baculo, Santo Padre, e vinde commigo visitar, nas freguezias portuguezas, os vossos cruzados de hoje. Não vos predizem mil oraculos, como a nós nos annunciam mil prophetas, que uma nova era de mysticismo e crença rompe do nascente e vae de novo encher de poesia o mundo? Ignorae que os homens ainda os mais frivolos não estão longe de curvar perante Deus as cabeças cheias de vãs theorias para levantar ao ceu os adormecidos corações? Se a vossa experiencia não é só feita de pormenores e abarca o segredo das almas, certamente futuraes a esse que herdar a vossa tiara um encargo mais violento do que tem sido o vosso: em vez de arbitro das guerras, de principe dos diplomatas, o Papa de amanhã terá de ser como um intermediario entre o Senhor e nós. Reabrir-se-ão as Biblias esquecidas nas estantes, tornar-se-ão a povoar os mosteiros, e uma religião mais dorida e mais exigente, porque nasce da desillusão e não já da ignorancia, acordar-nos-á certa indolente manhã. Quem será o seu prégador supremo? Algum anjo reaparecerá em adoração no presepe, adivinhando? Ao contrario, imagino o novo Jesus dos nossos netos como um ancião de longas barbas e cavadas rugas, não

adivinhando mas sabendo, tendo visto e ouvido tudo, e não saindo do ventre sagrado de uma virgem, mas das entranhas malditas da Vida e dos Homens!

É para apóstolos d'este messias que entre os vossos Padres, ó maior d'elles, só encontraes cabeças inferiores e corações mesquinhos. E, no entanto, eu venho mostrar-vos como pela simples errata a uma das vossas mais frouxas regras, um novo destino talvez se abriria á Egreja. E a Portugal um novo futuro.

Sim, ao berço de Nun'alvares novos Nun'alvares talvez! Nesta hora tragica em que os nossos sonhos impuberes se emancipam, todos ardemos por communicar ao velho cadaver da patria o sangue filial das nossas almas virgens. Todos agonisamos em inercia desesperada e temos quasi terror de vir a ter filhos por não sabermos que destino lhes traçar na terra. Que fulgurante visão para portuguezes que veem dos lusiadas: levantar Portugal pela religião, e por mares ineditos demandar antes de mais ninguem a bahia hospitaleira e calma dos tempos novos!

Para formar uma tão luzida frota, como queis que os vossos Piores, cegos de gotta serena para o Ideal, á pôpa vão em timoneiros? Mandae-os resuscitar as mortas vinhas, e olhae que os apóstolos capazes de valer á causa de Deus são hoje apenas, Senhor, os philosophos e os poetas. Nimbae-vos com elles, e saireis protegido e triumphante!

\*

Não basta, porém, Santissimo Padre, abrir á luz do sol as janellas paralyticas dos seminarios e gritar ás andorinhas: Entrae! e implorar das aguias: Vinde aqui fazer o vosso ninho! Não basta. O rapaz de hoje não se resigna mais a ser um na vida. Na propria cella mystica havemos de ser dois, e ao braço, forte na crença, da mulher ha-de apoiar-se o braço duvidoso e tremulo do homem. Deus, mostrando-se cada vez mais ennevoado nos livros, deu-nos o terror de ficar só com elles. A virgindade do corpo, que outr'ora aspirava a encher de prestigio a fé, tornou-se hoje num paradoxo litterario e doentio das mesmas doenças que pretendemos curar. Do Amor, fonte da Vida, é que esperamos a agua. A nova crença sahirá dos ninhos do Lar. Nossos apóstolos serão os nossos filhos. Ah! tendes, Santo Padre, as meigas condições do nosso sacrificio.

Falo-vos com a consciencia por testemunha. Das memorias de um moço, nos seus dias de maré-cheia sentimental, transcrevo estas afflictas palavras: Quero encher-me de razão contra a Vida, signal de que ás vezes tenho medo de que não haja outra; quero mobilar e habitar todos os re-

cantos da minha consciencia, tomar com exclusivo ciume a posse d'ella, não vá ás vezes perdel-a sem nada achar em troca no alem-campa. É cheia de nevoeiros e noites a minha fé em Deus; mas é clara, solida, tranquilla a minha crença no amor e na immortalidade do sentimento. Mulher que um dia eu venha a amar, quem encontrarás que se te offereça assim? Eu não posso com a minha alma: bravia, desesperada, todo o dia altera a minha paz. Quero pôr-t'a nas mãos, dal-a a amansar ás tuas caricias, e não me importar mais d'ella. Ser o espectador da tua inconsciencia, ver como tu és feliz. O meu esforço será por me refazer á tua imagem: ser parecido contigo, que deves ter razão em ser como és — e tanto que te amo! O meu amor será tão grande, que nunca, por mais que me ames, enxergarás o tamanho d'elle: e ainda bem porque assim, senhor do teu corpo, serei o escravo do teu coração!

A cabeça de um rapaz de hoje é um mundo precoce cheio d'estes cataclismos. Uns dias o allucina o terror da Morte; e deitando fóra os livros dos sabios que lhe mostram como a sua consciencia terá fim com o seu corpo, elle pergunta quem lhe deu então as ideias de justiça, de amor, de paga no ceu, que batalham no seu pensamento? Será elle, porventura, mais intelligente que Deus? Outros dias, sente dentro de si memoria de outras vidas, julga-se um prolongamento de existencias

anteriores, e, se é portuguez, recorda-se de ter estado nas batalhas e nas descobertas, e suicidase por não ter uma illusão de pé nem um plaino inimigo que lhe appetiteça devastar com raiva. Eu mesmo já acordei de um sonho a gritar em lamentos doidos: *Perdeu-se a India! Perdeu-se a India!* e outra vez sonhei que o vencedor de Aljubarrota me batia á porta manhã cedo e me acordava dizendo: *Levanta-te, Alberto, que são horas de marchar para o campo!* E despertei em agonia, Santo Padre, por não encontrar ao meu lado nem uma noiva nem uma espada.

Já vedes que para servir a almas d'esta difficuldade, tendes de pôr entrelinhas subteis ao vosso rude evangelho. É longo o numero dos que querem crer, e não podem. Não será justo que consagreis a estes infelizes uma nova bemaventurança? Os padres do futuro precisarão da alma sempre á sombra debaixo de alpendres de ternura; do braço de sua mulher para subir as ladeiras; dos beijos dos seus filhos para respeitar o segredo da outra vida. Com esse celibato que não vos foi aconselhado por Christo, mas prégado pelos monges da Thebaida que faziam da renuncia uma vaidade, não encontrareis já para ajudar-vos senão consciencias anãs, avidas de sophismar os seus escrupulos. Se quereis homens de talento e de alma, que anceiem por fazer deitar raizes, ao mesmo tempo á fé dos povos e á sua, riscae dos canones rigidos o celi-

bato eizei aos Padres: Meus filhos, ide á procura de noivas, e dizei missa na igreja simples do vosso Lar!

Na antiguidade, deram por mulher ao padre Injurius a allucinada e mystica Scolastica. Mas na noite de nupcias, eil-a que chora rios de lagrimas porque vae emfim ser-lhe roubada essa virgindade que ella havia já promettido em holocausto a Deus. O marido commove-se d'esta dor; não quer obter, por uma violencia, o que já por voto pertence ao ceu; e, firmado nestes escrupulos subteis, determina que por toda a vida durmam juntos os dois esposos sem peccado. Assim foi feito; Scolastica entrou virgem na bemaventurança; e diz-se que por premio divino, os seus tumulos (e dentro d'elles os seus corpos) se fundiram por fim em um só no cemiterio.

Tal exemplo de virtude absurda deixa regelada a minha emoção. Por servir a Deus, não é dever que nos lembremos d'elle a todo o instante; e se como o poeta diz, *Deus fez as almas aos pares*, amemo-nos, cada um escolha a sua companheira, e collaboremos na Creação immensa com a nossa Creação affluente e humilde. Vereis, Senhor, que nem mesmo assim todos se casam, por não encontrarem no seu fadario a metade de alma que lhes faz mingoa; mas todos os novos apóstolos se revoltarão, eu vol-o affirmo, a que se lhes imponha por sentença, ir ao longo da vida, sejam quaes

forem as estradas, haja arvores ou haja desertos, haja fontes ou mares sem termo, prohibido o cego de levar sua guia, o tropego privado da sua muleta, o homem, porque é padre, privado do encanto supremo de conhecer familia.

\*

Tão alto estaes, e tão longe, que sem o sentir fui levantando a voz e tornando-a pomposa quando deve ser apagada e humilde. Attenuemos depressa. Porei um quebra-luz á chamma das minhas imagens, e uma surdina ao echo das minhas palavras.

Escrevo esta carta no meio de uma natureza doce e calma, que se doeria se eu alarmasse com gritos o seu socego. A aldeia é da frescura e do tamanho de um cabaz de flores. A minha janella fica a meio da encosta, por onde neste instante (como é dia de festa) descem os gaiteiros com as suas gaitas de folles, e as raparigas, vestidas de clara serafina, agitam no ar os enflorados adufes. Só eu talvez estou scismatico quando até as pedras riem das cocegas do sol, os jumentos nas lojas orneiam com volupia, e o balido das ovelhas tem uma cansada resignação christã. As flautas dos capadores,

assobiando com rustica ironia, acodem tambem pelo celibato dos bichos. E tenho a mais verde inveja aos adivinhos e agoireiros que o povo rodeia com as mãos no ar, ancioso por saber soletrar nellas o abecedario do Destino.

Quem sou eu para vós, oh Simples? Velhas de mandil branco, velhos lavradores com careta de meninos, mal imaginaes que tenho para vos dizer coizas que todos vós comprehenderieis. Bastaria para isso ser o vosso reitor, o mais venerado pegureiro d'este monte, tendo por encargo dar o biscato aos passarinhos e a paz e a absolvição ás vossas almas. Debruçado no meu peitoril, amigos, sem pôr um crepe ao sol para que o escuro vos fizesse medo, tendo apertado ao peito um dos meus filhos, quantos sermões se empurrariam nos meus labios e iriam um por um falar comvosco! Em mais ninguem terieis confiado como em mim. Um era o Juiz que vos manda para a Africa; outro o Fidalgo que vos podia faltar com a jorna; outro o Doutor que, num encolher de hombros, vos faria com leme para a Morte. Só eu, ajudado das vossas esmolos, vos acariciava o orgulho sem vos fazer meus servos: vivia para vos fazer felizes, dar estimulo á vossa honradez por que não murchasse, ensinar a ler de graça os vossos filhos.

Ver-vos-ia lavrar, malhar, cavar na terra amiga, indo merendar comvosco no socego virginal das mattas, á sombra fresca dos cedros, e no tronco

decepado de um fazendo altar para vos dizer missa. Quando eu começasse com voz clara, em chão e eloquente portuguez, glosando as orações que vós sabeis de cór, o silencio que se arredondasse seria absoluto a ponto de se ouvir deslisar o rio que na sua cama de seixos, ladeado de noras, se ennovella com preguiça pelos milhos dentro. Os mais bem comportados viriam aos meus serões, para as creanças recém-nascidas bordaria toucas a minha mulher, e os maus, embora se não emendassem, teriam vergonha e emigrariam ao menos para longe.

Santo Padre, já deveis ter ouvido dizer que a Poesia sabe sempre a verdade antes de todos. Pois é ella que nos aconselha a levar ancoras d'este estagnado tempo em que as coisas da intelligencia, puros episodios e ornamentos da vida, absorvem e interessam os homens. Só pela vida sentimental nos podemos exceder a nós mesmos. As hypotheses dos sabios e a as peregrinações intellectuaes atravez dos livros perdem todas a cor e a firmeza quando a Morte nos vem fazer visita: mas as descobertas do coração, o amor, a virtude, o sacrificio, darão certamente uma grande superioridade e uma especie de transcendental orgulho á alma, no momento de deixar a misera materia que habita em nós.

Se em Portugal não houvesse celibato, mandando ás aspirações mais profundas e vivas do

nosso espirito, que se contenham, e offerecendo-nos uma solidão cellular proxima do desespero e do suicidio para d'ella tirar a fé, o vosso clero não constituiria uma fórma de industria blasphema e extravagante, nem os vossos levitas (ainda os mais espertos) se esforçariam por ornar de flores de oratoria viciosas e más a expressão da verdade que, só nua e natural, é que é verdadeira. Os vossos Padres seriamos nós, gerações novas inquietas e scismadoras, moços com fome e sede de justiça, cuidando de amar e consolar a patria por conselhos que tendo atravessado e adivinhado a vida, tivessem raizes nella. Outr'ora, quando havia guerras, a voz da fé chamava ao heroismo, e ao pé da espada ardente de Nun'alvares ninguem tremia de frio nem de medo. Agora, que as guerras são de um a um e pelas costas, a coiraça e a malha de cavalleiro envergam-nas barytonos nas operas, e as espadas, de vergonhosas, enferrujaram todas. Agora só a voz do coração poderá fazer calar a voz da força. No amor está Deus: nelle descobrimos e como palpamos parcellas de immortalidade. As theorias mais logicas conduzem aos resultados mais absurdos: e é uma infamia estar a acenar ao homem com a felicidade como ella não existe, em vez de o habituar á dor e lhe tornar em ventura a paz da consciencia.

Uma vez padres, estariamos ao lado dos emigrantes e dos degredados, das mulheres adúlteras

e de aquelles a quem o mal roeu a vinha. Para as raparigas novas escolheríamos maridos que as fizessem felizes. Seriam o nosso evangelho a *Imitação de Christo* e a historia lusitana. Commentando cada uma das maximas do santo livro, e fazendo-as comprehensíveis e praticas pelo proprio exemplo dos nossos maiores e contemporaneos, discutindo com simplicidade e doçura, fortes no desinteresse e eloquentes na renuncia, lavradores que nos ouvissem chamar-nos-iam santos, sabios que nos desdenhassem acabariam por procurar dentro de si a nascente de onde, para todas as creaturas, corre a mesma agua benta e mystica.

Finalmente devo lembrar-vos, Santo Padre, que a suprema Arte, essa que é uma modalidade e uma diversa vestimenta do Bem, só ganharia em que os seus apóstolos, em vez de dispersarem a consciencia nas profissões que tornam azedo e bilioso o seu idealismo, portanto systematico e injusto, juntassem todas as forças para esboçar um programma de existencia que de todas as bandas lhes appareceria perfeito, nobre e superior. No fundo de um poço, quem não será sombrio? Mas, rodeado de panoramas largos, na visinhança de montes, de rios, de estrellas, o espirito alarga-se e voa. O fundo divino que ha dentro em nós, para conservar a sua pureza, precisa de robustecer-se pela harmonia da nossa acção com as nossas crenças. Um poeta não pode ser senão um poeta, e

como padre não sahiria nem do seu ideal nem dos seus processos.

O homem é inferior e mesquinho, e creio firmemente que em outro planeta habita uma humanidade superior á nossa, como o indicam as ideias que temos maiores que nós (utopias, chimeras, palavras loucas) e de que são reflexos ennevoados os nossos grandes philosophos, poetas e santos. Mas o homem só é ainda um ser mais imperfeito, e falha por metade aos seus destinos. O Lar é a unica consolação philosophica e consoladora da existencia. O homem não nasceu senão para crear outros homens melhores que elle. Se aprende é para ensinar melhor. Se trabalha é para que o imitem.

A solidão é um egoismo tragico. Se me perguntardes, Santo Padre, a morte que prefiro, não vos responderei que ambiciono morrer de um ataque subito, em um segundo, sem consciencia nem dor. Horrivel que isso será! Então toda a vida que organizei para mim, os filhos que tenho, as coisas a que sou affeiçoado, não merecem um adeus, um beijo, uma lagrima? Não: morra eu sabendo que morro, tenha tempo para abençoar quem estimo, para ver chorar quem me adora, e para num minuto de suprema synthese, recordando o que soffri, lançar a minha ultima interrogação ao Mysterio. Essa pergunta será quasi um desafio: e se Deus não existisse, por causa d'ella teria talvez o primeiro remorso o Inconsciente.

Não: só para nenhuma parte, nem para o Futuro nem para o Pó. Não nos afundemos na vida quando pelas inspirações do Amor podemos crear um piqueno universo nosso. Deus fez-nos á sua imagem, a Felicidade e a Arte só devem ser feitas á imagem e semelhança d'elle. Não: repugna-me morrer de uma boçal apoplexia ou de aneurismas que a electricidade americana, vereis, acabará por aperfeiçoar e tornar mais rapidos. Deus me guarde de entrar no Infinito, para onde vou em tão dolorosa jornada, sem o exame de consciencia acabado e as malas feitas.

---

## DO NEO-GARRETTISMO NO THEATRO

*Meu amigo:* Quero hoje divagar contigo sobre essa admiravel arte do Theatro, capaz como nenhuma outra de conter em syntheses ao mesmo tempo que divinas, humanas (como a dupla natureza de Jesus), os mais vertiginosos panoramas da Vida, e a que a impotente litteratura contemporanea quiz chamar, com desdem, um genero de arte inferior, todo de artificio e de convenção, interessando o publico por combinações scenographicas e finaes de effeito, e por isso piquenina demais para figurar dignamente na apparatusa cavallaria do Naturalismo. Todas essas fertilidades absurdas que dão dois volumes ao anno, na impossibilidade

de se multiplicarem tão presto em dramas capazes de exito, voltam as costas ao theatro e chamam-no officio alheio á arte, improprio de altos espiritos e só accessivel ás mediocridades sem escrupulos. E assim este tempo, que devia legar, ao menos, aos vindoiros, duas ou tres assombrosas tragedias, todo se vai desfazendo em livrinhos de informação exigente e indiscreta applicada a almas, miudezas de psychologia e de nevrose, exquisitices de traço e de pensamento, nada solido, nada intenso nem grande, nada que appetença reler nos dias em que se tem o nojo da Litteratura e a amarga certeza de que a Vida não são anedotas. Não digas que exaggero. Certamente, de um ponto de vista tão alto, não posso enxergar cantos de valle bem colmados de verde, ou curtas varzeas viçosas, onde é doce o repouso: vou em busca, antes, de horisontes vastos, immensas cordilheiras por onde se sinta fumegar o cansaço das Almas que as vão subindo.

Senta-te, pois, aqui ao pé de mim, derrama na tua alma (como incenso de um thuribulo) as emoções d'este maravilhoso paiz onde nascemos, recorda a simplicidade em que fomos educados e a que de novo regressamos, esquece as tuas reminiscencias e preocupações livrescas, e tenta emfim remontar ao estado de espirito de um homem muito intelligente, que nunca houvesse lido ou visto senão obras-primas; e que tivesse a mesma comprehensão exigente e definitiva para julgar a

formosura de uma floresta e a de um livro de versos. Esse homem entrava na nossa mesquinha bibliotheca de brochuras amarellas, onde no entanto ha tudo quanto os cerebros contemporaneos produzem de melhor, dizia adeus com familiaridade de amigo velho a uma Biblia, a um Dante, a um Shakspeare, a um raro Cancioneiro e a uma chronica da Renascença, e em seguida punha-se a folhear, cheio de curiosidade, as brochuras miudinhas da nossa collecção. A sua intelligencia era agudissima, tão aguda como a sua simplicidade, tão vasta como a sua humanidade. E começava por esse irritante *Jornal* que acabo de deixar no meio, de um homem chamado Goncourt, que tem setenta annos, e cuja dominante obsessão é ainda hoje, pela manhã quando acorda, provocar allucinações de côr aos olhos ainda píscos, com os vitraes da claraboia da alcova. Que estranheza deviam causar ás barbas brancas do meu Asceta e aos seus olhos humidos e grandes, os perfumados bigodes d'este velho litterato, a sua pretenção, os seus olhitos penetrantes e requeimados! E veria, em seguida, que na obra de Goncourt não ha um largo sopro de humanidade: tudo alli é litterario e moveis velhos. Compreendendo tudo, não conseguiu sentir nada como um homem. Em face de uma tragedia de lagrimas, a sua attitude foi, de monoculo, encher de notulas hystericas o seu memorial de escriptor. Daria um amigo por um prato

..

do Japão, bem raro. Dos aspectos moraes da Vida, da sede de infinito que devora as creaturas, dos simples sentimentos da Virtude, da dedicação, da ternura, como eram irreductiveis a phrases, inexplicaveis pelo som e pela cor, a sua singular cegueira nada comprehendeu. O espectaculo da Vida não lhe provocou um grito, uma brutalidade, um desespero: nervos, nervos, nervos, ter um lar com mulher e filhos foi idéa que não chegou a inquietal-o, não amou ninguem, nos amigos estimava unicamente o litterato, e afinal, quando morre Jules, a elegia que lhe faz Edmond é o insupportavel jornal de uma agonia dito com tanta ferocidade e pormenores, que se teria de admirar a singular presença de espirito de aquella dor, se não vissemos logo, por cima d'ella, a volupia do litterato a espejolar-se.

Nunca jantou na paz de uma familia, numa sala cheirando a arroz-doce, conversando de coisas simples e encantando-se a fazer tagarellar as creanças; nos seus jantares falava-se de litteratura sempre, e um dia que Hugo convidou os dois irmãos para jantar, ficaram espantados de que um tão grande espirito conversasse á mesa como a outra gente, e de que o seu sequito fossem excellentes e tranquillias mães de familia, em vez de decorativas fidalgas, bebendo preciosos licores e trajando sedas lindas de deslumbrar. No cerco de Paris, Edmond andava pelo meio das barricadas a pro-

curar adjectivos, que não balas, com que fixar certas attitudes de revolucionarios. É deploravel. Ter cabellos brancos e nunca ter tido a impressão de que a Vida não é uma collecção de antiguidades, nem um adjectivo raro; nunca ter sentido o vazio da sua obra, e o tedio quasi anojado que ella viria a produzir em gente humana! Aos setenta annos, Edmond continúa a colleccionar pratos, e o ultimo livro apparecido d'este Velho, que eu não desejaria ao meu maior inimigo para avô, é o estudo benedictino e tranquillo sobre um Pintor japonez. Nunca teve alegria em frente de um bom sol, nunca se embriagou da frescura de um pinhal, ou de um trecho de mar largo. O sol só o cita por poder comparal-o a alguma preciosa lacca do seu museu, mais que o murmurio de uma floresta o perturba o *ruge-ruge* de uma seda amarrotada nas mãos, e infinitamente preferivel a dormir a sesta encostado a um tronco de arvore, respirando ar que cheira a flores e ouvindo cantar a agua de uma nascente, é para elle adormecer sob uma coberta de brocado, sonhando com o grande seculo e fumando cigarrilhas de sandalo. Estou convencido de que, á hora da morte, Edmond pedirá para a roda de si, não um crucifixo, ou as lagrimas de uma Irmã, ou as orações de um padre, mas os seus bronzes e as suas porcelanas. O seu ultimo suspiro oiçam-no bem; será, eu lh'o juro! um neologismo.

Ó meu amigo, diante de tanta complicação sinto náuseas! Já não é homem quem escreve assim este *Jornal*: ao pé d'elle, appetece, tem-se o orgulho de ser trivial, de chorar e amar como toda a gente, só para não ser *isto*! E está certo de que a alma direita e branca do nosso Asceta, diria: Esta obra é uma obra sêcca, feita por almas tendo a aridez (sem terem o vago) das charnecas. Mais me encanta e me enche de sonho que tal aravia, a palavra ingenua de um simples, dizendo a oração da manhã, antes de começar o trabalho.

\*

Não te espantes d'estas opiniões extremas, que são proprias de quem procura num livro, menos as suas qualidades de execução, de invenção e de detalhe, as suas imagens e os seus adjectivos, que a raça de alma que por traz d'elle se occulta, e a maneira como ao cerebro do auctor se impõe o espectáculo da Vida. Dirás, e nisto discorres acertado, que com a minha alampada accesa (já atraz o accentuára) vou pelas ruas acotovellando toda a gente, para apenas fixar os meus olhos sobre o Homem de Genio. Assim é. Não venho a negar que haja muito talento disperso pelos milhares de paginas que diariamente apparecem. Pergunto

apenas: quaes são os livros, ou o livro publicado neste meio seculo, que de aqui a cem annos não terá morrido e será capaz de impôr aos nossos vindouros o mesmo religioso respeito e emoção com que hoje folheamos o *Hamlet* ou a *Imitação de Christo*? Diante da mais singela chronica do seculo xvi, onde, num modo de dizer ingenuo e balbuciante, se descobre uma intensa emoção dramatica e mancheias de alma dando vida aos assumptos, é natural perguntar se os nossos netos acharão algum interesse, mais que o da curiosidade, e colherão alguma emoção, mais que a da extravagancia, na leitura dos livros carregados de estylo, mas tisticos de alma, que lhes legamos. E se te cito com insistencia os Goncourt, é porque elles representam o maximo a que a obsessão da Litteratura pôde conduzir um homem de talento; e como este maximo é desconsolador, o exemplo poderá talvez aproveitar aos que se deleitam com os seus epithetos raros, como com beijos de amarantinas boccas.

Não quero, porem, esquecer-me de outro escriptor que foi o antipoda dos Goncourt na sua esthetica, pois proclamou a Alma, a Vida, o Infinito, a Virtude, como os motivos dominantes da sua obra, e ficou na lenda como uma especie de propheta e de santo, cheio de allucinações em que adivinhava o Amanhã e via Deus. Falo de Victor Hugo, cuja obra não consegue entrar na minha alma e empolgal-a, porque é monstruosa. Toda

de emphase e de antitheses, não me dá da Natureza e das coisas uma impressão humana e que eu seja capaz de partilhar. As emoções perdem a frescura, carregadas de imagens, de complicadas visões (e cedendo ao peso d'ellas). Um riso de creança, um cantar de fonte, um cahir de sol, coisas simples, que em dois versos me seriam evocadas com intensidade, apparecem disfarçadas, perdidas, irreconheciveis, entre exuberantes metaphoras. Hugo descreve uma floresta: e em vez de me dar uma impressão da sua grandeza, de m'a pôr diante dos olhos cheia dos sussurros do vento e do murmurio das aves, faz d'ella uma longa figura, deformatoria em grande, em extrahumano: de cada arvore brotam, não fructos ou flores, mas reflexões philosophicas e imagens. As Coisas, as Aves, juntam as suas vozes á do Poeta, e falam, como elle, a mesma emphatica lingua forrada de eloquencia e de propheta. E, ao fim da descripção, pôde o imprevisto da fórma e o brilho das imagens ter-me seduzido, mas a floresta, *não a vi*. Abundancia, assombrosa fecundidade, genio? Sem duvida: mas isto só não faz o Poeta, isto só não é a Arte. Tambem são abundantes Shakspeare e Shelley, e a sua abundancia não os expulsa da alma humana. Hugo tinha qualquer coisa de aberração na sua dor e na sua alegria: de dentro dos seus versos não escorrem lagrimas como as nossas.

O que sobretudo me fatiga nos seus livros, é a permanente attitude de Poeta profissional, como direi? encartado, que elle se impoz e de que nem se esquece nas posições pensativas dos seus retratos, braços cruzados e a cabeça inclinada ao peso do genio. Vi uma photographia em que Hugo, com um manto enfunado ao vento, em cima de um rochedo (o do exilio), como que diz á Humanidade prophecias. E o episodio do esculptor que teve de lhe pôr em duvida o tamanho da testa (visto Hugo não querer poisar) para lhe surprehender certos detalhes de physionomia, no rapido momento de quietude que o Poeta teve, tal o seu pasmo pela espantosa blasphemia?

Como um alto funcionario, grave e ponderado, em frente de uma desgraça, se recorda subito da sua posição e trata de harmonisar a sua dor com ella, de misturar ás suas lagrimas o mesmo perfume que usa na roupa, para as tornar accitaveis em sociedade — Hugo nunca se esquece de que é um grande Poeta, de que tem atraz de si uma dynastia de genios, cujo aspecto decorativo precisa de imitar. A sua missão social de Poeta, educar, prégar, ralhar aos Reis e aos Papas, obriga-o, nos instantes de mais simpleza e ternura, a profissões de fé da peor oportunidade. Este defeito é fundamental, pois se a dor de um Poeta deve distinguir-se da do homem que passa, é em ser transcripta com genio, não em ser menos sentida, ou mais con-

vencional. Ainda ha dias li o livro de Hugo sobre Shakspeare: a obsessão do seu papel e a admiração de si proprio teem ali um documento extraordinario. É realmente, a vaidade de Hugo, uma vaidade epica, genial, cuja audacia assombra.

A verdadeira Verdade, todavia, é que, se ha poesias de Hugo que são uma maravilha de imaginação e puras obras-primas, a sua dor e a sua alegria não nos parecem authenticas, ou, pelo menos, não são humanas. Quereríamos vê-lo chorar, ter desespero e lagrimas como nós outros. Dirão que é a corrente, dizer mal de Hugo? Mas não: o certo é que Hugo não se lê, hoje, senão no seio das familias, onde os seus romances humanitarios são devorados como os de Eugenio Sue. A sua alma não está em relações com a nossa: e assim, aclamado pelo Mundo, enterrado com uma extraordinaria pompa, Hugo esqueceu. Não é a sua obra, nem a theoreticamente opposta dos Goncourt, que darão alento ás Almas fatigadas, para subir a ladeira. Todos, cansados de saber, e com remorsos de terem aniquilado a ingenuidade e a pureza de espirito pelo contacto com a Vida, perguntam de toda a parte quem será o estranho Genio, sabendo tudo mas sendo simples como se tudo ignorasse, falando de modo que o entendam pastores da serra e doutores da sciencia, e capaz de, levado ao alto da montanha por nós, poder falar com a mesma serenidade e justiça (como,

outr'ora, Jesus ao Diabo) « de todos os Reinos do Mundo e da gloria d'elles. »

\*

Como me permitti eu, querendo fallar do Theatro, uma tão vadia tagarellice sobre os mais alheios assumptos? Comecei esta carta para te falar da idéa que me obsidia, e que vem a ser: que o Theatro é uma arte superior, muito menos accessivel ao bicho-litterato que o Romance, e que em Portugal tal especie de arte poderia desenvolver-se com pujança e vigor, visto este povo ser essencialmente dramatico e poetico, como tão bem o viu Garrett. Falando-se da litteratura, e com os olhos fitos n'alguns exemplares d'essa antipathica profissão, na nossa terra, veio a pello exprimir todo o meu desgosto de sensibilidade pela influencia do convencionalismo e do artificio sobre a obra, como sobre a vida, d'este ou de aquelle escriptor. Estas observações amargas teriam de vestir uma feição, que eu lhes desejo evitar, se quizessem referir-se a Portugal. Eu diria aos que, neste paiz encantador e simples, tentam introduzir a mania das doenças litterarias e agasalhar em seu seio o rato da Nevrose, de que algumas almas de eleição se sentem roídas, o perigo de fazer cahir, pelo

seu impulso, toda a nossa robusta Arte em insignificantes quadros de genero. Diria como, neste paiz, onde ha cinco Poetas admiraveis e humanos para ler e reler (João de Deus, Anthero, Junqueiro, Gomes Leal e Antonio Nobre), mysticos e religiosos por natureza e raça antes dos mysticismos litterarios de ainda-agora, já repontam flores exóticas de arte querendo destornear a Poesia portugueza, unica joia que ainda nos restava para padrão do que foi Portugal outr'ora. E isso me peza pela sorte d'esta terra incomparavel, cheia de paizagens por ver, de tradições e lendas por desempoeirar do esquecimento; d'esta terra que ainda ha vinte annos falava pela bocca dos seus homens de genio, uma lingua forte e cheia de encanto, com alma portugueza, com pictoresco portuguez, com saudade e melancolia que nos foram signal desde sempre. Os frades que Herculano creou em marmore, de um bloco, a Joanninha do valle de Santarem, figura divina de graça e frescura, os romances de costumes de Camillo, a minha namorada morgadinha dos Cannaviaes. . . Portugal posue neste seculo uma litteratura cheia de vigor e de character. Os seus Poetas, ardentes e cheios de febre, são quatro vezes superiores aos melhores Poetas francezes contemporaneos, com defeitos de execução faceis de eliminar por seguidores que comprehendessem, como elles, o orgulho da sua raça.

Ó rapazes meus camaradas, vamos pedir aos Francezes, se quizerdes, a sua sciencia de detalhe, os seus rythmos sabios, os seus processos de observação e critica, — mas desenrolemos os nossos pergaminhos poeticos, que os temos, vindos do Povo, de um quilate riquissimo. Das cantigas das espadelladeiras da nossa quinta, dos rimances rezados pela nossa Avó, não sentis vós subir o aroma de poesia, de religião, de doçura e graça que deve ungir as vossas balladas? Não comprehendes a inferioridade mesquinha e *commis-voya-geuse* de importar o catholicismo falso dos outros, o seu diabolismo litterario, a sua allucinação feita de leituras e de um intenso viver cerebral num meio horrivel, onde ha frio, crime, a Miseria e o Mundo inteiro que se não importa? Nós possuímos, contra elles, um authentico horisonte poetico, cheio do encanto dos oiros esmaiados e dos velludos gastos. Somos um povo mystico e supersticioso, atacado da febre das grandezas, e d'ella morrendo, como um Poeta doido, vestido de sedas velhas no meio de um presepio de cabras. Temos diabolicos e sadistas na nossa historia, e casos histericos abundantes em pormenores: ha aldeias em Portugal, com familias inteiras de doidos typicos e ineditos. Temos a paizagem moribunda e aguçenta como esta de Coimbra, onde as alvas do dia são, seguramente, hemoptyses da Terra, tísica em ultimo grau. E como é ridicula e impotente a ideia

parnasiana no meio de tantas opulencias por explorar, e afflige a mesquinha obra de Crespo cantando moveis e porcelanasinhas, nem ao menos os nossos moveis, nem ao menos a nossa India cheia de sonho, e a poesia bizarra, os allucinados tremolos de oiro e de seda que provocam na alma as chronicas das Descobertas, onde se parece ir por um mar de esmeraldas, galeões atraz de galeões, rondando as costas do Malabar, a cruz de Christo nas vélas, com especiarias, diamantes, oiro, ambar, marfim, como uma estranha, admiravel frota que voltasse do Sol, de cavar oiro! Como rasga na alma janellas immensas de céo, a visão d'essa India tão feerica, que até os nomes das suas terras teem timbres de oiro, e são macios como velludos de Meca ou como as sedas da Persia: paizes encantados, onde as grades para os presos são de oiro macisso, e os palacios dos Nayres teem, lá diz Damião de Goes, «varandas de oiro sobre o mar!»

Vá, Poetas, para aqui desviae os olhos attentos da vossa phantasia! Armemos tambem a nossa frota, como outr'ora, e dentro de embandeiradas fustas e caravellas vamos através das paginas amarellas das chronicas, das trovas graceis dos Cancioneiros, das illuminuras delidas dos livros de Horas. Fazei vossas odes d'esta visão intensa do que fomos, se o Passado vos tenta: dizei de vossos Avós as arrebatadas cavallarias, e buscai sua

coragem de animo nas feições esmaiadas dos paineis: mergulhae na Paizagem, e contae os encantos d'ella, parallellos aos da terra que a fecundou; ide ás cercas dos conventos extinctos evocar almas de hystericas e de Santas que alli amortalharam seus dias; e se é a Deus que quereis rezar, se é a simplicidade christã a da vossa alma, ó ermidas de Traz-os-Montes, piquenos campanarios que repicaes pela festa do orago, onde altar mais humano, mais florido, mais doce, para os nossos psalmos, extasiadas ladainhas, ou piedosas romagens?

\*

Tenho eu pensado na vaidosa satisfação dos poetas minimos dos ultimos cenaculos parisienses, ao verem certos meus compatriotas deslumbrados diante dos seus pobres ensaios, enchendo-lhes os nomes de lisonjas e apotheoses, e dando-lhes a illusão de que o seu talento corre a Europa, entre palmas verdes de victoria. E a França é pobre de poetas: das ultimas controversias litterarias liquida-se Paul Verlaine, um perpetuo enfermo de hospital, atacado de todas as loucuras da doença e do genio, e gritando pela vida fóra, em uivos de macho ou em gemidos de penitente, versos que são a gangrena mesma das suas chagas. É, certo,

um Poeta admiravel: mas não tem um discipulo que o valha, e já na sua desamparada velhice o abandonam.

Em Portugal seria necessario que nós os poetas emigrassemos para as aldeias, habituando-nos a uma vida doce e monastica no fundo de bibliothecas tristes, cheias de velhos livros, em cujas capas nos viesse como insinuado, o tedio das brochuras francezas. E aprenderiamos historia portugueza no convivio do Beirão quasi primitivo ou do Transmontano rude como um tojo, dos pescadores da costa supersticiosos, quando vão nas estradas cantando o Bemdito, das romarias ao San-João, bizarras como festas japonezas, que em Braga são de um encanto unico. Veriamos, aos poentes, enterros na aldeia caminhando, ao tlim-tlim das campainhas, pelo meio dos milhos; as queimadas das serras, de um tão sinistro effeito nas noites negras; as espadelladas ao luar, taesquaes rondas de fadas, com rytmos que sobem, por escadas de sonho, até ás freirinhas professas da Via-Lactea. . . Talvez assim comprehendessemos o character do nosso paiz, e vissemos bem largo o caminho que nos podemos traçar de um momento para o outro, cheio de novo, no meio d'esta Litteratura fatigada.

Quero agora falar-te, em duas linhas salientes (já que divaguei tanto) das minhas idéas sobre o Theatro. Vês em França como as tentativas dos

naturalistas e das outras escolas tem falhado. Esse fiasco, que elles attribuem á inferioridade da arte dramatica, para mim significa o contrario. Com preconceitos de escola nunca se fará em theatro uma obra duravel, porque o trabalho dramatico, para triumphar, tem de ser perfeito e de conseguir que a emoção caia no espirito do publico, crystallina e intensa como um veio de agua. Procurarei fazer-me perceber melhor. Emquanto o Romance admite convenções e caprichos de these que só muito de leve prejudicam o seu valor (como nos livros de Zola), em theatro a acção está tão presa episodio a episodio, e tão tangente á acção a alma do escriptor e a emoção do Publico, que o mais leve desvio para fóra da humanidade, subverte subito todo o resto do trabalho, como num equilibrio perigoso. Um drama faz-se com meia duzia de scenas sobrias e simples, onde não ha logar para descripções e effeitos de pura belleza litteraria, como no romance: todo o interesse do publico se confina, porisso, na essencia mesma da obra, no seu valor como synthese, no que eu chamarei, pictorescamente, o seu *miolo* psychologico e humano. Assim, indo a attenção mais direita ao alvo, por terras de bom piso, sem piquenos encantos de detalhe, pelo caminho, onde se prenda ou divida, a prova real de um talento é mais segura e mais prompta.

Ha pouco tempo na Belgica, um Poeta novo, Maurice Maeterlinck, muito lido em Shakspeare,

Edgar Poe, e quizá no norueguez Ibsen, ensaiou piquenos episodios dramaticos, destinados a dar uma impressão intensa de terror por meios simples, sem emphase, repetições de phrases como em echo, evocação de motivos humanos e universalmente sentidos. O seu ensaio foi, e está sendo ainda hoje, coberto de aclamações: houve quem lhe chamasse o novo Shakspeare. Em verdade, apesar do exaggerado rigor com que quasi pastichou o tragico do *Hamlet*, Maeterlinck escreveu *Les Aveugles*, que é um trecho admiravel. Aquillo, porem, não é ainda theatro; taes peças dramaticas não teem caracteres, nem psychologia; são simples ensaios de composição muito perfeitos, aliás, mas já em trabalhos ultimos do mesmo Poeta repetidos com monotonia e pobreza de invenção. E se cito aqui Maeterlinck, é porque a sua theoria, recebida como nova e acclamada como um dogma, era ha meio-seculo adivinhada e posta em pratica, com um tino absolutamente genial, por Garrett, no *Frei Luiz de Sousa*.

Quem leu, na memoria ao Conservatorio com que abre o livro, palavras de theoria como estas: «... a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nem amores, «nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum genero. Com uma acção que «se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um es- «cudeiro velho, um peregrino que apenas entra em

«duas ou tres scenas—tudo gente honesta e temente  
«a Deus — sem um mau para contraste, sem um  
«tyranno que se mate ou mate alguém, pelo menos  
«no ultimo acto, como eram as tragedias de antes  
«— sem uma dança macabra de assassinios, de  
«adulterios e de incestos, tripudiada ao som das  
«blasphemias e das maldições como hoje se quer  
«fazer o drama—*eu quiç ver se era possível excitar*  
«*fortemente o terror e a piedade*,—ao cadaver das  
«nossas plateias, gastas e cacheticas pelo uso con-  
«tinuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com  
«sós estes dois metaes de lei... Não sei se o con-  
«segui; sei... que aquelle que o alcançar, esse  
«achou a tragedia nova... tem creado o theatro da  
«sua epoca... O drama é a expressão litteraria  
«mais verdadeira do estado da sociedade...» quem  
leu estas palavras, para logo conclue que nenhum  
escriptor das ultimas camadas avançou mais em  
seus desejos de renovação artistica, e vê o pode-  
roso theatro que os nossos artistas poderiam ter  
creado só com seguirem as idéas de Garrett, tão  
absolutamente cumpridas no seu incomparavel  
drama.

Seria preciso fundar um *neo-garrettismo*, e  
fazer aos Novos decorar o *Frei Luiç*, interpretal-o  
e marginal-o de commentarios piedosos como fazem  
os Stendhalianos ao seu mestre. Garrett fôra so-  
bretudo um grande e activo agitador de idéas, o  
chefe de uma escola que ainda não teve um dis-

..

cipulo. Elle sonhou, com olhos de genio, uma Litteratura portugueza nova, pujante, toda de regresso ás tradições, com a melancolia e o maravilhoso do povo, e logo procurou fornecer modelos para todos os generos de arte: assim renovou o Theatro, organisou o Romanceiro, escreveu romances nacionaes, exaltou a nossa Paizagem, emfim compoz esses divinos dois volumes das *Viagens na minha terra*. Garrett, mais que nenhum outro escriptor portuguez d'este seculo, pela sua variedade de aptidões, prompta emoção e senso artistico, pela sua aguda e vasta intelligencia critica, merece que inscrevamos o seu nome em nossos balsões de campanha, e de olhos fitos na sua obra, vamos seguindo os caminhos inexplorados que elle apenas indicou, sem ter tido tempo de os percorrer.

O *Frei Luiz* é uma obra para estudar e meditar. Os que estimam, de preferencia, personagens estranhos e doentes, capazes de arranhar mais fundo a alma com suas garras de além, porque não estudam, com recolhimento, o modo simples, tenso, insubstituivel, como Garrett conduz através do drama a figura hysterica de Maria, mãos a arder, sempre rosetas de febre na face, sabendo tudo «com um saber cá de dentro», lendo nas estrellas, ouvindo, ao longe, a voz do Pae que chega no bergantim, crendo na vinda de D. Sebastião, sem medo da peste porque «se lhe não

pega nada», e com suas adivinhações e prenuncios fatalistas, transcriptos em episodios de uma fulminante emoção, trazendo em permanente alarme o allucinado amor dos Paes?

E porque não estudam ainda a prosa d'esse escriptor, originalissima, toda em rythmos languidos como os de um fado, de um garbo de phrases que lembra as maneiras de um paladino, doce, doce como beijos, palpitante de frescura, cheirando a flores, de uma piedade bem humorada e terna para a Desgraça, sobretudo nada hirta, toda mimada, gesticulada e nervosa, desenhando de alto a baixo a alma do homem que a compoz?

E porque não seguem no inexgotavel *Frei Luiz de Sousa*, o fino talento com que se evocam os nossos velhos mobiliarios, e luxos de côrte, como o pictoresco da nossa paizagem e da nossa antiga litteratura é aproveitado sem um emprestimo a estranhos, e como através de toda a obra garrettiana gira, tal em arterias, o sangue da nossa raça, o seu fatalismo, o seu sensualismo no amor, a sua paixão ingenua e espiritual da Aventura e da Cavallaria?

\*

Garrett copiou Portugal para os seus livros, e mesmo os inferiores teem esse encanto e esse

papel litterario: evocar, suggerir a terra onde foram nados. Sob tão sãs inspirações criticas, vê-se nitido como a nossa Poesia se pode renovar, regressando á simplicidade e emmoldurando dentro dos primitivos rythmos e dos nacionaes modos de dizer os vòos de maior idealismo. Vê-se como é urgente fazer dramas no seguimento do *Frei Luiz de Sousa* e procurar no maravilhoso portuguez assumptos com que escrever magicas admiraveis, e de um bem maior encanto possivel (ao menos nos episodios) que as feerias shakspeareanas como o *Sonho de uma noite de verão*. A França que é, no fundo um paiz calmo e positivo, sem idealismo e sem vago, não nos fornece materia-prima poetica, como a que ha dispersa neste paiz de encantos, em agiologios cheios de extravagantes pormenores. Em Portugal, as bruxas, os milagres, as almas penadas, enchem a imaginação de todos nós e imprimem aos costumes provinciaes o mais bizarro character. Todas as meninas de amores consultam a mulher que deita as cartas; um boçal que vai pelas ruas lendo a *buena-dicha* é chamado ás portas, e as suas sinas escutadas com emoção. Em cada aldeia ha uma Santa que se sustenta no ar sem que a segurem, e os seus milagres correm toada por freguezias afóra. Em nenhum outro paiz está mais derramado o agoiro tragico das terças-feiras. Pergunta nas livrarias se não se vendem por centenas, a gente aldeana sobretudo, o *Dic-*

*cionario dos sonhos* e o *Livro de S. Cypriano*. Todos nós fomos educados a crer em lobishomens, e qual de vós não ouviu em piqueno, num tom de reza, as endeixas de *Santa Iria*, o rimance da *Clara-Linda*, e as trovas da *Tricana de aldeia que vaie para a guerra*, numa melodia tão prolongada, enroscando-se, em incoerciveis volutas, no coração! Ouvi uma vez, numa espadellada ao pé de Ovar, cantada por lindas raparigas morenas *do ar do mar*, uma musica de tal exquisitece, que mais parecia doce ballada wagneriana, não partindo em quadras mas subindo sempre, como um fumo de casal, tendo notas graves de *de-profundis* e gritos de hymno, e só rythmada de um modo embriagador pelas espadellas cahindo, tzuc, tzuc, tzuc, lentas sobre o linho. . .

E queres feiticerias de uma imaginação macabra? Para fazer calar o cão, que uiva lá fóra, basta que levantes um sapato com a sola para cima. Ainda ha dias vi chorar de raiva uma rapariga de vicio, por ninguem querer acreditar que ella houvesse visto o Diabo no hospital, em figura de coelho branco, guiando a mão do medico para a declarar limpa e lhe dar alta. Quando houver trovoada, chega-te para ao pé de uma creança de mama, que o raio não cahirá sobre vós.

Emfim, a nossa litteratura de cordel ainda não morreu. As lagrimas da emigração e do degredo chocam ainda muitos Poetas entre o povo. Hei de,

um dia, escrever-te a respeito de alguns fados que ultimamente tenho ouvido, e poesias populares de messianismo politico a proposito do 31 de janeiro, o mais possivel characteristics. Está preso no Porto, por motivo d'essa revolta, um homem muito sympathico (Felizardo de Lima), cujo temperamento, vida errante, e producções litterarias merecem um estudo que eu talvez faça em tendo vagar. É um herdeiro legitimo do propheta Bandarra, e dos populares que iam, em domingo de Ramos, cantar endeixas em volta da sepultura de Nun'Alvares.

Ora, num povo de uma tão sobreexcitada sensibilidade, para quem os mais simples episodios da vida logo se complicam de visões, milagres e vãos para o céu, crear o Theatro, a tragedia, o drama, ao mesmo tempo impressionando *pelo terror e pela piedade*, e guardando em syntheses claras o nosso passado e a nossa época, seria uma obra grande a fazer, digna de que por ella se interessasse toda a geração dos Novos, numa campanha que os escriptores merecidamente consagrados não deixariam, certo, de baptisar como seu applauso.

Adeus, perdoa o tamanho d'esta carta, mas ainda maior é a noite de inverno em que t'a escrevo. Sou, com a maior sympathia, o teu camarada — ALBERTO.

\*

P. S. Ainda encontro, ao fundo da pasta, uma dúzia de linhas que teem oportunidade nesta carta que tanto se occupa de litteratos. Nessa especie de dialogo, como nos de Bourget, ambos os contendores teem uma parte de razão, e dos seus exageros mutuos avulta a Verdade mais saliente. Certos pormenores são authenticos, algures colhidos. Já agora ouve-o:

## DIALOGO

— Nada agradavel como discutir controversias de Arte, por um poente doce de verão, quando os oiros da Paizagem começam de empallidecer e nenhuma Côr dá gritos, atravez do moribundo silencio. Meu Amigo, veja como o infinito da Barra se prolonga, se prolonga, e a nossa Alma a seguil-o, como atraz de uma Illusão, um Poeta. Lá longe vai picar, de aqui a pouco, a esmeralda de um pharolim. Não se houve chorar a Agua, que alli está estagnada, com barcos calados por cima, como o sonho de um brahmane. Tudo morto, tudo jaz...

Olhe o brilho secco das estrellas, lembra-me o olhar de certos hemens de agora. Ai! as searas do céo são desoladoras como plantas sem rega! As Coisas falam todas de morte, a sua voz casa-se para melodias funebres. Ha talvez, lá para o fundo da treva que começa, ataques hystericos de plantas. Quem surprehendera, numa obra confusa e estranha, toda esta orchestra das Coisas, quem annotára sobre um papel (como em notas de musica) a sonata que sinto ascender de todos os murmurios da Vida, entrelaçados!

O AMIGO (impaciente)— Que insupportavel e falso que V. é, com toda essa litteratura! E chamam a isso finura de analyse, subtiliza, comprehensão da Nuança. No meu ponto de vista, tudo isso é litteratura, e da peor. Incoherente, postiço, construido sobre a areia movediça de uma suggestão que eu nego. Os senhores são muito intelligentes, não ha duvida. Até demais. Entre a sua faculdade creadora e o senso critico, nenhum equilibrio: este tem o poder absoluto. De ahi a sua impotencia. A sua analyse exige condições superiores, talvez extra-humanas, á obra de arte. Por isso o Hugo é um idiota, e lhe contrapõem o Verlaine, que cabe todo numa estrophe das *Orientales*. Tal esthetica é talvez verdadeira, mas prematura. Nem dentro de dois seculos apparecerá o Poeta enorme que a consagre. Entretanto, ás tentativas dos senhores são pueris e irritantes. Não

percebem o encanto de nenhuma immortal obra de arte, porque não são communicativos, são seccos. A sua emoção é feita de phrases, os seus sentimentos veem nos livros. Amam os poentes e o cahir das folhas, porque é a moda recente. Cahiram em desuso as alvoradas e as bucolicas pagãs. Que interesse novo traz á Alma universal, isso?

— Ah, meu Amigo, que blasphemias esteve a dizer! O nosso «outomnismo» é o symptoma da crise por que a nossa alma passa. Carregada de civilisação, ella perdeu a limpidez, é como a agua de um rio carreando detricτος. Somos velhos, hoje, ainda em imberbes! E admira-se de que sejamos obscuros, de que sejamos confusos e incoherentes? É que a nossa lingua já não serve, e vem ahi outra — sabe? tenho a certeza d'isso — e vem ahi outra que nós, por ora, soletramos. A Vida é uma ondulação, e as palavras velhas são duras como angulos. Ora, como adaptar uma moldura de ferro a um Sonho? Por isso caminhamos para a Musica, como para uma aspiração. A nova linguagem será talvez só feita de inflexões de voz e de gesto. A palavra é de uma symbolisação estreita, serviu só emquanto as idéas foram simples. Mas agora! Lá me veem os senhores argumentar com a sua Italia, com as suas obras plasticas. Pois haverá alguma coisa menos esthetica, que as virgens-lavadeiras de Raphael? Nesse prodigioso problema de alma — a Virgem Maria — suggestivo de

todas as perguntas que desde o principio do Mundo nos vimos fazendo a nós mesmos, os senhores só viram o Amor materno animal, como o da cabra ao cabritinho. . . Para achar uma virgem assim, escusado era ir a Bethlehem, buscal-a ao presepio onde Jesus nasceu. De resto, a Renascença é uma epoca inferior. Arte sã, quer dizer, profunda satisfação, ausencia de tortura, o periodo das vaccas gordas para a Alma humana. Comem bem, bebem quanto lhes presta, e teem a paciencia sem fim para dar clareza e sobriedade ao que criam. Que importa tudo isso? Só na desgraça é que os homens se lembram de cavar a mina do Infinito. Ha lá filões novos, filões virgens, que os senhores nem presentiram, porque passaram a vida a cultivar flores de estimação. Pois não valerá mais o oiro em bruto, decerto imperfeito, decerto incoherente, mas vivo e natural, da nossa mina, que toda a oirivesaria amaneirada dos senhores? Nós gaguejamos a nova Arte: somos os precursores de uma reacção artistica extraordinaria.

— É singular como V. acaba por attribuir-me qualidades que são apenas proprias das suas affeições litterarias. Amaneirados, nós que queremos a Arte plastica, sã (como V. mesmo disse), o harmonioso equilibrio da fórmula e da idéa, uma á outra servindo de espelho e de realce? V. queixase que a lingua não chega. Então que fará o mármore, hein? No entanto, permitto-me lembrar-lhe

que a Venus de Milo, cujo sorriso V., com toda a sua comprehensão do subtil, ainda não interpretou, é o marmore mais sereno, mais plastico, mais harmonioso e bello de toda a esculptura. Não, V. tem razão, mas apenas numa face do problema, porque o seu exclusivismo não quer abranger as outras. Por mais subtil e vaga que seja a criação de um artista, a obra de arte só será perfeita quando realisar de um modo plastico todo esse vago da idéa. Dizia Theo que a sua lingua era bastante ampla e submissa, para exprimir todas as nuances de uma Idéa. Só o artista que puder dizer isto, será grande! Agora ser sybillino a proposito de serem obscuras as idéas, querer fazer comprehender o vago pelo vago, é uma maneira inhabil de evitar o esforço, por uma banda, e pela outra revela um temperamento grosseiro de decifrador.

— Mas se a Vida é o desequilibrio, é a desharmonia, é a incoherencia, como quer V. que a Arte seja o contrario de tudo isso? Ficará falsa, postiça, amaneirada — repito. . .

— A Vida é a incoherencia, vista de perto, no seu aspecto episodico. De muito alto, a Vida é a coherencia na incoherencia, o equilibrio no desequilibrio, poisque leis necessarias e periodicas presidem a tudo. E assim, justamente, deve ser a Arte. Os senhores não o alcançam. Os seus livros teem de resignar-se ao esquecimento dentro

de alguns annos: serão os ensaios, as pontes provisórias que deixarão a Arte passar. E quanto á sua Excentricidade, ao seu Bizarro, á sua preocupação do Singular, são como as cores de uma tarde que nunca mais se repetem. A Vida é um pouco mais que tudo isso.

— De maneira que os senhores querem o pautado, o methodo, a disciplina? Não admittem que uma obra de arte seja um ataque de nervos, seja um accesso de loucura? Dentro do artista precisará de estar um guarda-livros? Os senhores querem isto (e riscou um quadrado no muro)? Pois bem: nós queremos a indisciplina, a Imagem desgrenhada, temos o odio á Regra, desprezamos o Contorno, queremos a Mancha, a Mancha (e a sua mão nervosa roçou um momento pela parede, a dar a impressão de uma nodoa alastrada e irregular).

Então o Amigo, num relampago de olhar, apontando o indicador da sua mão fina, sobre o muro onde tão cabalisticos signaes haviam sido indicados com mão convulsa, respondeu triumphantemente:

— Não; eu não quero o Quadrado, nem quero a mancha; não quero o Estreito, nem o Irregular; quero a unidade, a plasticidade, a harmonia:— e á medida que falava, sublinhando os termos, ia desenhando uma espiral tranquilla e lenta, como o symbolo mesmo da sua Esthetica.

---

Assim a palestra cahiu numa gargalhada que o imprevisto e vivo da replica provocára, e os dois Amigos (ambos com o appetite que sempre resulta das longas sabbatinas) foram cear juntos. Só o Plastico ainda ajuntou:

—E demais, ainda hoje não discutimos senão o ponto tecnico, propriamente *artístico*, da questão. Esqueceu-nos o lado humano, o lado moral. A vêr se V. tambem defende essa tortuosidade e vago, nas consciencias!

Coimbra, 1892.

---



## À VOLTA DE D. MARIA

Noite de primeira representação. São faladas estas noites, mercê dos despachos que de Lisboa alvoroçam os jornaes de provincia. Não te surprehendas no entanto, leitor amigo, por te dizer que saio do theatro com affrontadas dores de cabeça e uma saudade aguda de certos autos que tenho visto representar em funcções de aldeia e magicas ás vezes gaguejadas com tanta frescura por artistas de dallots de feira. Não te espantes. Este theatro de D. Maria, como quasi todas as nossas glorias officiaes, é uma desléal mystificação: para attestado da nossa penuria intellectual acho-o excellente, e por tal venho de supportar os quatro actos moribundos e mirrados que hoje nos serviram, em todo o caso melhor representados do

que escriptos, mas tão alheios do meu sentimento, denunciando de um modo tão cruel a impotencia do dramaturgo e a secura da sua imaginação alli espremida, que só por mero respeito á convenção que fez d'este theatro «o nosso theatro», é que não sahiram de algumas frizas sinceras, em vez de palmas chocas, bocejos exasperados a ponto de cobrirem as falas dos actores.

Meu Deus, que immenso tedio! Neste theatro que se respeita, que me apparece como vestido de sobrecasaca, onde as decorações são moderadas e os porteiros academicos, a velha tagarellice lusitana não sabe que attitudes civilisadas tomar, e cae de somno. O portuguez vae pouco ao theatro para ouvir a peça. No Colyseu conversa e fuma; nas salas de opereta cada um se consagra á plastica de actriz por que se sente mais prezo; em S. Carlos toda a gente se faz um dever de acompanhar a opera em surdina, e já não é pouco trabalho o de estar precavido com bravos para os obsequiosos dós de peito com que nos brindam os tenores. Só D. Maria tem o ar calado dos theatros francezes de declamação, e não é superfluo repetir que durante quatro infindaveis horas lá dentro o silencio *se ouve*, e a propria musica discreta do sexteto tem um modo de andar em pontas de pés, por não pisar as almas dos ouvintes. Não, não é possivel adequar o povinho a esta continencia de visita de pezames. O exuberante mercador que

se paga uma noite de Virginia e Rosa, só será feliz, feliz até ao fundo das suas entranhas, quando poder levar consigo, sem reparos, a barrigada de riso triumphante com que, ao fim de um bom café, encara a vida. Em vez de isto convidam-no a scismar; e como a scisma o não tenta, cerram-se meigamente as capellas dos seus olhos, e pode dizer-se que adormece ao som das balladas de acalentar netos, que lhe cantarola a senhora Rosa Damasceno. Na plateia illustrada, peor ainda: os litteratisantes dos fauteuils teem ao proprio cerebro aquelle fundamental e cosmico horror ao vacuo de que os livros rezam: e a achar bem ou a achar mal, estão entalados, confrangidos, burros.

Noite de primeira representação. Tens ouvido dizer que os bilhetes se vendem á porta pelo decuplo, que os melhores doutores das letras e das artes enfeitam as cadeiras, que desde el-rei na tribuna até ao seu ultimo vassallo no paraizo não encontra o dramaturgo noviço senão pessoas adestradas na critica, cerebros vivos e exigentes, de modo que esta noite é quasi um concilio de cardeaes de onde o auctor sahirá beato ou reprobado por toda a eternidade. Leitor amigo, não creias. Occultaram-te que os homens de talento e artistas authenticos do teu paiz caberiam todos em dois ou tres camarotes, sem se acotovellarem: mas que todos em linha faltam a taes consagrações, adivinhando, com prodigioso faro, os fiascos e os abor-

..

tos. Esconderam-te que o publico é composto de politicos, que acordam dos seus pezadellos e engenhocas eleitoraes nos braços hospitaleiros de um bom drama em cinco actos; que os litteratos são quasi todos amanuenses de jornaes, com um ponto de vista lisboeta, agradados da progressiva civilisação «da capital» por cada anno haver mais casacas pretas em S. Carlos, e babando-se de extase logo que uma tirada de alexandrinos termine em rufo de pratos, tambor, foguetes, *ratapum, pum*, como os hymnos nas bandas de musica. Se vos disser que estas pessoas nem todas sabem ler e escrever com independencia, e são inoffensivas por mais poeira que levantem, ficareis decerto tranquilllos, ó dramaturgos amadores de cada rua, e vireis cada um com o vosso rolo de tragedia ou drama, seguros do exito e das palmas, e podendo todos dizer com a mão fechada: A Gloria tenho-a aqui!

Outras considerações melancolicas, alheias ao interesse anecdotico do caso, esta noite me sugere. Leitor amigo, dá-me o teu braço, saiamos. Não te disse ainda que o dramaturgo falhado me faz muito mais pena do que me irrita? Bem considerado, é um ingenuo. Esta noite, se elle tivesse espreitado a sala pelo buraco do ponto, observaria como o rei sahiu do camarote, justamente quando um dos actores, bastante intelligente para apreciar a semsaboria do papel que lhe haviam dado, estava declamando á sobreposse, alguns artigos de fundo

sabidos, sobre politica, moral, hygiene, arte de levantar o nivel da patria e de formar com tino os ministerios. O rei, para quem estas maximas contavam levar sobrescripto e alguma noite de insomnia conscienciosa, partiu distrahidamente sem ouvir tudo, e decerto manda amanhã ao auctor uma commenda. Finda a peça, veria o dramaturgo que ficamos como depois dos jantares de certos ho- teis: todos com fome. E emquanto estugavamos o passo para a sahida, e alguns sujeitos mais fe- rozes discutiam nos corredores «as bases logicas» da peça, viu-se um commissario de policia, de bengalão, com quatro chefes de esquadra ou o quer que eram, tudo á paizana, a berrarem *auctor! auctor!* com grossas palmas. E o Auctor (foi então que me apiedou inteiramente) veiu afinal, gebo, encolhido, receber a coroa de loiros das mãos d'estes plutarchos; e no paraizo, conservador d'esta vez, fugiu das mãos sujas de rapazolas de boné, uma revoada commovente de lenços brancos. Quando penso, Auctor, que se houvesse meio de cavalgar de umas lunetas a tua myopia, por te mostrar o fundo falso da ovação, tu serias o pri- meiro a levar ainda esta noite a tua obra para casa e a enterral-a no quintal sem epitaphio!

Eis-nos, por fim, no ar livre. Nem viv'alma no largo escuro. Espreita o *Martinho*, leitor, se que- res saber como os homens de genio tomam chá e torradas para illudir a fome, sem aggravar a dys-

pepsia. Lá, no Rocio, só uma luzinha vigilante: é a *tabacaria Monaco*, especie de nicho de alminhas de lettrados, mantido noite e dia com mais vinagre que azeite. Queres vir de longada até ao meu segundo andar, conversaremos tranquillos e partilharás do meu optimo chá-preto? Seja. Bem sei que te affiz a receber-te em hortas verdes, em salinhas brancas á beira-mar, com o chão varrido, o ar perfumado, mas nem por isso deixes de subir a escada immunda e de respeitar o seu pó, que é ainda pó do Terramoto. Estamos no meu quarto, aqui tens a melhor cadeira, a tua chavena, uma cigarrilha loira, e ouve-me agora se queres.

\*

É tudo tão mau no theatro portuguez dos nossos dias, que dizer mal d'elle quasi me humilha. Deixa lá arrastar-se essa pobre arte mendiga e tropega, com rheumatismo em todos os encaixes e o fato risonho por todas as costuras. Deixa-a lá, e remergulhemos no paiz do Sonho, de onde cada emigração de um minuto me parece um pezado exilio. Sabes no que penso aqui ás vezes, quando chego a achar possivel festejar o centenario de Garrett dando ao seu *Fr. Luiz de Sousa* companheiros?

Falo-te sempre n'esta tragedia, que é das mais bellas do mundo, e pouco me occupo dos outros generos de theatro. É porque, devo dizer-te, só a tragedia e o drama me parecem dignos de estima. A respeito das comedias tomo para mim o que disse Napoleão: *ce n'est point un genre tranché*. E sobre o espirito d'ellas ajudo-me ainda das vistas do grande homem, que tinha tão boa pontaria na guerra como na Arte, não é certo? Como elle, só amo o espirito que naturalmente sae das coisas, e é como o sumo d'ellas: detesto o espirito que habita sobretudo nas palavras e do seu choque nasce quantas vezes. Ora, a mim, a Vida sabe-me a amargo, e entendo que nos mais disfarçados licores é obrigação do grande artista descobrir o travo que lá existe. Ha piquenos ridiculos que só o são a quem vê de cocoras, e que sobretudo não temos tempo para sublinhar, quando os grandes, os immensos nos esperam. Porisso, a unica comedia que terá a minha admiração, será aquella que fôr uma tragedia — vista do avesso.

Essas comedias de costumes modernos do Paileron e mais farçolas, não chegam ao estalão da renascença artistica que, como nenhuma outra até hoje, se vae impor aos homens. Por mais espirito que tenham, não podem ouvir-se duas vezes: á segunda são como o chá fervido de Tolentino. Toleram-se, feitas de vespera. E num romance o mesmo me succede, embora com menor intensi-

dade, porque lá os vazios são tapados com descrições e por vezes obras-primas litterarias que fazem perdoar o resto.

O que no homem exprime a sua alma é a acção. Às vezes esta é tão intensa que até as palavras, ao transmittil-a, a descoram; porisso é que muitos grandes escriptores preferem, sobre o theatro, a mimica á declamação. Entretanto ainda comprehendendo que nas epocas idas da inconsciencia e da felicidade, horas passageiras de ferias no Mundo, os Poetas, poderosos como burgraves, tecessem o seu ninho com os froixeis mais macios e nelle amassem com paz as suas camenas. Então, por um sorriso, por um beijo, por uma flor, havia guerras. Que longe estaes, que nem vos entendo bem, ó punhos de rendas mais apreciados que as almas! Agora é impossivel. Rir, sorrir, gastar uma vida com uma illuminura — tudo isso são vagares, são ocios. A Arte não é uma prenda de damas; a Poesia não é um bordado a canotilho. Profissão absorvente, de uma dor e de um prazer egualmente agudos e rendendo-se uma ao outro, todo o pedaço de vida que queiramos desviar d'ella lhe faz falta. O nosso socego, e aquella paz que tanto vos afflige ver-nos pedir, é o socego cauteloso dos hospitaes, é a paz doente das enfermarias. De mez para mez, a Arte descobre caminhos novos, mais mysteriosos que o Mar de ha seis seculos, onde logo mil allucinados se lançam á porfia. Hoje

em França ha escriptores novos, acabados de nascer (Paul Adam um d'elles) que em tres columnas de jornaes consomem talento e emoção bastantes para escrever, digamos, as obras completas de Corneille! Ha pintores que apenas balbuciam e engatinham, mas já com tamanha febre, que certamente vão ter uma maioridade inimaginavel. O ponto de vista litterario já não é a correcção: é a intensidade. A correcção tem limites, barreiras, ha um momento em que se descansa. A intensidade é um poço sem fundo, é o proprio Infinito, verdadeiro ideal de creaturas que sonharam viver mão a mão com Deus!

Depois a technica litteraria (para só falar do que melhor sei) dia a dia accumula exigencias e manifesta fomes e sedes que uma serie de gerações não bastarão para apagar. D'esse Paul Adam li ha dias um trecho — um simples trecho — onde havia tres ou quatro adjectivos que fizeram longamente parar a minha pressa. Dir-se-ia que traziam ganchos com que se me prenderam á alma. Quando um adjectivo assim custa, o que custa uma pagina, o que vale, Senhor do ceu! um livro?

Por isso abomino miudezas litterarias, e com mais tedio ainda na arte superior do Theatro, menos pelo que valham aos lettrados, que ainda pode ser alguma coisa, do que pelo espirito inferior que revelam em quem as produz. A Arte, diz um grande poeta, é como o vinho velho: ou

muito bom, ou nenhum, mais val beber agua. Quem não fôr capaz de crear o grande, hoje que o piqueno é invisivel e humilhante — que seja ao menos capaz de o comprehender.

É de ante-hontem a morte do anarchista Vaillant. Não ha um homem de coração que não tenha os cabellos em pé com esta morte. Vaillant escreveu um testamento e deixou umas cartas, tão serenas, tão nobres, tão honradas, como qualquer soneto de Anthero. Nascido em outra epocha, educado por outra sociedade, posto em frente de outros panoramas, não resta duvida a ninguem de que este dynamitista, que pretendeu dar a um bando de palradores nocivos a honra de os fazer ir pelos ares, se teria transformado num heroe e viria, com a sua fria coragem e a sua fé invulneravel, a praticar actos que lhe valeriam monumentos nas ruas e altares nas almas. No entanto este homem, que julga amar profundamente a Humanidade, e põe fóra d'ella os que ameaça, que ama como qualquer de nós a sua filha, que estima do fundo de alma os seus amigos e só tem palavras illuminadas e benções humidas nos labios á hora de morrer — ha uma sociedade curta e estreita que pretende fazel-o passar por um monstro, como se essa palavra explicasse alguma coisa e não fossem monstros todas as creaturas excepcionaes que na Arte ou na Acção, deixaram de si memoria aos seus semelhantes. Ninguem quer ver neste guilho-

tinado um precursor de eras novas, e sobretudo ninguem se assombra de que haja um carrasco, um homem pago e profissional, bastante forte e socegado na justiça dos homens para tirar a cabeça a outro que nem ao menos é um mau, e em seguida ir socegradamente almoçar com os seus e á noite dormir sem um sobresalto. Qual é o maior monstro, dizei lá! Vaillant, ou Deibler?

Aqui está um simples episodio, que entrou em Portugal reduzido a uma magra sandwich da *Havas*, e não teve as honras de attenção que teria qualquer dictadura do governo, e onde apesar de tal desdem eu encontro assumpto para tragedias e magicas de um effeito sobre o publico, esse então, eu vol-o juro, decisivo e a deixar um grande echo longos annos. Supponham que depois de ter lido nos jornaes francezes, escripta em admiraveis e emocionadas prosas, esta ultima hora de Vaillant e os commentarios do Carnaval á roda do seu tumulto, D. Maria annunciava no cartaz *Le monde où l'on s'ennuie*, e eu ia ver. Seguramente o auctor sentiria, mesmo lá longe, a picada do meu desprezo. Pois, em verdade, ha homens (não serão bonecos) que tenham tempo de se aborrecer neste momento? Mas o tedio, mas esse tedio é ainda um luxo, e demol-o, de uma vez, aos vadios para seu pasto.

\*

Visão de uma enorme cidade, contemplada do mais alto dos seus zimbórios, illuminada, ardendo em orgias, trasbordante de uma humanidade de feras como as cidades da Biblia, semeada de fogareus para mostrar as sombras onde se agacham os crimes. As florestas envolvem-se em carambinas de neve: e destapando os telhados dos palacios e dos casebres, como na phantasia de Lesage, a Miseria humana, ou coberta de farrapos ou de sedas, ou esculpida em tosco pau ou decorada com lavrantarias de oiro e prata — apparece tragica ao Vidente. Quem tanto viu, entre milhões de cegos e inconscientes, não admira que se supponha com alçada de correger o que acha torto, que é tudo, e de fazer brotar gorgolhões de agua purificadora de dentro de todos os abysmos que arregalam a bocca deante d'elle.

Uma bomba, neste estado de alma, é uma funda de creança. Amanhã, terão descoberto um terramoto; depois de amanhã, um diluvio. Não chegarás, pobre Sciencia, para tanto? Veiu, pois, esse diluvio, e na arca salvou-se o Vidente com os seus irmãos puros. Cresceu uma nova humanidade, e um dia elle que sonhava partilhar tudo, sentiu-se prezo de

amor por uma mulher. D'ella teve amor tambem, e o fructo d'elle, teve filhos. E o Vidente, que queria partilhar tudo, sentiu que mataria de um golpe o alheio que pretendesse fecundar o ventre da sua mulher, ou desviar do seu coração o rebanho dos seus filhos.

Começou então a sentir essa singular doença dos civilisados, feita de dor e de extrahumano orgulho, que consiste em verificar que se quiz ser o centro de um novo universo, o deus de uma humanidade adequada ao nosso sentimento egoista, e que, se sahissemos para fóra de nós mesmos, era a nós e não aos outros que teriamos de execrar e amaldiçoar como monstros. Encarára as coisas da terra conforme ellas curavam ou não o seu mal-estar, sem querer saber primeiro se curariam o mal-estar de todos, e se era a sua doença que não merecia amparo nem abrigo. De aqui passou a desprezar-se profundamente, a ter remorsos da sua colera como de crimes, a espreitar as suas intenções como cantos de treva preparados para a tentação diabolica. A sua lucta mental, conflicto dos essenciaes principios da existencia, excedeu no vigor tragico as guerras, as luctas das feras, cataclismos de cosmos, toda a theatral decoraçáo da Desgraça, que a imaginação consegue resumir dentro de um cerebro e muros a dentro de um coração.

Visão de uma cidade como a outra, crescida e multiplicada mais depressa, com novas sombras,

mais fundos poços, luzes de inferno, e mais uivantes miserias. No mais alto zimbório, o Vidente, desesperado e comprehendendo que não é mais que os outros homens, e que o Maior absoluto o não ajudou, suicida-se com a ancia de chegar mais cedo á solução do mysterio. Elle proprio se justifica e proclama mais uma vez que, para as grandes almas inquietas, só a Morte é a paz e a coherencia.

E nestas visões vem alvorecendo a madrugada: leitor amigo, vae-te embora. Bem vês, é preciso reformar a sensibilidade dos homens. Tão pouco elles mudaram que, se em Jerusalem houvesse jornaes, e a sua burocracia tivesse as regras da nossa, Jesus teria sido conscienciosamente desprezado em artigos de fundo, e o conselheiro Poncio Pilatos, a cobardia feita honra, teria apanhado uma gran-cruz qualquer, visto a de Christo não poder ser, lembro-me agora.

Lisboa, 1894.

---

## O TIO GARRETT

Conheço ha alguns annos, de o ter encontrado em um leilão de moveis antigos, certo acolhedor e rijo velho de setenta annos, barbas brancas de Abrahão rompendo de uma face tão macia e de uma tão brilhante cor morena apezar das rugas que a cavam, que lembra ainda mais do que o pergaminho algum velho marmore delido e patinado pelo tempo. O sympathico avô é alcunhado por alguns litteratos meus amigos com o nome de «tio Garrett»: e é motivo d'esta alcunha o amor que pela obra do auctor do *Fr. Luiz* e por tudo quanto com elle se relacione o bom velho nutre desde longo tempo. Ha aqui uma especie de mania, mas não é a mania parva e inconsciente do colleccionador. O tio Garrett é, ao contrario, muito intel-

ligente e culto; e o seu senso critico possui finuras de compreensão e exigências de inédito, que nós, rapazolas das Letras, sempre pasmamos de encontrar em homens de barbas brancas, neste paiz onde as intelligencias, como relógios de segunda qualidade, usam deixar de trabalhar aos cincoenta annos. Tio Garrett estuda constantemente: todos os requintes da moderna livraria franceza se encontram nas suas estantes, lidos com empenho e tendo as margens cheias de annotações. Está, por imaginação, muito preso ao Porto, onde o encontro sempre ou nos adelos á procura de contadores e de loiças da India, ou pelos velhos bairros característicos que o estúpido desprezo da civilisação municipal vae engeitando e destruindo sem piedade. Nas manhãs bonitas de primavera, o meu velho corre os arrabaldes da cidade, estradinhas brancas entre muros cheios de heras, campos de lavoira aquando verdes, tudo quanto deixe ver a paizagem, arvores e flores, noivando com a terra em perfeita lua de mel. Depois bate ás portas das quintas: os caseiros, que já o conhecem, carregam-no de rosas. E com a sua bagagem alegre que nem uma ode de Anacreonte, com o inverno das suas cans rindo todo entre o abril das flores, lá torna para casa a tomar o leite e a manteiga fresca do almoço, com mais appetite. A sua memoria é viçosa e segura como uma roseira de todo o anno. Quando o encontro, pergunto-lhe pelo

Porto de 1850; e elle, apoiado no meu braço, loquaz e esperto como uma creança, mostra-me o sitio do Guichard, o sitio da livraria Moré, e fala-me longamente do Camillo quando ia para a Praça Nova aterrar os tendeiros e namorar as donzellas, de cartola de abas direitas, pantalonas á hussard, e botas de cano alto. Todo um Porto novo e interessante se desdobra para mim ás suas palavras. Tio Garrett conheceu muito bem o Ramalho Ortigão, nos seus primeiros vagidos de folhetim e de dandysmo. Conheceu o Junqueiro, muito piquenito, de capa á hespanhola e chapéu calabrez, gozando de uma terrivel celebridade depois da *Morte de D. João*, e ameaçando matar de apoplexia toda a rua das Flores, que nelle via o proprio heroe do satanico poema. Uma das curiosidades do Porto era ver os fidalgotes do Doiro, rapazes sympathicos e alegres, com uma ingenuidade de collegiaes, que enchiam no inverno as estalagens da Agua de Oiro e do Cantinho. Ao fim de um mez de esturdia, regressavam a casa derreados de paixões, duellos a pau, infinitas contas por pagar. E os lindos pasceios e bairros do Porto? As quintas dos Pamplo-nas, dos Preladas, dos Cirnes, dos fidalgos da Fabrica? E este bairro occidental onde moro, que era ao tempo mui silencioso e velado de persianas, todo habitado por inglezes como ainda agora o doce bairro de Villar e a fina e campestre rua da Paz?

O tio Garrett não pode abandonar o Porto, porque vive d'estas memorias. A cidade actual, cada vez mais soturna e ridicula, suburbio da Arcada em politica, Paio Pires do boulevard em elegancia, horrorisa-o. E tudo quanto seja desnationalisação, desamor da terra pelos seus patricios notaveis, enche-o de colera e de lagrimas. Foi por ver o nome e a obra de Garrett quasi esquecidos, a terra onde o grande escriptor nasceu menos orgulhosa d'este facto que de ter parido algum deputado palrador, que elle se poz a amar Garrett com mais alma, a adoral-o como a um idolo e a estudar nos seus livros como numa escriptura. Em nos encontrando pelas livrarias á procura de algum *vient de paradis* de Zola ou do melado Daudet, o tio Garrett logo ralha: «Vocês, rapazes, já leram as *Viagens na minha terra*? Já se apaixonaram pela Joanninha? Onde diabo teem vocês a cabeça, que não percebem que é por ahi que se começa, como pelo abc?»

De resto, a sua fome e sede de justiça não é só garrettiana: é imparcialmente portugueza. No dia em que Camillo morto chegou a Campanhã, vi o meu velho a um canto da *gare* a chorar de raiva, porque o rancor do Porto offendido nos seus mercadores de pannos faltára em toda a linha a receber, com lagrimas, o cadaver de um tão grande homem. Quando foi do suicidio de Anthero, o tio Garrett reuniu-nos a todos em sua casa, e

fez-nos uma leitura dos *Sonetos* ornada de commentarios tão intelligentes, tão commovidos, vestindo o seu discurso numa fórma tão estimulante e tão nova, que todos nós de ali sahimos a dizer que era preciso acordar a Arte, fazer uma apothose aos Poetas portuguezes, e as nossas vontades entrevadas de meridionaes se levantaram, novos Lazaros, com vergonha do ávante lhes ser gritado pela voz tremula de um homem no poente da vida.

Foi, pois, d'este encantador avôsinho que hontem á noite recebi, escriptas em papel de linho amarellado pela idade, as seguintes linhas excetricas: «Olha que faz na sexta-feira 38 annos que morreu o Garrett. Vê se dizes alguma coisa no *Janeiro*. Esses burros de Lisboa ainda não levaram o grande homem para os Jeronymos, onde no entanto já está o Herculano em capella especial; o Herculano que em arte era um discipulo do Garrett. Tu verás, ainda vai primeiro para o Pantheon, o Lopes de Mendonça. Arre, paiz de amanuenses!»

Teve razão o tio Garrett, e fez bem em me lembrar uma data que eu devia não esquecer. Eu, que ainda o anno passado, estimulado e amparado pelos seus conselhos, fiz aos meus camaradas uma inutil proclamação de neo-garrettismo! Hoje então madruguei, agasalhei-me contra o barbeirinho que soprava na rua, e corri a casa do meu amigo, a agradecer-lhe o aviso tão opportuno.

..

\*

Tio Garrett mora em Ramalde, numa casa de alpendre, risonha e tão caiada que parece uma residencia. De aqui até lá é meia hora de caminho, andando bem. As janellas estavam todas floridas de cravos vermelhos, pareciam rir-me na cara. Bati á porta, veiu o dono da casa abrir-me em pessoa, com os seus dois gatos brancos ao collo.

— Bons dias, tio Garrett. Aqui me tem que venho almoçar comsigo.

— Ó meu fedelho, muito obrigado, muito obrigado! Então vens buscar apontamentos para fallar do *Divino*? (Assim chamavam os contemporaneos a Garrett). Ainda bem, que estou tolhido de uma perna, não podia lá ir para t'os dar!

O tio Garrett tinha-se desembaraçado dos dois bichanos, e empurrava-me para a livraria. O seu fato de casa é muito para se ver: traz sempre um comprido perpoem de setim preto, gravata de duas voltas, e uma aconchegada rabona de velludo verde fechando em alamares. Para sahir á rua troca a rabona por uma sobrecasaca longa, põe na cabeça uma cartola de formato em desuso, bengala de cana da India, e vel-o ahi vai. As suas mãos é que mereciam por-se numa vitrina: brancas e ma-

gras, de unhas aguçadas, os dedos constellados de anneis antigos, alguns grandes e ornados de pedras tão raras que só prelados os terão eguaes. O tio Garrett prometteu-me um para o dia dos meus annos. Eu que sou doido por anneis! Cá tenho o dedo mendinho da mão direita, á espera.

Quando entrei, o bom velho tinha na cabeça, a tomar-lhe o sol, um chapelão de palha nacional, em grandes abas, como os que as creanças trazem nas praias. Dentro de casa está sempre de cabeça nua; o que dá gosto ver, porque a tem muito airosa. Quando está a falar, dedo prophetico, voz pausada, a mão esquerda anediando as barbas, appetee folhear no Velho Testamento. Um propheta biblico da Chaldeia, não tinha mais solemnidade, nem as suas palavras mais profundeza.

A hospitalidade do tio Garrett é aldeana e fresca como um ramo de giestas em Maio. Expansiva, gesticuladora, toda em abraços e beijos de avô. Ver um rapaz em sua casa considera elle que é uma honra, que é o futuro a limpar-lhe o bolor da idade, a lembrar-se d'elle. E como só nos virmos de passagem, depois de uma ausencia minha de alguns mezes, não me deixou com perguntas. O que tinha eu feito? Se me tinha divertido nas minhas jornadas? Brinca-me, rapaz, olha que é a idade!

—E como vae o Antonio Nobre? Grande rapagão! Diz que anda vestido de frade capucho,

lá pelo Bairro Latino? Está alli um rijo talento, caramba! Olha, cá lhe tenho o livro, tenho-me consolado de o ler. E os de vocês todos, rapaziada nova, alli estão tambem. Tenho esperança em vós, andae, toca a trabalhar! Deixae os burros que vos troçam, não façaes caso, é inveja!

Tinha o *Só* encadernado em negro, ao pé dos *Sonetos* de Anthero e das cartas de Soror Marianna. Ao lado, os livros dos Novos, em fileira. Nessa estante, que é a dos livros portuguezes nos ultimos trinta annos, poucas obras ha; e todas escolhidas segundo um ponto de vista especial. O nosso lugar, portanto, era de honra. Num vão da parede, encoberto por uma cortina, é o *lixo*. Chamou-lhe assim porque atira para ali, com desprezo encolerizado, tudo quanto lhe parece mau, escripto em portuguez. Como se pôde suppor, são montanhas: os livreiros, depois que o sabem rico, mandam-lhe, sem escolha, quantas más novidades litterarias lhes emmagrecem nas estantes.

Assim que me desfiz, em respostas miudas e prolixas, das interrogações anciosas do tio Garrett, sentei-me numa cadeira de sola, e olhei em roda. Elle, de um canto, com os oculos assestados, espiava-me.

A sala estava realmente pictoresca. Custou-me a conter que me não risse. Depois comecei a olhar com interesse, e afinal com absorvente attenção. No fundo, justo em frente de mim, tinha sido im-

provisado um altar em escadorio, coberto de damasco vermelho. As grandes jarras de faiança azul, portugueza, como que engordavam das camelias e dhalias que tinham dentro. Cheirava a funcho, a rosmaninho. E no ultimo degrau ao alto, entre ramos de carvalho e de loiro, de um maravilhoso bronze cor de oiro velho sahia a admiravel figura de Garrett. Era quasi ridiculo; mas o gosto da decoração salvava a ideia do imminente naufragio. Do tecto em baldaquino, cahia uma caçoila de cobre, dentro ardia uma luz verde: os seus reflexos davam á face do *Divino*, expressões extranhas.

Lá estava o mesmo chinó casquilho, o ar altivo, a bocca fechada num meio sorriso doce, a face bem enrolada na barba de passapiolho; ar de janota, de diplomata, de homem de estado. Mas a luz verde da lampada como que accendia nos olhos cegos da esculptura, brilhos tragicos e allucinados: e um momento eu pude ver o janotismo de Garrett ir-se apagando na nevoenta claridade da sala, e dos contornos de aquelle bronze elegante sair um outro Garrett descomposto, com o chinó em desalinho, a bocca crispada, os olhos de febre, a figura perturbadora que durante cinco minutos abandonara a penna leve de folhetinista para riscar, a carvões firmes e definitivos, as grandes scenas humanas do *Frei Luiz de Sousa*. Crescia, crescia para mim, amparado ás flores dos vasos que sorriam, como creanças sem medo. Foi então que o

meu riso inteiramente murchou. Tinha compreendido. O tio Garrett ao meu lado, com esgares de bruxo, olhava para mim como para um hypnotisado.

— Que tal, como o achas, não é tal e qual elle? perguntou-me a bufar.

— Só o tio Garrett, era capaz! disse-lhe eu, passado.

Ainda me demorei muito tempo em estroinices de sonho diante do bizarro altar, e depois de serenar a vista mergulhando-a num banho de paizagem verde que da janella se avista, percorri o resto do quarto.

Junto do altar estava um contador baixo, coberto de bragal branco de neve. Em cima, apoiados em estantinhas de pau preto, vi aberto o *Fr. Luiz de Sousa* numa encadernação sumptuosa de velho evangeliario, e o *Camões*, trajando de pergaminho, com fita vermelha marcando as paginas. Um grande calix de oiro cheio de leite, cobria-se com um exemplar dos *Lusiadas*. Havia ainda um ciborio com hostias profanas, outros livros de Garrett vestidos de luxo. De roda da sala, tudo eram festões de flores, pelas estantes, por cima das mezas, coroados bustos de navegadores e retratos de poetas portuguezes moldurados em pau preto, de finos labores. O tecto e os muros, cobertos normalmente de sedas enramilhetadas, acabavam de dar ao quarto um ar de capella fidalga em dia de

festa. Fiquei numa duvida, o meu velho hospedeiro estaria tonto?

— Ó tio Garrett! Que demonio quer dizer esta grandissima mystificação?

O velhote estava sentado num escabello, com os braços cruzados. Parecia o doutor Fausto. Ergueu os olhos, toda a sua gesticulação satisfeita poz logo em debandada a morna tristeza do ambiente, e berrou-me:

— Qual mystificação, meu rapaz! Isto é o meu uso. Eu faço festas aos meus mortos, como a Igreja as faz aos seus santos! Pois não se fazem, lá na igreja da tua parochia, novenas á Senhora da Conceição, ao S. José, trezenas a outros bema-venturados, e o mez de Maria todo consagrado á Virgem? Eu, aqui, faço o mesmo. Quando os meus mortos fazem annos, dou novenas em sua honra. Esta é a novena do *Divino*. Sexta-feira, que faz annos que elle morreu, acaba; e é nesse dia a grande festa, has-de cá vir, quero que vejas.

— Mas, tio Garrett, este calix, estas hostias, todo este apparatus liturgico?

— Ah, isso é p'ra eu dizer a missa. É todas as tardes, emquanto a novena dura: é a *missa garrettiana*. Leio uns trechos em prosa, outros em verso, dos livros d'elle, depois medito-os durante meia hora, em seguida umas tecedeiras minhas visinhas veem para ahi, com vestidos de domingo, e põem-se a cantar a *Nau Catharineta* e o rimance

da *Bella Infanta*. Eu acompanho-as, no orgão. Isto dura uma hora; no fim, mando-lhes dar de merendar, e ellas vão-se embora, naturalmente a scismar se eu estarei maluco. Mas no dia da festa vae ser outra coisa. Deus consinta que faça sol! Vou fazer uma romaria, aqui na minha eira. As raparigas cantam, dançam, e eu com ellas. Haverá desgarradas. Ha ahi uns pedreiotes espertos, eu ensinei-os a pôr em musica aquellas toadas, sabes? que elles usam cantar quando sobe a pedra no guindaste. Vai ser uma festa como se não viu nunca. Que tu bem sabes, ainda não ha poetas como no povo. Nas desgarradas dizem ás vezes coisas extraordinarias. Ainda o outro dia, vae uma das piquenas que me andam ahi a trabalhar á porta, sae-se com esta:

Por mais que se ande com scismas,  
As coisas são no que são:  
Se a cabeça anda no ar,  
Os pés não largam do chão...

Ora anda lá, vae perguntar ao João de Deus onde é que elle tem quadras melhores!

Tu has-de cá vir, que eu quero que venhas. Depois podes trazer os teus amigos. Eu faço isto que é para protestar contra esses burros (esta palavra é muito da amizade do tio Garrett) d'esses lettrados, que ha um anniversario d'estes, e não

teem uma palavra a dizer. Se eu fosse rapaz ainda lhes malhava, nas gazetas; mas estou com os pés p'ra cova, não quero metter-me em folias. Porisso me vingo assim. Um homem d'estes, como o Garrett, que deviam lembrar-se que é o pae e a mãe da litteratura d'este seculo em Portugal... Tudo ao desprezo. Os ossos lá ao canto de um cemiterio, até o pobre do Gomes de Amorim fez uma planta d'elle, com o logar certo onde se acham, não fossem ás vezes extraviar-se como os do Camões. A casa onde nasceu, ali na rua do Calvario ao pé da Cordoaria, fui lá aqui ha annos, fal-os na sexta-feira, pedi que m'a deixassem ver. Moravam lá uns adeleiros, disseram-me que a casa não era hospedaria. E é tudo assim, isto é uma terra de idiotas! Do Porto é o Garrett, é o Guilherme Braga, é o Julio Diniz (tambem é cá dos meus santos!), o Camillo aqui viveu meia vida. Quem é que se importa com elles? Mas o Garrett, o Garrett! Sem elle ainda estariamos no Castilho, e ficaríamos, bisnetos de arcades, a fazer odes pelo methodo de Horacio. O Garrett que trouxe a liberdade ás lettras, como ajudou a trazel-a á patria. Quando saltou acolá, no Mindello, entre os 7:500, que é que elle trazia no bolso? A Carta Constitucional dos escriptores, a que vocês desfructam agora, ingratos sem nome!

O tio Garrett ia calar-se, desgostado. Eu achei-o em veia, quiz excital-o.

— Mas, tio Garrett, disse-lhe eu, então Herculano, grande historiador, grande artista, que desenterrou os seus livros todos das minas nacionaes da historia ou da natureza?

— O Herculano era um sabio, e foi na aula de Garrett que andou a aprender. O poder dos homens de genio é adivinhar, o Garrett adivinhou. O Herculano, que era uma cabeça de oiro, pensou no que o outro adivinhara, deu-lhe razão quando ninguem lh'a dava, porque ninguem na tinha, e poz-se ao seu lado, desenvolvendo, aperfeiçoando, lapidando. O Herculano era um homem de razão clara, character feito em granito, e a sua prosa é como elle: luminosa e pesada. Por isso nas grandes campanhas de emoção, quando era preciso fazer correr lagrimas, resultava rhetorico. Assim é no *Eurico*. Historiador é que era a sua sina, e foi a que melhor cumpriu. Pois não vêes tu...

Interrompi-o:

— Ó meu amigo, mas então Herculano não era um poeta, uma alma religiosa e christã? Os seus versos, as suas odes tão elevadas, tão nobres...

— Sempre essa asneira. Esses versos não prestam. Que assignalam? Uma grande alma, uma alta razão mobilada com ideias superiores. Nada mais. Como arte não prestam. Herculano é um grande espirito, não o nego. Mas o Garrett tinha genio, isto é, profundeza, amplitude, facilidade.

Foi o ultimo escriptor alegre e fecundo de Portugal. Emquanto o Herculano era um asceta, um frade, elle era um casquilho, um leviano, uma borboleta. Caramba! mas que borboleta, que dava que fazer ás aguias! Ria, brincava como um pintalegrete, sempre a cortejar as noviças pelos oiteiros, para as meninas era o aijesu, o brinquinho, e dansava a deixar corrido qualquer dan sarino de agora. Peralvilho, janota! diziam os asnos. Ia-se a ver, elle mettia-se no quarto, ficava serio (como ainda ha bocado ficou, quanto te pozeste a olhar para elle de escarninho) e atirava cá para fóra, ás mancheias, talento, talento, talento. Fossem lá metter-se com o janota, andassem! E ia para as côrtes, e discutia as questões com uma seriedade e sabedoria que ficavam pasmados os sabichões; e ia para a guerra e punha-se aos tiros como um soldado a serio. Ali estava o petimetre! Não tiveram mais que lhe dizer, elle era triumphos em toda a parte, nos bailes e nas academias, como escriptor e como elegante, a atar a gravata e a compôr poemas: chamaram-lhe cynico, intrujão. No fim morre pobre, os amigos não dizem d'elle senão louvores, e não testemunham senão actos de generosidade e de bom coração. Nem rancor guardou aos inimigos. E olha que os teve! Desde a Universidade, foi uma pouca vergonha. Em Coimbra processaram-lhe um poemeto, por ser materialista. Queres saber porque? Celebrava Venus,

dizia que Venus é a deusa que manda nos homens, quando todas as cartilhas são concordes em afirmar que Deus é um, ente supremo, etc. E foi responder ao tribunal! Anda, rapaz, que dirias tu se o dr. delegado te chamasse a policia correccional, por dizeres que o teu deus é a Via-Lactea, e as outras manigancias que lá contas?

— E o theatro? continuou furioso. Quem atou a tradição do theatro, perdida? Foi elle, que tinha um romantismo instinctivo, antes do outro, que bebeu lá fóra. Os mestres d'elle, está provado, foram as amas seccas que lhe diziam loas á lareira. Elle poz-se a magicar, a magicar, e achou. Devia ter feito uma escola dramatica, se Portugal ainda estivesse em seu juizo. Em vez d'isto é quasi um classico empoeirado. Fallam d'elle os eruditos, os mediocres, os da Academia Real das Sciencias. Em D. Maria ninguem lhe representa o *Fr. Luiz*, não se sentem com forças. A sua elegancia significava sede de perfeição em tudo, são assim os homens superiores: a imperfeição do Mundo fere-os: se podesse pôr a andar os aleijados e dar vista aos cegos, é porque o fazia. Assim contentou-se em se vestir, em se enfeitar, por dentro e por fóra, e nunca houve elegancias mais parallelas e irmãs que as do seu trajo e às do seu espirito.

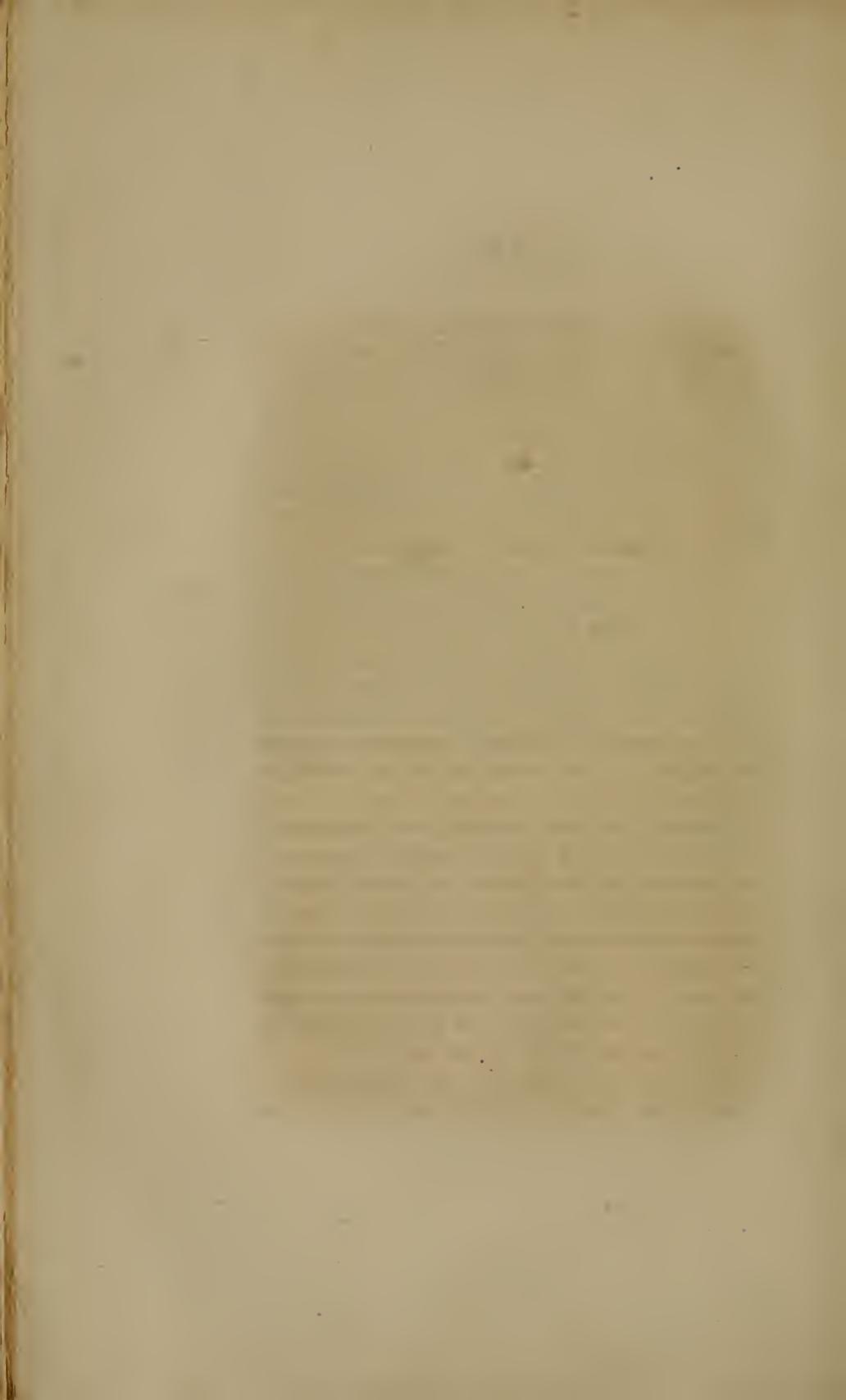
É preciso que o leiam, que o adorem. Viste a minha novena? É um capricho de velho. Mas vocês, que são rapazes, em vez de novenas façam

obras, expliquem-no, digam melhor o que elle disse entre dentes, mas bem claro ainda para que o entendam. Se vocês se mettem com esses francezismos da moda, fujam-me de ao pé da poita. Ora vira-me a casaca ao neo-garrettismo, que te racho!

Descancei o meu velho amigo. Eu sou um soldado fiel da sua guerrilha. Se pelas lettras fizer alguma coisa, serão sempre as adivinhações de Garrett que hão de rasgar-me o caminho.

Depois parámos ao pé de uma laranjeira, e o tio Garrett colheu uma laranja, para me dar. No correr da palestra tinhamos abandonado a sala e saído para a quinta, que é toda em hortas, pomares e trepadeiras. A esta altura da discussão veio uma rapariga bonita chamar-nos para o almoço. Que ha para o almoço? Ovos, leite, queijo da Serra da Estrella, pão trigo e couve-flor. O tio Garrett é vegetariano!

Depois de almoçar, vim a correr para casa. Sexta-feira lá vou á romaria; e hei de compor um fado, glosando aquelles versos das *Azas brancas*. Entretanto aqui lhes estive contando, no meu estylo fanhoso como uma gaita gallega, o que foi a matinal entrevista com o excentrico velho de Ramalde. Ahi tem a historia: e, ao contrario do que Eça de Queiroz recommenda, nem mesmo lhe quero ajuntar «uma moralidade discreta».



## CARTA A UM ABBADE MEU AMIGO

*Meu querido Presbytero:* Vi hontem, no *Diario do Governo*, a tua nomeação. Muitos abraços. Conheço miudamente a humilde parochia de Trazos-Montes, onde vaes ser abbate: é um logarejo perdido no meio de serras quasi inaccessiveis, aldeola pobre de cavadores hospitaleiros e generosos, terra de bom vinho e de almas simples. Não poderia a Egreja dar-te a pastorear mais obediante rebanho, e onde as tuas palavras ardentes e sinceras de padre novo encontrem mais ecco e applauso. Estou de aqui a ver a tua chegada: de manhãzinha, para te furtar, ao calor do dia, um meigo burrico te conduzirá ao adro cheio de povo. E tu, já com a emoção regelada para as hypocritas

devoções da cidade, sentirás correr as lagrimas quando vierem as lavradeiras com os seus homens beijar-te a mão, e as creanças em camisa te atirarem flores silvestres e te puxarem pelas abas da batina, pedindo a benção. Verás como é doce e perfumado de candura o contagio das tuas ovelhas. Levar-te-ão quasi em charola até á residencia; lá tudo será lavadinho e pobre, e o caldo do almoço já fumegará na mesa. A casa que te reservam, é, como as outras do logar, uma primitiva construção toda em castanho, ás longas salas sombrias, alumiada por um balcão tambem de castanho, com seu alpendre de pedra. De roda, terás um rico passal: hortas, lameiros, juvenis bacellos, soitos de castanheiros para te darem sombra, searas de centeio e aperitivos pomares. E logo desde o primeiro dia, trupar-te-ão á porta os presentes: um que te manda um carro de pão, outro meia pipa de vinho, qual te offerta um casal de bacorinhos ou um cesto de fructa bem mimosa.

Assim rodeada de carinhos, e afastada da nossa civilisação banal, a tua alma terna e amorosa abrirá azas, e da tua batina de presbytero elegante e culto irá pouco e pouco destacando-se o que o Mundo lhe pegou de vão e superfluo. Vou encontrar-te asceta dentro de um anno: o isolamento no meio de creaturas humildes e crentes tirará ao teu olhar as chammas peccadoras e dar-te-ha tolerancia, affabilidade mesmo com os maus, perdão para os

aggravos que recebeste no choque da vida e resignação para os desgostos com que Deus quiz marcar a tua existencia.

Estou a lembrar-me quando te morreu a tua santa Mulher, depois de ter deitado a este mundo um filho morto tambem. Foi uma tragedia que ainda hoje me faz estremecer. Tu ficáras como imbecilizado pela dor. Estavas sentado a um canto do teu quarto, batendo os dentes de frio, e nunca vi ninguem chorar assim: sem um gemido, sem um grito, as lagrimas vinham-te aos olhos com uma violencia de levada. Suppuz sempre que não resistirias. Em verdade, ficar só na vida depois de se ter tido uma companheira que era um anjo e de com ella se ter experimentado a felicidade sem nuvens, foi uma injustiça tão atroz do Destino que a mim me traria logo aos labios só palavras de blasphemia e desespero. Ainda se ao menos te tivesse escapado o filho! Mas Deus quiz experimentar rudemente a força da tua alma.

Deixa-me assim recordar a tua existencia passada: sei que a olhas hoje com doçura, e que a lembrança da tua Mulher te não sae do espirito, embora tenhas cortado as amarras de egoismo que a ella te prendiam pelo amor terreno. Pedes-lhe conselho nos teus dias de duvida: e foi á inspiração d'ella que recorreste para tomar o rumo de vida que hoje vaes seguindo.

..

Nada me esqueceu ainda. Um mez depois de viuvo desapareceste, e de ali a algum tempo recebi uma carta tua participando-me que estavas num Seminario, preparando-te para tomar ordens. As tuas palavras ainda faziam doer a alma: chorei sobre ellas. E ao mesmo tempo encheu-me de respeito a tua santa attitude. Eu teria sido bastante cobarde para morrer aos bocados, se me não suicidasse num repente de desespero.

Passaram annos, e certa manhã de primavera cheia de passaros e flores, appareceste diante de mim, feito padre. Que impressão tive extraordinaria! Havias sido um rapaz lindo, de uma admiravel e triumphante belleza de homem; estavas macerado, sugado, os olhos negros haviam-te fugido para o fundo das orbitas cavadas, a testa era como uma estrada cheia de sulcos, e a cabeça não se atinha direita e altiva nos hombros, como de antes. Na cara escanhoadada, ficaram-te as maxillas mais salientes, mais fundas as covas da face: dos teus olhos sahia um fulgor aterrado: evoquei, vendo-te, o Dante! E apezar de termos sido amigos intimos, ao ver-te tão diverso senti um acanhamento que ainda hoje não explico, e pareceu-me que já se não entendiam uma á outra as nossas almas. Tu tambem foste reservado e frio, quasi diplomatico; sobre a desgraça passada nem uma phrase trocamos; communicaste-me em duas palavras que ias partir para Roma, onde professarias

num convento, depois de uma peregrinação aos Santos-Logares. Pareceu-me ver-te nos olhos uma chamma de gloria e renome; disse-t'ó; em resposta, balbuciaste que ser cardeal era ainda uma nobre ambição na terra, e que para a realisar estavas prompto a todos os sacrificios e soffrimentos que no Vaticano te recommendassem a tal premio. Achei frivola e vaidosa a tua resposta, dei-te um abraço, um *boa-viagem!* e partiste.

Aqui estão colleccionadas as tuas cartas de Roma. A primeira antipathica, sem emoção, cheia de psychologia e litteratura. Ter-se-ia endurecido a tua alma nas cellulas do Seminario? Transcrevo as primeiras linhas: «Demoro-me pouco em Roma. «Depois de amanhã somos, todos os peregrinos, «recebidos pelo Santo Padre, e nesse mesmo dia «contamos seguir para Jerusalem. Estou com an- «ciedade de ver o velho Leão XIII. Dizem-me «que está mais espiritual, mais divino, e que o seu «perfil macerado de octogenario asceta tomou «inteiramente a cor do marfim. Com effeito, ao «fim de tantos annos dormidos sobre a tiara, com «uma vida calma e doce no meio de enternecidos «cardeaes, dividindo o seu tempo entre a meditação «de encyclicas que toda a Europa recebe ajoelhada «e a composição de odes latinas que são como «saboroso mel para os lettrados, é natural que a «figura do Papa tenha acompanhado a viagem da «sua alma, e se tenha com ella ido a pouco e pouco

«desprendendo da vida terrena. Deve ser de uma  
«infinita volupia intellectual, ver o brilho embaciado  
«dos seus olhos e a expressão vaga do seu sorriso,  
«ao dar-nos a benção para a jornada. Como bem  
«nos notava o teu amigo Frei, falando dos fakires,  
«qualquer homem que por muito tempo se haja  
«entregado ao ascetismo e á solidão, adquire pelo  
«facto d'essa concentração de espirito e de habitos,  
«uma força excepcional e dominadora sobre os  
«seus semelhantes. E essa força é no olhar, na  
«voz, na propria maneira como dispõe as suas  
«palavras e encara os pensamentos dos outros.»

Ainda não te chegára decerto ás mãos a resposta zangada que te enviei, perguntando-te se querias ser Papa tambem e arbitro da paz europeia — quando o correio me trouxe outra carta tua, já num tom differente. Declaravas-te desilludido de Roma: odiavas «a aristocracia da Fé». Em cada cardeal encontraste um sceptico, um ironista, um intriguista de côrte. Encheu-te de nausea o espectáculo das ambições insoffridas, das repugnantes vaidades, chocando-se tal qual como nas mais atheas chancellarias da Europa. A religião (dizias) estava mais pura e evidente no coração de um lavrador trasmontano que no do Papa. Deus não habitava em Roma. E as mesmas pompas da religião e do papado eram de uma ridicula pobreza: «todas as caturrices e velhas usanças do Vaticano são pallidas deante da phantasia de Nero, com o

seu monoculo de esmeralda incrustado no olho, pescando no Tibre com linhas de purpura e anzoës de oiro.»

Depois de me contares os sorrisos de desdem com que fôra acolhida a tua ingenua e ardente vontade de lucta e de cruzada pela Religião, annunciavas-me a tua partida para a Terra Santa, já desligado dos outros peregrinos, só com a tua desillusão e o teu desprezo. Em breve estarias de novo em Portugal, a mendigar uma parochia bem sertaneja e bem pobre, onde sepultasses a tua vida e semeasses com fructo a tua crença. Ambições humanas, todas se haviam sumido: restava-te o desejo de fazer bem á tua alma, fazendo-o ás dos outros. E pela primeira vez desde longo tempo, falavas na tua Mulher, contavas-me como ella te havia apparecido, numa noite de insomnia, a indicar-te o verdadeiro caminho de que andavas transviado.

Da Terra-Santa encontro apenas na minha gaveta alguns curtos bilhetes cheios de nostalgia da patria. A tua sede de pictoresco extinguiu-se completamente: a *Imitação de Christo* não saía de cima da tua banca, e as suas doutrinas hospedaram-se então para sempre no teu coração. Quando entraste de novo no Tejo e te fui dar o abraço de boas-vindas, cahiste nos meus braços a chorar. Vinhas mais forte, direito, tranquillo, os olhos calmos: a noção limpida do dever dá sempre

paz ás physionomias. Readquiriras uma parte da antiga formosura, e o olhar fazia lembrar o dito do philosopho: «se queres ser bello, medita em coisas puras». Isto foi ha tres mezes, e eis-te já reitor de aldeia, pelo *Diario* de hontem. Vae, pois, começar a segunda epocha da tua agitada e intensa vida.

\*

Tenho-te inveja, meu querido amigo! Muitas vezes, nos maus dias em que a vontade não funciona e eu não me sinto senhor de mim, me tenho surprehendido a invejar o operario que passa, vindo do seu trabalho, das doze horas honradas do seu trabalho, com a ideia na ceia que vae comer com são appetite, na cama onde vae repoiar com tranquillo somno. Feliz de aquelle, que numa existencia quasi automatica pôde afogar o seu pensamento!

Mas para nós a quem a intelligencia foi concedida para nos debatermos, junto dos pantanos da Vida, numa febre palustre que nunca tem parenthese, o socego só pôde emanar de uma fé facciosa e instinctiva, ou da existencia pura e religiosa no meio dos carinhos de um Lar. Tu tiveste as duas felicidades; roubou-te Deus uma, e logo te deixou a outra a consolar-te. Mas os

desgraçados (e são quasi todos) que não tem nem uma nem outra?

Nascer intelligente é uma má estrella, meu amigo — a não ser quando se nasce tambem mau. Repara se não é uma excepção, no meio de nós, o teu casamento feliz emquanto a vontade suprema o não desfez. Tu eras um rapaz de uma nobre alma, mas profundamente sagaz e pessimista, enjoado da bohemia e do vazio horroroso da vida de solteiro. Que sonhavas? Uma mulher simples, alegre, bondade e candura que não precisassem de rega, para não murchar. Só na mulher é que se encontram almas que são santas como as flores são bellas, instinctivamente, sem que intervenha o pensamento ou a critica. Cada vez vão sendo mais raras no meio em que nós viviamos juntos, essas creaturas. A frivolidade e estupidez da maioria dos homens tem ensinado a mulher a ser caprichosa, vaidosa, trivial. Faz tanta pena! De modo que, se observo como casaram quasi todos os teus camaradas de outr'ora, a fina flor da tua geração, que vejo? Uns com mulheres que os dominaram, menos innocentes que elles, desarmando-os para a alegria e para o trabalho; outros com mulheres estupidas, *estupidas de alma*, para quem as almas d'elles ficaram hermeticamente cerradas com o seu segredo. Poucos acertaram como tu. Queres acreditar que a propria fé christã vae desertando das almas femininas? Só falta que

percam o amor dos filhos, o amor cego e louco; mas esse mesmo se tornará ponderado e mediocre assim que a sua intelligencia andar (como quer a civilisação) nestas bolandas da vida em que a nossa, bem contra vontade, foi mettida.

Renan bem o notou: o que procuramos na mulher é o contrario de nós, aquillo que não temos. Quanto mais o homem fôr curtindo a alma na aprendizagem da Vida, mais desejará encontrar companheira para quem a Vida seja um problema sem interesse, fóra dos cuidados dos seus filhos e do seu marido. Queimados do sol, que procuramos no Lar? Uma sombra fresca, um abrigo meigo. Assim que á mulher quebrarem o encanto da vida solitaria, que a faz divina, nenhum prazer novo achará o homem em a ter ao lado. E ella, assim que conhecer a vida, desprezará o homem, por o achar mau e duro, como na verdade é se ella o não consola e abriga. Os Lares serão então uma palavra. Talvez a Terra acabe por este modo.

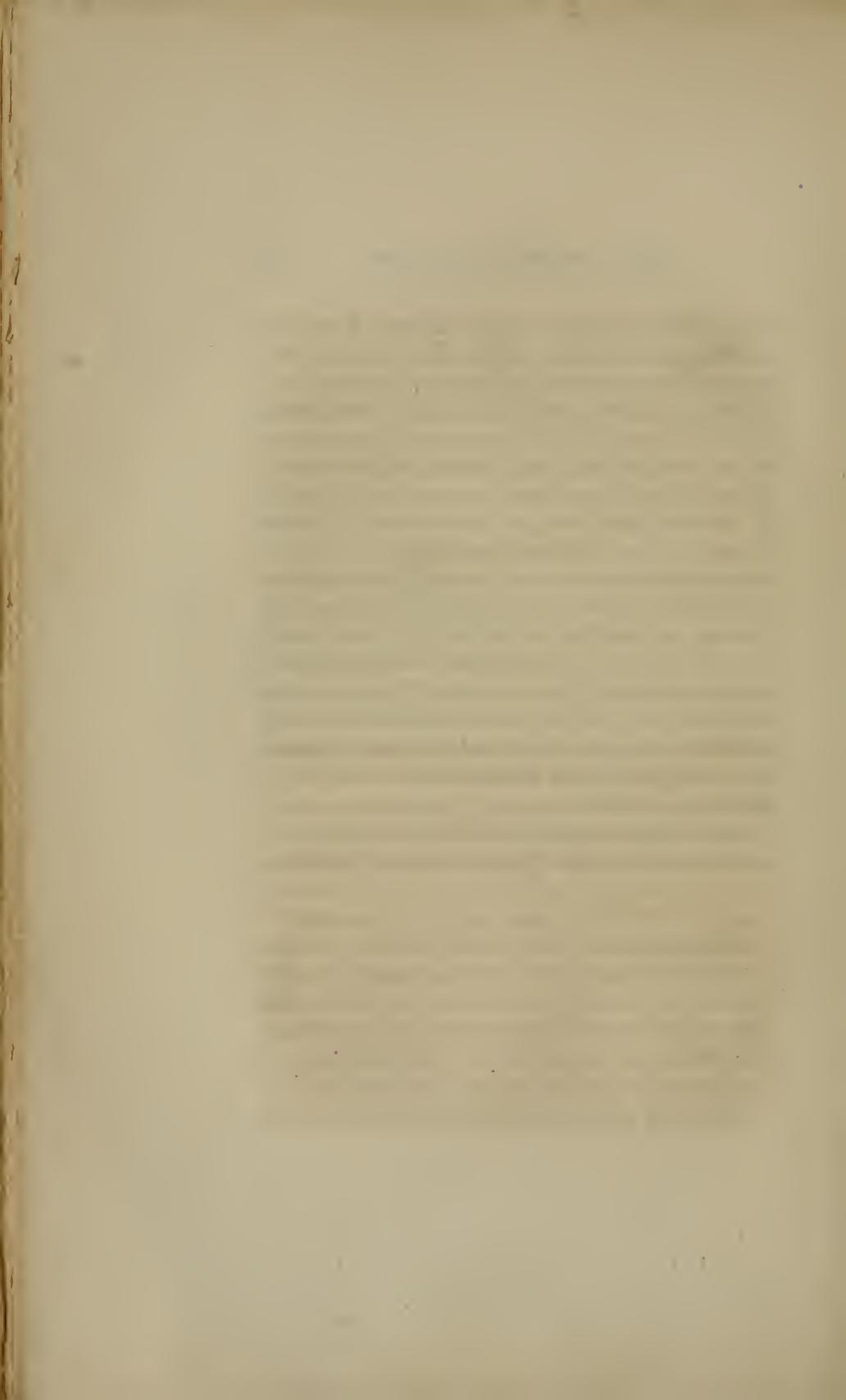
Por isso te invejo, meu querido Vigario! Ao menos o teu problema está resolvido, póde a Morte vir quando quizer. Vaes guiar almas, e poderás falar-lhes com todo o coração, pois sabes que ellas te escutarão com fé. Tens o Publico por ti — ninguem mais o tem senão vós padres, na classe dos homens que pretendem communicar e semear as suas ideias! Cada uma das tuas ovelhas

se te virá offerecer para que a ensines. A tua parochia é de gente boa, infeliz, dobrada pelo trabalho e inconsciente da sua miseria. Vão adorar-te; chamar-te-ão santo, serão como que a tua Familia e chorarão no dia do teu enterro. E tu que os has de saber ensinar a ser casados porque tambem o foste, verás como pouco a pouco te esqueces d'este mundo, ao passo que se tornar nitida a visão do outro. Dentro de seis annos não te reconhecerás; serás sobrio na comida, tranquillo no somno, resignado e contente nas horas de scismar. A Tortura, a Nevrose, o Mal da Vida — se eu te balbuciar tão insensatas palavras, não lhes perceberás o sentido. O teu alpendre, a tua arca, o teu catre, com os bacellos que da varanda se avistam, constituirão para ti tão inseparaveis amigos que não comprehenderás a Vida sem elles. Feliz, feliz, feliz: reza por nós!

Dize quando passas para Traz-os-Montes, e acceita um abraço muito apertado do teu — *Alberto*.

Porto, 1893.

---



## VERSAILLES

Manhã chuvisquenta no Bairro-Latino. Mélanie acabava de me trazer, com o primeiro almoço, o correio e os jornaes do dia. Cinco minutos para decifrar no *Figaro* uma subtilidade de Barrés, um olhar aterrado sobre o noticiario cheio de piquenas tragedias humanas, um gole de mau leite afim de humedecer esta leitura secca, e, em seguida, com uma doce effusão, dei os meus bons dias ao *Ja-neiro*. Este alegre jornal tinha um sorriso provinciano e ingenuo no meio dos outros: era como uma camponeza córada e virgem ao pé de uma velha proxeneta mirrada. O seu typo, o seu nome, o seu papel, a sua estampilha azul com o sr. D. Carlos, eram ar, agua, campos, serras de Portugal

acordando subito a minha imaginação mergulhada em um pezadelo de epidemias toda a noite. Estava-se em setembro. O *Janeiro* vinha cheio das chronicas das praias, com bailes, raparigas bonitas, manhãs cheirosas e alegres como ramos de cravos. As correspondencias de provincia, todas vestidas de branco como as virgens de Judá, pediam providencias ao governo com tanta graça e donaire que eu, se governo fôra, lhes mandaria logo a resposta em beijos. O meu paiz abençoado continuava a ser feliz ao sol; havia ingenuidade, havia agua nas fontes, ria o ceu azul a bandeiras desfraldadas, nas voltas dos caminhos qualquer pessoa tinha á escolha, ou colher as amoras das silvas, ou os olhos pretos das zagalas, os bacellos de Traz-os-Montes dobravam-se de cachos e já se armavam para a faina as vindimadeiras.

Como eu tinha saudades de Portugal! Devorava o *Janeiro* até aos annuncios... Nessa manhã, depois de bisbilhotar somnolento pelo noticiario, passei a ler a terceira pagina. Os proprios nomes das terras tinham para mim um sabor novo; havia palavras que eu não pronunciava havia muito tempo, e de cujas coegas na garganta e no ouvido tinha saudades como de um bebé ausente. Descancei os olhos num annuncio sob o titulo *Quinta em Amaranthe*, e li como segue: «*Vende-se uma quinta ao pé de Amaranthe. Tem hortas, ramadas, agua de bica, casa de moradia mui bem conservada, etc., etc.*»

Havia ainda outras informações pictoescas, que esqueci, e porfim offerecia-se um abbade para mostrar o passal. Ramadas, hortas, agua de bica: de outro modo não julgava eu, n'aquelle instante, feito o proprio ceu. E eu ha dois mezes pisando madeira e asphalto entre gente egoista, tendo os olhos sujos das paredes das casas, das caras dos homens, das folhas dos livros, respirando um ar de bibliotheca, sem ver relva, sem ver bois, sem pisar terra barbara e ignorante como a da minha terra! Então saltei da cama e disse-me: vou tomar ar a Versailles, fazer uma visita de reconhecimento ao lar de Maria Antonieta. Na rua cahia uma chuvinha cobarde, o ceu avarento deixava só escapar miudas pingas de agua, como quem tinha precisão d'ella. Mas, apezar da chuva, aventurei-me.

Até á gare St.-Lazare foi o meu tedio acotovellando esta horrorosa humanidade de 1892, cada anno que passa mais cheirando a coveiro, a acido phenico, e com mais pujança abrindo em flores de gangrena. Não ha pelles, não ha beiços, não ha pestana nem cor honrada de cabellos. O macho é feio e myope, tem os dentes limosos, e usa lunetas. A femea traz a pelle curtida de eczemas e de escrophulas, olhos envidraçados, seiços sem vôo, mãos de homem, e a sua belleza é toda feita de geito, invenções de trajo e graças de espirito. A creança é vesga, ou tem as pernas tortas, ou usa tambem oculos, coitadinha. Que

desolamento! E era sempre assim quando me perdia entre a multidão ou ia vel-a ao Luxembourg, a passeiar, de botas cambadas, nos domingos de musica.

Paris, cujos bairros ricos bocejam com tanta indolencia pelas janellas cerradas dos seus palacios, é uma cidade soturna e dolorosa, vista dos grandes esgotos centraes dos seus boulevards. Em lhe caindo um pouco de chuva e ceu cinzento, fica logo shakspeareana. O mar humano torna-se maré brava, e por elle vão tropeçando os omnibus aos continuos boleus, ou então são os fiacres que abrem caminho como faiscas. A gente a pé encolhe-se toda sob as umbellas, as mulheres, com garras de sovina, apanham a saia até ao Joelho. Parece que o pavimento da rua está a arquejar de tanto lhe malharem em cima. Todo o mundo vae depressa, de olhos anciosos, como sabendo, com a philosophia do instincto, que a Vida não são mais de 15 fugitivos dias que é preciso ir a correr para aproveitar com ganho. Uma cerca de prisão, com degredados arrastando a grilheta, não é mais triste. E o rebanho dos Falla-Sós, dos que vão a chorar pela rua fóra entre a indiferença dos outros, dos miseraveis que, em voz alta, argumentam comsigo proprios se terá chegado o dia de irem cahir, como um cataclismo, no meio dos peixes do Sena? O proprio Sena é um rio verde e sordido, sinuoso como uma traição, e, com seu

aspecto viscoso e parado, dil-o-eis feito de azeite, que de agua não. Ao cair do dia, accendem-se os poentes em sangue, accendem-se os candieiros em sangue, pela rua tragica ha cantos de sombra dantesca onde não será maravilha que se pratiquem incestos. Parece uma cidade mandada fazer por Edgar Poe. Os pregões são de enterro, os mendigos em vez de pedirem esmola, cantam em melopeias de lucto a sua miseria. Um milhão de creaturas está a ter fome a estas horas: e os castanheiros das Tulherias, ao longo de tão bonita saude, fazem-me perguntar porque não são assim mantidos os rotos, os esfarrapados.

Da gare St.-Lazare até Versailles é uma exposição de deliciosas villas arrabaldinas, e que nada mais são do que os piquenos Parises que o grande ventre vai irradiando de si. Ha encantadoras casas onde uma imaginação de civilisado gostaria de viver com poltronas, lenha crepitante, bons livros, egoismo, e requintados comeres e beberes. Succedem-se os bosques penteados, os jardins com flores como pedrarias, e a meio do caminho a chuva pára e o sol rompeu absoluto e victorioso. Assim as cabaninhas de luxo de Suresnes estavam já cor de rosa ao passarmos, e entramos em Versailles com um tempo admiravel.

Não conto o palacio tão triste, com os seus museus interminaveis de onde se sae com dores de cabeça e enjoos, como depois de um boléo

de navio no mar alto. Corri essas maravilhas accumuladas, ajudado de um pictoresco guia alsaciano, e corri-as sem entusiasmo, sem interesse, para cumprir o meu dever de viajante. Ia pensando que basta razão tinha Luiz XV em fugir de aquelles salões tumulares para os braços serpentinos das suas amantes. Mas a minha anciedade em Versailles, a minha paixão de annos, era ir fazer uma romaria de piedade ao Petit-Trianon, onde brincou e riu esse anjo chamado Maria Antonieta, que o bicho humano deixou guilhotinar sem protesto pelo crime de ter sido muito bonita e muito amada.

Atravez das leituras e dos commentarios da minha imaginação, eu suppunha o Petit-Trianon um palacio todo doirado e luxuoso, cheio das rendas e dos artificios com que o seculo XVIII costumava mascarar a sua penuria de alma. Succedeu enganar-me mais uma vez, como sempre quando aprendo a Vida nos livros. O Petit-Trianon é uma casinha quadrada, singela e suave como uma casa de Leça. Logo esta despretenção de exterior me encheu de amizade e de emoção. Esperava um alcáçar de rainha, topei com uma thebaida de artista. A escadaria maravilhosa, opulentamente decorada, tinha no entanto uma serenidade e nitidez quasi classicas: mas foi sobretudo ao correr a casa, ao visital-a como se ella fosse na rua Fresca e tivesse escriptos para alugar, que a minha cabeça começou a desorientar-se e ideias

mais novas começaram a entrar nella. Apesar da minha enorme sympathia pela mulher de Luiz XVI, eu cria-a mais complicada e amaneirada do que em verdade era. O seu refugio de Trianon, está mobilado com uma simplicidade que não podia deixar de corresponder á simplicidade de aquella grande alma. É um interior que respira sobriedade e conforto como o de um tranquillo lar irlandez. O lindo mobiliario do seculo, ás vezes de um torcido tão impicante, como que ganhou n'aquelle ar mais honestidade, mais dignidade. O quarto de cama da Rainha é como uma alcova de virgem, como uma cella de beguina: catresinho de tres palmos onde quem se deitar ha-de ter por força bom dormir; e os retratos do delfim, e da sua querida amiga princeza de Lamballe, esmaltados em vasos de Sèvres, estão ao pé, para que Maria Antonieta nem um minuto esqueça os companheiros do seu coração onde todo o mundo cuspiu, e ninguem leu. Descerrei o transparente de uma janella, e que viram os meus olhos surprehendidos? Parques immobilizados, tapetes de relva com moitas de flores, tanta limpidez, tanta paz aureolada, que a natureza então me pareceu tomada de extase. Depois corri aos jardins, sorri com ternura ao lindo belveder de marmore branco onde a Rainha, como num miradouro de cotovias, almoçava pelo verão; pasmei dos brincos de arte que um architecto quasi de

..

theatro armara na paizagem, inventando rochedos, talhando ribeirinhos, plantando arvores exoticas, a ver se matava á sua rainha e ama aquella sede de phantasia que não conhecia diques. Mas só chegou o momento de eu me quedar num gozo infinito e extatico, quando o guia alsaciano nos levou ao Hameau, á aldeia mandada fabricar por Maria Antonieta, para ella e a sua côrte verem a que sabia a vida simples; e onde está a casa de colmo, o presbyterio, o moinho, a residencia do bailio, os telheiros para guardar a colheita, todo o scenario de uma freguezia rustica e pobre, tendo por fecho a leiteria, onde a Rainha por suas proprias mãos de anneis fazia a manteiga e o queijo para vender ás fidalgas. As fidalgas vestiam-se de camponezas, o Rei, que era um bom homem, mascarava-se de moleiro para não desmanchar prazeres que deviam parecer-lhe um pouco doidos: e a horas tantas, como nas magicas, a vida aldeana punha-se em movimento, lá se mexia a mó do moinho, os portaes das casas cobriam-se de bisbilhoteiras, e entre a monotonia mystificante de todos só a Rainha talvez tomava a serio, e cumpria com fé o seu encargo.

Oh Maria Antonieta, como na moldura dos teus caprichos e da tua casa eu te vi bem, com esclarecida justiça e absoluta irmandade de alma! És tu bem parecida com nós outros, princezinha de olhos azues, linda como um amor, nascendo

em berços de oiro e appetecendo-te os presepios dos lavradores, tu que os Goncourt pintam vestida de percal branca e chapéu de palha, sentada na relva, a espiar a tua roca como qualquer pastoreira das serras. Tambem nós, homens impotentes d'esta decadencia, buscamos os que não sabem, e seria realisada a nossa ventura se adaptassemos o corpo rebelde e sybarita á vida do aldeão que não amarga a Vida, se tivéssemos um *hameau* onde as rodas dos moinhos moessem o trigo, e com elle soubessemos fazer o pão para comer. O teu Trianon lembra os nossos livros de versos: rainha, aborrece-te a complicação e a etiqueta, aspiras á Simplicidade; mas como a Simplicidade é em ti uma reacção e não um habito, crias uma aldeia onde o burel encobre as sedas e a urze disfarça as roseiras preciosas. Nós, homens da terra, fugimos para o amor das estrellas que só conhecemos de as ver lá muito longe, e assim ficamos a viver no vazio uma vida artificial e torturada. Eras frivola e insignificante, perdias o tempo entre o teu cravo, os minuets da côrte, os conselhos de um abbade casquilho e os motetes envenenados dos aduladores: davam-te mais cuidado as tuas flores que a França. Isto te dizia uma França conselheira, a ti, fada encantada do Rheno, e uma côrte cynica e malvada, a ti, ingenua e meiga rapariga: tambem certos paes batem nos filhos quando elles não teem queda para os nego-

cios, e desde meninos se entregam a scismas que não são praticas. No entanto, a tua frivolidade de creança amimada, escondia uma alma que era ainda mais linda do que tu — se é possível! Tinhas na cabeça um passaro tagarella, mas os teus olhos allemães sonhavam, e andavam de sentinella aos teus caprichos. Foste boa, sem vaidade, sem reservas, com aquelle orgulho que nunca se mostra, sempre a primeira nas tuas amizades e mantendo-as com firmeza, amiga dos pobres e dos desprotegidos, cheia de imaginação e creance. Eras espontanea como a agua: os Francezes gostam das creaturas reflectidas. No dia em que foste mãe, deixaste os brinquedos e educaste os teus filhos com religiosa obsessão. Enquanto estiveste presa, a coragem e o orgulho mantiveram-te rainha, a resignação e o amor aos teus amigos, o perdão aos teus inimigos fizeram-te santa. Finalmente, ao romper no ceu a livida manhã da guilhotina, tinhas os cabellos brancos, a tua ultima benção foi para os teus filhos, e por isso a tua morte, oh Maria Antonieta, ainda hoje faz chorar as nossas almas!

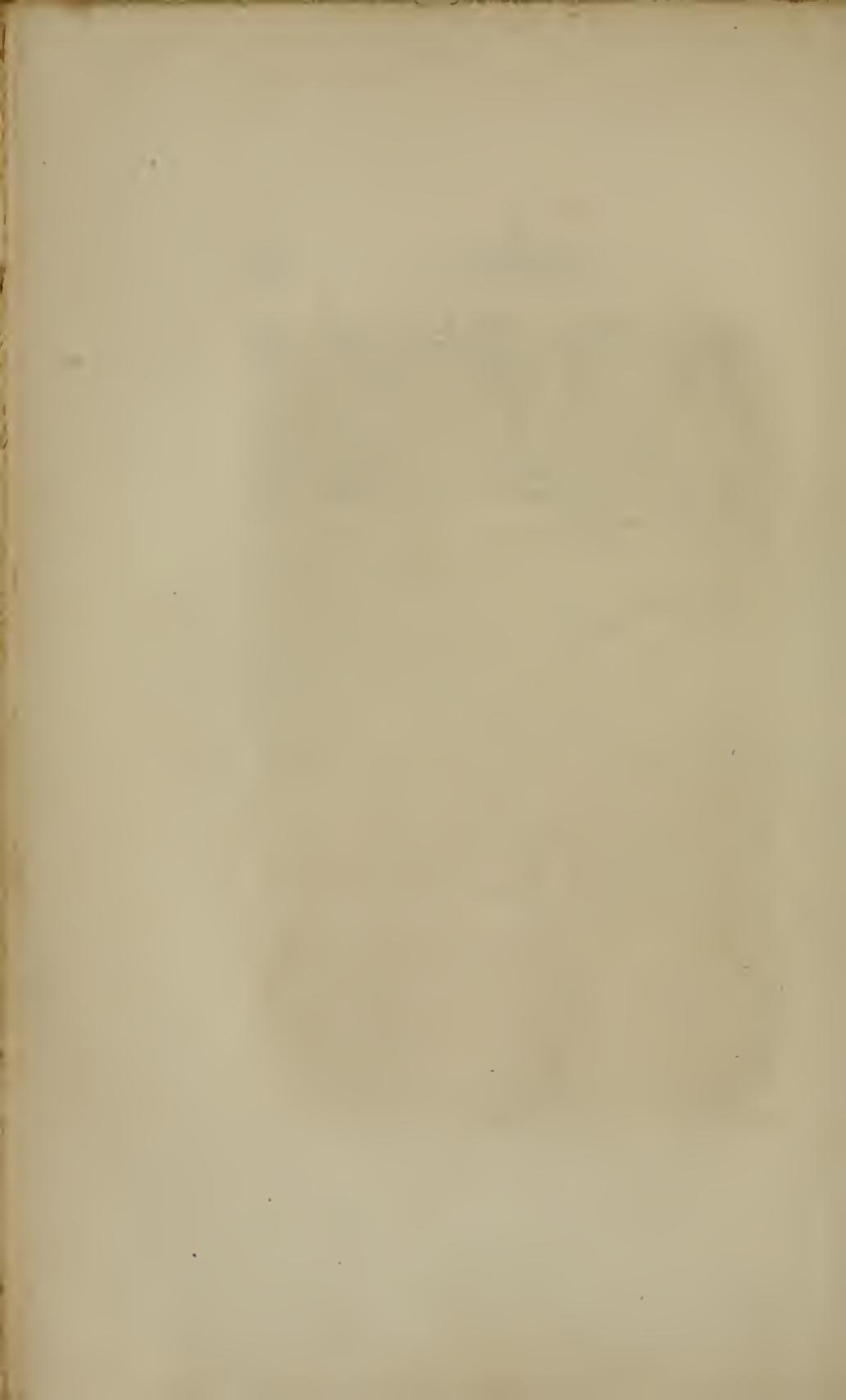
Fez-me mal esta visita: achei os homens em tudo mesquinhos, e appeteceu-me perguntar como o philosopho, para que é o homem mau com o seu semelhante, se esta vida são dois dias e todos poucos e curtos para cultivar em nossos peitos o amor. Trouxe das relvas de Trianon uma florinha

---

azul para lembrança. Morria a tarde como uma creança dorme, sem um murmurio. Num banco do parque um frade velhinho, tão calmo como se fôra um velho tronco de arvore, lia na paz do Senhor o seu breviario. Eu fui-me embora, revolvido de sonho e de sobresaltos, recolhi ao enorme Paris todo a accender-se sob um hystericu ceu de estrellas cadentes.

Porto, 1892.

---



## RENAN

*2 de outubro de 1893.* Faz hoje um anno que, indo eu procurar ao Collège de France quasi meu visinho, noticias do sr. Renan, dado muito doente pelos jornaes do dia, o porteiro, todo de preto, e com os olhos molhados, me respondeu assim: «O sr. Renan morreu esta madrugada, ás 6 horas e 20 minutos».

Devorei quasi com gula esta má nova. A verdade é que toda a gente a ignorava ainda no Bairro-Latino. Á meza de almoço, minutos antes, estiveramos nós justamente discutindo se Renan escaparia com os seus abbaciaes setenta annos. De modo que, áquella hora, eu era das poucas pessoas sobre a Europa, que sabiam ter-se

apagado para sempre um dos seus maiores e mais perfeitos espiritos. Saboreei com novo gozo a surpresa que devia ao acaso; disfructei mesmo um pouco a descuidada Europa, a sós commigo. Morrera Renan, o grande Renan! Sabiam-no ao menos já as arvores e as pedras entre as quaes tantos annos vivera? Olhei em roda, nenhuma folha bolia. Sobre a relva do parterre, o sombrio Dante de bronze não erguera a cabeça nem desfranzira a bocca sonhadora. Os passaros faziam o barulho dos outros dias, na rua des Écoles passava gente distrahida, voavam fiacres, choitavam omnibus. Esta indifferença sempre me toca: queria ver mais nervos no inanimado. Porque não serão solidarios o homem e a natureza, e não hão de gemer as arvores quando morrem os genios?

Contornei, por todas as bandas, o Collège de France. Nas trazeiras, disseram-me, duas janelinhas de guilhotina vestidas de stores brancos, e metade abertas, eram as do quarto do defuncto. Logo visionei a alcova: pouco pé direito, cama trivial de mogno, cheiro a antisepticos e rumor de rezas familiares. Deitado no leito, gordo, tranquillo, dando a impressão de córado porventura, estaria elle, com um sorriso de bom humor, estendendo no fim dos dedos aquellas ingenuas unhas crescidas que um desenhista bizarro pretendera uma vez encastoar em oiro. Morte sem tragedia,

sem grandes soluços, os lenços da viuva e dos filhos ensopam-se de lagrimas quasi voluptuosas. Eu ao menos creio que, nessa França sensata e *aproveitadinha*, os grandes homens, de certa idade por deante, passam a ser vistos pela sua familia como pessoas áparte, tão vivas na vida como na morte e em ambas interessantes por igual. *Madame Homem de Genio*, depois de ter seguido ao triumpho seu marido, põe todos os seus votos em poder ir visital-o ao Pantheon, e de boa mente se resigna em troca a ficar um dia sósinha e longe d'elle sob a pedra dos cemiterios de todos. Esta *sympathica* renuncia como a olho com azeda ironia, todas as vezes que as glorias humanas me apparecem fumo, e os proprios homens dubias abstracções!

Passou-se tempo nas minhas scismas. Quando voltei á frente do palacio, já chegavam sobreca-sacas cheias de pezames lavados e engommados, e os boletineiros passavam ás mãos do *concierge* maços de telegrammas azues. Paravam, a espaços, carruagens silenciosas; uma notei de onde desceu primeiro uma velha ratatinada, para dar a mão a um velho tropego, de cabelleira, cara de sabio do Instituto. Tão velhos ambos, que dir-se-ia não poderem um com o outro: e no entanto é ella sempre, até ao fim dona de casa, quem toma as iniciativas. Quanto o marido alheado, ella pressurosa. Vieram mesmo a tempo de dar força ao

que eu me achava considerando algumas linhas  
atraz!

\*

Não posso bem dizer que amo Renan, apesar de o ter entre os auctores preferidos, na minha estante. Certamente não me enche, não me consola, irrita-me por vezes, mas porisso mesmo talvez nunca me enfastia, acho-o tão divertido como elle achava divertido o seu seculo, e a cada passo sou por elle levado a estados de alma de onde, embora elle se escapule, eu mais não saio. Conversar com Renan é uma delicia, em tardes de outomno, nas meias-luzes attenuadas, e quando todos os oiros, passados pela ciranda do crepusculo, ficam cinzas. A sua prosa de mel insinua-se como a mais fina musica: cheia de mimos, de caricias, passa-nos a mão pela cabeça, adormece-nos, beija-nos, conduz ao instante divino dos rapazes solteiros sonharem com noivas e lhes comporem doidos madrigaes.

Pensamos ter de roda de nós mulheres e creanças com vozes de velludo, e pronuncias cheias de rythmos novos. Renan nunca trata assumptos rasteiros, e o seu espirito, alto apezar de tudo, nem um momento cae na lama. As terras bretãs de que nos conta historias são paraizos, a Judeia percorrida por elle abre appetites de longas via-

gens. Benções para um lado, benções para o outro, sorrisos beatos, bochechas cor de rosa, é um abbade de Julio Diniz correndo a freguezia no seu burro. E depois a nossa emoção não se arrepende, porque pensamos que no fim de tudo Renan é um trabalhador, um austero, um sobrio, que a felicidade de que tanto se gaba é composta de muito poucas coisas, e que se porventura somos illudidos, da mesma illusão que nós é elle a sorridente victima.

Venham agora depor os machos, os philosophos, os cerebros rectilineos e viris. Pobre Renan, que não tenho voz para te defender! Estes sem piedade, corações duros, accusam-te de enredar os problemas de vida com todo o ar de os resolver; affirmam que és apostolo do branco e do preto ao mesmo tempo, e por motivos eguaes, e com enthusiasmo a egual fervura; provam que não foi teu outro intuito senão seduzir, perverter homens e coisas ao mesmo amor por ti.

Pobre Renan, a tua tranquillidade incomparavel é que mais te compromette! Traçaste a tua vida com mais systema que Deus: deste-lhe principio, meio e fim á tua vontade, e fizeste-lhe a completa escripturação. Tu és, oh Renan, o homem monstruoso, raro, absurdo, *que nunca se arrependeu*. Não fala de uma insomnia a tua existencia, não reza de uma agonia ou duvida o teu diario. Tudo para ti está bem, tens um modo de dizer á Huma-

nidade: *não se incommode*, a que ella não está longe de responder: *não é com essas...* Os fiascos na tua mão, como os pães nas da Rainha Santa, tornam-se em triumphos. Um dia tens a creancice de aspirar a senador, e és derrotado. Não vale pezames, cara alegre! Venha a desculpa na ponta da lingua: querias ser senador para um dia teres morte heroica, romana, com o peito ferido por um punhal de conjurado. E aqui estou eu que prefiro acreditar-te.

Atravez da tua existencia é assim constantemente. Conseguiste encontrar no scepticismo a mesma doçura de alma que os outros só acham na fé. O teu medo ao soffrimento levou-te a jogar com elle um jogo ladino. Nunca venceste, mas nunca ninguem foi vencido. És admiravel. És philosopho, dizem uns. Sim, mas divino artista. Não é a Verdade o que trazes, mas um complexo disfarce. Prodigioso disfarce que a vale quasi a ella! Não houve em ti repouso enquanto não fizeste da Vida uma coisa perfeita, harmoniosa, sem no-doas, como uma porcelana. Junto do Parthenon caes de joelhos, mas se descortinas ao pé uma cathedral gothica, não sabes como fazer para adorar no mesmo compasso as duas maravilhas. Algum fadario extranho te condemnou a não crer em nada, e novo judeu errante, queres saborear com extase o teu castigo. Acho-te prodigioso, e a nobreza da tua vida fará que não seja movediço e

de areia o teu pedestal. Estás destinado a cegar os olhos da posteridade, mas ella não poderá passar sem ti. Com tanto aprumo de millionario e tanta real miseria no coração — tu não és outro, oh Renan, senão o proprio Diabo transcendente e medieval, sob uma encarnação contemporanea!

Eis como vejo os derradeiros annos da vida de Renan: escreveu incomparaveis memorias, onde tudo deixou explicado, tal é o seu receio de que o futuro venha a desordenar, com mãos pouco nitidas, a attitude correcta, barbeada, preciosa, que se talhou. Nesse livro dos *Souvenirs d'enfance et jeunesse*, que é a sua mais carinhosa amostra de arte, todas as hypotheses estão previstas: pensa com a mesma serenidade na outra vida e no anniquilamento absoluto, e acaba por se despedir do mundo com o ar equivoco de quem não crê no ceu catholico, mas tambem se fôr parar a elle, já pensa em não ficar surprehendido e se guarda para então abrir o seu sorriso esphyngico e dizer ao Senhor: *Já o esperava...* Este homem extranho até teme o ridiculo nas suas relações com o Sobrenatural. Indo para debaixo da terra (diz), paciencia, quem tão feliz foi em vivo deve dar-se por pago e satisfeito; se, contra todas as probabilidades, o espera o Purgatorio, terá artes de, com subtis e enredados argumentos, convencer Deus a chamal-o para o seu lado. De qualquer dos modos, com uma mesura e um aperto da sua

mão na mão indeciza do Creador, não se vê senão o mesmo Ernest Renan, *a agradecer penhoradissimo*.

Porfim, tendo acabado pontualmente as suas obras, copiado a limpo escrupulosamente os seus rascunhos, lavou-se, vestiu-se, fez as suas disposições, fixou o ultimo sorriso (para escapar á vulgaridade do ultimo suspiro), disse adeus á mulher e aos filhos, desceu as escadas, fechou a porta de sua casa e metteu a chave no bolso. Só então entrou para a sege onde o aguardava a Morte. E a Morte, desnordeada por tão comprida cerimonia, desleixou o seu predominio e deu-lhe a direita. *Merci, madame*, ainda uma vez. Partiram, cordealmente.

\*

O enterro de Renan foi o coherente ponto final d'esta ironia. Um publico polido, official, arejando as fardas, enchia o pateo do Collège de France, com a frontaria de lucto. Aqui e além ardiã caçoletas com luzes verdes. Conversava-se a meia voz, faziam-se grupos, a um canto François Coppée, cor de amendoa torrada, visivelmente estava mal dentro das suas palmas academicas. Nos discursos, que o vento trazia em farrapos,

todo o respeito: ninguém pretendeu humilhar Renan affligindo-se mais do que elle proprio com a sua ultima viagem.

Acabados estes responsos profanos, o cortejo marchou entre esquadrões de lanceiros; e eu, ainda na crença papalva de que me era luxuosa obrigação collaborar num acontecimento assim historico, encorporei-me no enterro, entre o grupo buliçoso e alegre dos estudantes. Até ao fim do boulevard Saint-Germain, cheio de curiosos, nada aconteceu que mereça lembrança. Mas ao entrarmos na ponte da Concordia, mesmo quando a procissão empenachada e faiscante, estava fronteira á parte emphatica e victoriosa do Paris moderno, e começavamos a achar decorativa a festa, vejo vir de um dos lados da ponte, hirto e esguio contra nós, um frade enorme, com a face glabra, a cabeça rapada, vestido de burel, e nos pés nus umas sandalias. Curiosamente examinava os burguezes, as sobrecasacas, as fardas, as carruagens; mas de repente comprehendeu, ou alguém lhe disse, que aquelle era o cortejo de Renan apostata, de Renan hereje, excommungado, diabolico. Juraria que um arripio lhe enrugou a tunica: apertou os beiços num ar de desafio, endireita o busto fortemente, e vel-o ahi volta cabeça e olhos desdenhosos para as paizagens do Sena, fugindo a passos largos do cortejo. O seu desprezo passou por nós como uma rajada; era soberba a expressão do seu perfil magro e

aquilino: e toda a gente pensaria que a luz do seu olhar fanatico e vigoroso ia illuminar emfim a contemporanea e morna banalidade de aquelle enterro.

Então, porque não hei de confessal-o? senti que o velho Renan, já installado no Alem, encolhendo, pela força de habito, os hombros tolerantes, trocava com Deus um novo sorriso de intelligencia. E não quiz continuar a ser mystificado, destaquei-me da fila cada vez mais espessa, e fui tranquillamente almoçar.

Mattosinhos, 1893.

---

## O POETA BRUANT

Aristide Bruant, o trovador funebre da miseria e do crime parisiense, apparece-me, meus amigos, como o unico authenticico *poeta novo*, porta-bandeira de uma maneira nova, suggestor intenso de emoções novas, entre os extravagantes mystificadores que diariamente distrahem uma amarga impotencia, fazendo falar de si a ingenua Europa letrada. Foi realmente curioso que um quasi analphabeto, da lingua pouco mais sabendo que o calão da sua classe, da musica apenas destacando as notas da escala, derrotasse em perfeita aljubarrota litteraria, a collecção de sabedores, de criticos, de theoristas e de ideologos a quem cahiu o encargo de nos fornecer ineditos arripios de arte, e diante de cuja

..

obra secca os nossos appetites cada vez se iam tornando mais biqueiros. É a eterna inconsciencia do genio annullando em todos os campos a alchimia pretenciosa e vã dos que, não o tendo, cuidam de ensinar aos ingenuos como elle se fabrica.

Bruant era um ninguem, um anonymo, um *noyou*. Trazia o corpo vestido de farrapos, a alma por certo roida de vicios, e por cima de tudo tinha fome, frio, raiva, talento. Um dia resolve abrir uma taberna excentrica, e attrahir sobre ella a attenção tomando o habito pictoresco de chamar nomes aos freguezes. Quem quizesse entrar fecharia os olhos aos insultos. Lá dentro Bruant os justificaria, cantando em poemetos de accento tragico, servidos por uma singela musica de enterro, tudo quanto a perversidade humana, cynica, miseravel, monstruosa, tem de justo e de providencial a um ponto de vista absoluto. Coisa extranha, este plebeu que se sabia intelligente não aspirava a conquistar Paris polindo-se, calçando luvas ás suas garras de anarchista — mas, pelo contrario, tinha orgulho do seu crime, do seu vicio, com elle queria affrontar o civilisado, e a brutos assaltos de tigre tel-o ali dominado e extasiado a seus pés.

A taberna Bruant, installada em Montmartre, em pleno ventre da grande bohemia artistica, começou por crear clientela entre os seus visinhos de bairro. Estes a annunciaram a Paris, e Paris lá foi por fim ver a caverna do altivo Diogenes.

Hoje Bruant é um homem rico, falado, tem caruagem, na cara o rancor de outr'ora deu logar a um desprezo frio, a sua taberna continúa a encher-se, e ás sextas-feiras, o proprio bairro St.-Germain se não peja de ir ouvir este homem sem papas na lingua que lhe faz a apothese do *souteneur* e da *marmite*. E as duquezas do bairro fidalgo, ou as banqueiras dos bairros judeus, todas se regalam por que Bruant lhes dê a honra de ir roçar a sua palavra acre de plebeu pelas maciezas dos seus salões.

\*

Foi em outubro que ouvi o poeta Bruant pela primeira vez, no seu *cabaret du Mirliton*. Entretanto havia já lido as suas canções, publicadas no volume *Dans la Rue*, e ouvira cantar as mais notaveis em quantos theatros e cafés-concertos povoam Paris. Os versos de Bruant correm a França; e neste sentido, elle é um legitimo poeta popular e um orago da multidão, como entre nós os cegos auctores de fados melancolicos e fatalistas. Em uma cidade do sul ouvi uma musica de Bruant tocada em realejo, e cantada por menestreis ambulantes. Não se imagina como a desolação da musica toma relevo, quando escutada ao ar livre, na toada monotona e dolorosa de aquelle instrumento, e pela voz arrastada dos pedintes.

Quando entramos no *cabaret*, Bruant não chegara ainda; senão ter-nos-ia contado, e como fossemos tres companheiros, faria a sua habitual saudação: *Un, deux, trois, merde!* Eram os seus ajudantes, dois rapazolas, que estavam distrahindo a freguezia, cantando as canções do Mestre. Mas Aristide abriu violentamente a porta, e entrou de repellão na piquena sala. Vinha todo vestido de velludo preto, como anda sempre, camisa cor de sangue, botas de cano alto, e um chapéu molle de enormes abas. Traz a cara toda escanhoadá, o cabello crescido, e a primeira semelhança que achei ao seu vigoroso perfil foi com o dos retratos de Coppée. A expressão da sua physionomia era victoriosa e desprezadora; a bocca contrahia-se num movimento nauseado como de quem vá cuspir sobre a Humanidade.

Começou a cantar numa voz energica e rude, uma das suas mais extraordinarias canções: *A Saint-Laçare*. É a carta de uma rapariga de vicio, levada para o hospital por estar doente, ao seu amante de coração, ao seu *pauw' Polyte*. Só se alcança bem a emoção e a suprema humanidade d'estes versos, sabendo-se que todas as libertinas de Paris, mesmo as de mais luxo, se consolam das humilhantes provações do seu mister amando até ao delirio esfarrapados ignobeis, que á custa d'ellas vivem numa perfeita indifferença do seu crime. Nesta tragedia de fim de civilisação, quanto

o homem, ou pela epilepsia dos seus appetites, ou pela alienação da sua virilidade moral, se rebaixa e se infama, fica á mulher perdida o papel nobre e alto de mostrar que a miseria do seu officio lhe não abafou os gritos puros da alma, que o proprio remorso da sua vida lh'os exacerbou com energia, a ponto de praticar heroismos modestos de dedicação diante dos quaes trepidaria a burguezia mais honesta, e de cumprir por outro lado, sem o saber, um encargo de compensação e de equilibrio humano, qual é o de conseguir que centenas de rastacueros do Brazil, juntos a milhares de plantadores do Mexico e de principes tolos dos Balkans, vão deixar na tontura do boulevard mancheias de luizes em troca de beijos falsos e de amores simulados, para afinal, este amazonas de oiro, vindo das mais egoistas cumiadas do Capital e da Fortuna, ir desaguar cheio de ironia ás possilgas dos desherdados, e ir annuciado por gritos de carinho, por hallalis de paixão, e gargalhadas funebres de sarcasmo.

As cantigas de Bruant são todas por elle ornadas de musica. Esta de que fallo, canta-se numa triste melodia, como seria a de uma mãe em frente do berço do seu filhinho moribundo, embalando-o a ultima vez para o ultimo somno da Morte. O poema começa assim:

C'est de d'la prison que j't'écris,  
 Mon pauv' Polyte,  
 Hier je n'sais pas ce qui m'a pris,  
 A la visite:  
 C'est des maladi's qui s'voient pas  
 Quand ça s'déclare,  
 N'empêch' qu'aujourd'hui j'suis dans l'tas  
 A Saint-Lazare!

Todas as estrophes terminam com o mesmo refrem lugubre, *A Saint-Lazare*, que é o nome da prisão, como se sabe. O halo de sonho e candura que nimba esta miseria, é indizível por palavras. A rapariga pergunta ao seu amante o que ha de elle fazer, agora que está presa e não pôde ganhar-lhe o sustento. Afinal pede-lhe que vá procurar uma das suas companheiras, *la grand' Nana*, e ella que o ajude com o que ganhar: *j'y rendrai ça, à ma sortie*. Recommenda ao amante que tenha juizo, que não beba de mais, que não pratique algum crime por que o levem preso. Em que recanto de coração encontrou esta voz rouca de meretriz o oleo sagrado que a fez doce, terna, amiga? Por ultimo despede-o com este longo beijo de adeus: «Apesar de tu seres tão mau para mim, eu adoro-te como em piquena adorava o bom Deus, quando ia á communhão a Santa-Margarida!»

Não é verdade que ainda nenhum poeta vira a alma humana até tão fundo? Sem rhetorica,

sem imagens, com a simples linguagem do sentimento dita num calão ingenuo e tropego, Bruant leva atraz dos seus versos as sensibilidades mais senhoras de si. Quando cantada, por exemplo, pela maravilhosa Yvette Guilbert, esta canção da presa tem passagens que são tremolos de violino, tanto a mobilidade da voz feminina descobre inflexões novas, e acha gemidos eloquentes, com que exprimir aos ouvidos de um publico intelligente a singularidade e a surprehendente belleza moral de aquella dor!

Bruant cantou ainda outras balladas, todas occupando-se dos bairros pobres, ora reproduzindo aguas-fortes de miseria, ora brochando com tintas diabolicas os ebrios panoramas de maldade entre os quaes continuamente está obsidiado o olhar fraco do Homem. O *cabaret* ia-se enchendo: havia sobretudo uma velha cara de professora de linguas que escorria baba e extase dos olhos, quando a estrophe descia de plebeia a obscena, e cravava a ideia a palavras contundentes como gumes de punhal. Veiu interromper-nos a entrada de uma loirinha cor de rosa, pelo braço do seu namorado. Como sempre quando entram mulheres, a assembleia, Bruant á frente, rompeu em côro:

Oh! la, la, cette gueule, cette binette,  
Oh! la, la, cette gueule, qui est la!

A rapariga córou por baixo do seu veu, foi sentar-se cheia de vergonha a um canto da sala. Bruant cantou apenas tres vezes, com os olhos no chão, dando-se ares. Depois da gloria lhe ter vindo bater á porta, a sua rudeza tomou um ar mais bem educado, e a sua ironia, mordida pela ganancia, de violenta expressão de arte pôde bem vir-se a tornar uma *ficelle*. Será deploravel. Agora que vae para o campo como um senhor, que tem o seu conforto e a sua vida organisada, já talvez se recorde menos que alguns milhares de pessoas morrem todos os annos á fome, no ópulento Paris, e não saude o fidalgo que vae ouvil-o, o *sale aristo*, com a mesma soberana brutalidade.

\*

O titulo que deu a Bruant foros de artista, e o levou pelo braço de Zola a tomar logar entre os homens de letras, foi a poderosa intelligencia creadora com que elle transformou a cançoneta franceza, de uma frivola galanteria, numa tragica ballada de fatalismo e de crime. A cançoneta era um pretexto para sublinhar ditos equivocos; a musica uma caprichosa renda de sons propria a ser tecida por vozinhas de canario, como a da Judic. Veio Bruant, e inventou a cançoneta de

costumes, poz-lhe dentro, a uivar, o mal e a fome; da musica fez o *de profundis* adequado ao borborinho d'essa grande colmeia de homens, e por este modo nos dá, com o maior relevo proprio da musica e do verso, o mesmo effeito perturbador dos admiraveis desenhos de Forain e de Steinlen.

A poesia do povo de Paris eil-a ahi gravada no seu livro. Bruant é o poeta dos que dormem pelos bancos das ruas e appetecem a prisão para terem um lar. É o poeta dos guilhotinados, e o funebre arripio da luneta no pescoço do miseravel parece palpar-se nos seus versos. É o poeta dos que, no inverno, se vestem de neve, á falta de melhor manta onde se agasalhem. Trovador do assassino, do ladrão, da mãe que vende filhas de oito annos a velhos lubricos, da amante que tanto mais adora o homem, quanto mais o homem lhe bate, do velho a quem as cans não dão respeito, do novo a quem a pouca idade não dá candura, do gato-pingado que negocia com a Morte, do anarchista candido que se julga missionado por Christo a expulsar o burguez da terra a dynamite, defensor dos que não tem defeza, accusador dos que ninguem accusa, o talento de Bruant entra em todas as escuridões, rouba um pedaço de treva a todas as trevas, e ensanguentando as mãos nos incestos, fazendo tropeçar a inspiração pelas que-lhas do Amor contra a natureza, mostrando o Mal

governando em cesar sobre as ruínas de uma bondade convencional e ridicula, eil-o que num golpe de mão põe em farrapos a scenographia emphatica e triumphante dos grandes boulevards, fazendo por traz d'ella surgir, a instantaneos relampagos de luz vermelha, a negridão e o assombro que se haviam relegado aos bastidores.

Como todos os poetas populares, ignorantes e tendo, embora uma grande ideia, apenas essa, dirão que Bruant é monotono e que a sua nota artistica se repete successivamente. É esse o defeito e a qualidade d'esta grande forma poetica. Dá por uma banda enfado, mas pela outra intensidade e obsessão. Tambem monotonos e eguaes são os ceus estrellados, os mares bravos, os dobres de sinos; mas como deante de todas as bellezas eternas, a nossa alma vae e vem num balanço periodico de fadiga e de curiosidade. A canção de Bruant, uma vez ouvida, não mais esquecerá; tel-a-emos presente nos labios, prompta a ser dita, sempre que a nossa imaginação gasta precisar de choques que a despertem. A immortalidade da alma começa a perceber-se nas grandes obras de arte inconscientes; e quando a Biblia diz que Jesus resuscitou Lazaro a um simples signal da sua voz, dentro d'esta lenda o symbolo que se acolhe não é outro senão, que mesmo dentro das sepulturas, mesmo aos ouvidos dos cadaveres, poderemos mesmo dizer aos ouvidos das plantas e aos das pedras

(que também choram) a voz em que ha dor sentida, o livro em que ha humanidade, a alma em que palpita amor e ternura, não falam e não protestam em vão.

Porto, 1893.

---



## SANTO ANTONIO DOS OLIVAES

Estrada de Cellas fóra, por uma nervosa tarde de vento, aqui vou eu com o meu amigo Toy, num carro á desfilada, para a romaria do Espirito Santo! Coimbra toda está embandeirada de papoilas, e as campainhas de barro tocam avè-marias na alma dos estudantes. De todas as bandas, caras de rapazes ainda minhas conhecidas estão a saudar-me, e as tricanas cor de violeta andam descantando de roda do convento das Therezinhas, a ver se as grades se descerram, as cellas vazias se caiam de novo, e vem um bispo vestido de roxo convidal-as a entrar para freiras. Pois quê! Julgaes que alguém differença as vossas barcarollas, raparigas, dos threnos e rezas das noviças?

Viva o amigo Jardim Botânico! Está um janota com os seus rouxinoes que veem de missa cantada ao Poente, com as suas accacias floridas derramando perfume a duas leguas, e as suas tilias cor de oiro que vergam até ao chão para darem amavel sombra. Deslisam os rapazes, melancolicos, arrasando a capa; e as meninas bonitas, ao passar, descançam nelles olhares anciosos. Quem lhes dera um noivo, ás pobres filhas do Mondego! Quasi todas já tiveram o seu inverno de triumpho, foram as mais bellas por dois mezes, fizeram tremer as lyras dos poetas e chorar as guitarras dos estroinas. Tão bem trajadas, com ramos de papoilas no seio, ninguem dirá que os vestidos foram feitos por suas pallidas mãos e nelles não interveio voto mercenario de modista. Mas certo fatal domingo de Jardim, eis que surge outra rapariga, ainda o anno passado de saias curtas, córada por enquanto de apparecer no meio da multidão. Vem timida, pisa com medo, faz quasi tanta pena como um anjo numa procissão: subito todas as lyras se voltam para ella como para o sol nado, e as guitarras ensaiam novos accordes afim de a cantar com eloquencia. Assim a nova eleição se fez, a dynastia tem mais uma soberana, os sinos da cidade cantam por ella *Real! real! real!*: em quanto as pobres desthronadas se vão resignando na sua sombra discreta, e entram a vestir com mais pobreza, a falar com menos entono, e lhes

murcham os olhos, desmaiam os risos, se arripiam os cabellos, só de ouvirem nos echos das quebradas, uma voz de bruxa que lhes reza: «*Ficareis para tias! Ficareis para tias!*»

Vamos seguindo por esses campos fóra: que não tarda a noite e sem luar! A paizagem, sob a luz carinhosa da tarde, é de velludo: todos os verdes macios á vista e ao tacto, podem roçal-os mãos de anneis que não darão com tojos. Adeus minha lavadeira, de alvo cabello em bandós, que será de ti no ceu se lá não ha «rupinha» a lavar, e é a Lua que faz toda a barrella dos anjos! Vês como cumpro a promessa que o anno passado te fiz, e aqui venho, como fiel romeiro, comprar o meu chocalho á romaria? Boas tardes, Assumpção-sinha, cara de santa bysantina, ouvi ás más-linguas que muda menos vezes de camisa, que de namorado? Adeus, sr. Toy! Olá, senhor doutor! Aqui temos agora a Ernestina, fedelhita de quatro annos que todos os dias de inverno, ao sair da aula, nós encontravamos a sirigaitar na rua Larga, em fralda, roxinha de frio como uma gangrena. *Senhor Toyo!* Quem é a tua mãe, Ernestina?

— Maria de Jesus, gaguejava a piquena.

— E o teu pae?

— Doutor José Ribeiro de Castro Amaral e Mello. . . Senhor Alberto, dê-me dezreis!

Todas as Mães em Coimbra, entre as tricanas, se chamam Marias: da Conceição, de Jesus, do

Rosario, da Piedade; todos os paes são doutores — doutores dos Nomes Compridos! Porisso a belleza das raparigas vae murchando desde um estudante as malfadou e parte, deixando-as ao abandono mais aos filhos. Estão habituadas, tem o exemplo das mães, das avós, das companheiras: mas nem por isso o fado lhes é mais leve de cumprir, e lhes deixa menos sulcos de velhice e lagrimas na face cor de choupo. Bem diz o Toy na sua cantiga:

As tricanas todo o anno  
Vão plantar os seus amores  
Lá no jardim do engano  
Do coração dos doutores...

\*

Parou a traquitana, eis-nos em Santo Antonio dos Olivaes! Tome o leitor o meu braço, se nunca aqui veio, e prepare-se para a mais perturbadora emoção da sua vida. Dlim, dlim, dlim, todas as campainhas nas mãos involuntarias das romeiras; querem repicar em festa e só conseguem tocar a santos. Olhe agora as raparigas: caras finas, feições fidalgas, mãos que se não herdaram pedrarias, lá tem marcado o logar para ellas. Tudo isto são filhas naturaes: os mais puros exemplares humanos

de Traz-os-Montes e das duas Beiras aqui vieram cruzar e deitar raizes. É pena que a colheita actual de rapazes tenha já tão pouco esplendor; tirando alguns beirões de olhos firmes, as physionomias são dubias, escorregadias, sem character. O que lhes dá insinuancia ainda, é a candura do olhar, a sinceridade da bocca que ri aberta, e certos ingenuos penteados com grande poupa que ainda mantem a herança do classico bacharelado campezino, antes do caminho de ferro e das batinas curtas.

Vamos subindo as escadarias do adro, entre capellinhas de Passos do Senhor onde o povo pára a rezar. O divino panorama vae-se desdobrando, vê? De um lado e de outro o fundo é de olivaes espessos e sombrios, a paizagem tem um ar de ameaça: é a Beira sem mescla. Natureza austera, grave, grandiosa, evoca Herculano, os nossos frades, os nossos guerreiros; todos os contornos da velha alma portugueza ali se acham desenhados pela mão de Deus. É um ponto de vista que educa quasi tanto como uma pagina de historia. Estamos a um kilometro do *Penedo da Meditação*, o sitio tradicional dos suicidios, onde João de Deus, com a inconsciencia despreoccupada de uma creança ao pé de um abysmo, andou construindo durante a formatura um muro de alvenaria. Este murinho em ruinas, diante de aquelle immenso e sinistro valle digno de vir na Biblia — é uma poesia lyrica de uma transcendente e amorosa ironia! Que ton-

..

tura me faz um valle assim, cheio de sons longinquos e vagos, cães que uivam, foguetes que estoiram, lavradores que malham nas suas eiras. Appetece-me segural-o pelas extremidades como se fôra uma toalha verde, juntal-as numa mão, e pôl-o ao ouvido como uma concha do Mar!

Pelas encostas que descem á direita do adro, o sol na agonia veste de oiro pallido o mais colorido e bizarro trecho de arraial: lenços vermelhos ensanguentando a relva, merendas no fim, e reparigas em danças e descantes. Scismo que ellas vão assim descendo a ladeira até ao valle numa dança de doidas na cerca de um manicomio, e que do valle continuarão descendo para outro valle, e para outro, e para outro, até ao do Infinito... Olha para o Mondego, ao longe. Paizagem opposta, aqui é Beira, alem Hollanda: aqui olivaeos sombrios, alem choupos desmaiados. Aqui montes tristes sem agua, alem os fios doirados do rio enredando a terra na sua rede. E que vasta e vaga planicie, terminando em brumas como um sonho, com os campos transmondeguinos resplandecendo de uma brancura tão leve e aerea como se lhes houvesse nevado em cima!

Sinto-me penetrado de uma tristeza enervante. Esta natureza tem opio: ennubla o cerebro, verga a alma. Por mais que o povo se mexa em volta de nós, e uma alegria frouxa tente a espaços fazer-se ouvir no meio dos tercetos dantescos que

a Terra dicta, o certo é que o lucto dos olivães me subiu á cabeça, e não sei que espectro funebre anda no arraial, que não se ausenta. Então o Toy, com a sua voz que se alonga pelas quebradas, canta assim:

Se as lagrimas fossem pedras  
Com as que eu tenho chorado  
Mandava fazer castellos  
No meio do Mar salgado!

\*

Dlim, dlim, dlim, as campainhas não cessam de lembrar ás almas que Deus não dorme. Rapa-rigas, os vossos braços não teem já saudades das amphoras suas noivas? Hei-de fazer-lhes uns versos, com o nome *Ballada das cantarinhas*. Coimbra é a terra das fontes, a do Castanheiro, a dos Amores, a do Jardim, e ás fontes ides vós buscar tudo quanto vos faz mingoa na vida: agua benta que trazeis na cantarinha, beijos de namorados, que trazeis fechados na bocca. Hoje vindes com o melhor chale traçado, fazendo estalar os dedos nas voltas e balancés do vira. Ha modas novas este anno? Pois não ha! Todo o inverno andastes inventando cantigas, só no verão é que as vossas vozes param: como o Mondego, que tambem

secca. E é aquella paliteirinha da Baixa, farta de cravar fundos palitos de amor nos peitos dos rapazes, quem rompe com esta linda quadra, batendo as palmas:

Aqui se canta-a-a, aqui se dança-a-a,  
Aqui se joga a laranjinha:  
Eu conheço os meus amores  
Pelo nó da gravatinha.

O Toy não resiste, já quer entrar para a roda. Ó Toy, socega! Vamos aqui a examinar as caras dos estudantes: auscultar a geração, vá. Aquelle é poeta, não é verdade? Sympathico, romantico, grandes bigodes negros: lembra-me um que uma vez encontrei debaixo das tilias do Jardim Botânico, a ler o *Paulo e Virginia* e a riscar no chão com a bengala: *Bertha!* Cá está este trigueiro, baixinho, cara intelligentissima; parece um peixe a saltar, tão vivo é. Tambem poeta. E outros que são terriveis guitarristas, e mais outros amarelentos com a corcunda do estudo, e uma grande collecção de janotas, luvas, bengala, charuto, tudo a querer ser visto e apreciado. Mas em todas estas physionomias ha candura, mocidade, e encontram-se aqui (como em nenhuma outra parte) bons rapazes. Certo, raros teem alma firme para resistir ao meio que a Vida lhes impoz; mas enquanto estão nos estudos, como não pensam no *futuro*, nas *conveniencias*, pretextos ignobeis

da maldade humana, a sua convivencia tem um aroma que nunca mais se esquece. De ali é que hão de sahir os imbecis triumphantes, os egoistas victoriosos, não ha duvida; ha alguns que até se adivinham desde já, sem nicromancias; todavia o conjuncto do meio é muito sympathico e pictoresco ainda. E Coimbra é a unica terra de Portugal onde se pôde, sem nojo, ser rapaz.

Toy, vamos embora! Começa a anoitecer, podemos ás vezes rolar com a treva por esses montes abaixo. Tenho medo de isto. Os milhos da tua Agueda estão já da minha altura, não é? Qualquer dia lá estaremos os dois a conversar, pelas noites fóra. Temos tanto, tanto que nos dizer! Eu não sei tocar guitarra; pois bem, oiço uma a gemer dentro da minha alma. E ha uma voz que canta. Voz e guitarra, de quem serão? Dlim, dlim, dlim, dize ás campainhas que nos deixem em paz, por Deus! Os versos são tristes, mas é alegria é melodia... Ouve, Toy, ouve um bocadinho:

Phantasma de olhos cinzentos,  
De olhos verdes de luar,  
Que absorves meus pensamentos,  
Tal bebe os rios o Mar:

Phantasma de olhos nublados,  
De olhos verdes cor do mar:  
No mar verde d'esses olhos  
Alguem se vae a afogar!

Diziam que ha primavera,  
Inverno e verão, noite e aurora;  
Eu inda o não percebera,  
Começo a entendel-o agora...

Toy, adeus, adeus, tenho de me ir embora.  
O comboio? Vae tão lento o comboio! Não haver  
um balão, ou uma aguia que me queira levar ás  
cavalleiras!

Porto, 1893.

---

## ANTONIO NOBRE

Não é sem uma singular emoção e uma perfeita confiança na justiça do tempo, que vejo cada dia mais aureolado de admirações, e relido por mais leitores sinceros, esse extraordinario auctor do *Só*, o poeta evocador e cheio de segredo, mistura de Lord Byron e Bernardim Ribeiro, encantador e bruxo pela magia dos seus versos, pela amargura quente dos seus olhos, pela desolação sem risos da sua mocidade, por casos de existencia que, previstos n'outros, á chamma verde do seu temperamento e do seu genio assumem fórmas de extrahumanos.

Em toda a parte onde viveu teceu a teia da Lenda á sua roda: e até velhinho a irá tecendo e

acrescentando. Orgulho feroz e de edade-media, fé absoluta em si como é proprio dos grandes, ainda era uma creança com os mesmos olhos enormes (immensos quando scismavam) que já amas velhas, caseiros da quinta, adivinhos da aldeia e abbades de cinco leguas ao redor lhe previam alto a sua sina: *serás o principe dos poetas do teu tempo!* Cresceu, fez madrigaes, e, lindo moço, de Byron debaixo do braço, ia para o mar alto gritar versos ás ondas. As ondas dobravam-se para a sua lancha passar, os pescadores pasmavam da sua cabelleira em anneis e do seu grande livro, e venham saber a Leça a lenda ingenua que deixou: já o tratavam por tu os poveiros, e lhe perguntavam, de troça, pelo livro, que nunca sahia, que nunca sahia! Cá ficou, ninguem o esquece: chamam-lhe o *Creatura-Nova*, e um dia, os netos d'estes cantarão decerto, na toada do Bemdito, as suas balladas. Depois ás tardes, poentes prateados e meigos da beira-mar, Antonio Nobre, sobre os rochedos, lindo, com maneiras sacerdotaes e uma voz de outro mundo, pontificava em verso ás raparigas. E foi e é sua fé e seu destino, abrir o appetite no coração das mulheres antes que o d'elle perdesse o fastio profundo, anormal, absurdo, que o caracteriza. Do seu contagio sahiam ellas, aos primeiros dias mystificadas, por fim absorvidas e prezas: de tal modo os seus processos de namorar ternos, excessivos, doidos, se tornavam dentro

em pouco despoticos, absolutos, dobrando a mulher sob o seu olhar e o seu dominio.

Cresceu ainda, começou a envelhecer ha cinco annos (tinha dezenove) e logo nos primeiros dias de Coimbra se travou lucta da sua capa de seda, dos seus collarinhos voltados, do seu Waldeck encadernado em biblia — com a teima amarella e viscosa de um doutor estúpido e mau. Duas vezes foi repprovado no primeiro anno de Direito: foi a propria Universidade que o presentiu diferente dos outros e o quiz honrar com o seu odio. A desgraça tornou-o sympathico e querido dos estudantes: não se divorcia mais o Penedo da Saudade do seu perfil, e a torre de Sub-Ripas onde morou, lá está baptisada com o seu nome, é a Torre-de-Anto.

Um dia alguem desejou a Antonio Nobre as riquezas de Salomão, para lh'as vêr applicar. O seu ar era realmente, ao partir do Tejo para a França, no anoymato de um transatlantico, com um bota-fora intimo e em lagrimas, o ar de um principe que uma revolta apeiou do throno e embarca para o exilio: tanto as piquenas contrariedades as engrandece a sua intensa e barbara imaginação, a ponto de lhe modificarem a physionomia, de lhe pôrem rugas na testa e lhe abrirem mais fundo as covas dos olhos, e de não ser novo se, porque não lhe respondam prompto a uma carta ou lhe não entendam rapido um capricho,

perder o appetite, perder o somno, e se emaciar até parecer um tísico e segredarem na rua os trans-euntes: «Coitadinho do Poeta, que não alcança ao anno novo!»

Principe exilado e nostalgico, sim, de vontades omnipotentes e indomadas susceptibilidades. O fundo da sua tristeza é a decepção que tudo lhe causa: quando chegou a Paris teve um ataque de melancolia quasi tragica por se lembrar que era tão pouco, que a sua alma ficava tão muda, e que no entanto *era aquillo ainda o mais perfeito que tinha produzido a Humanidade!* Dir-se-ia que na sua existencia não faz mais do que repetir outra que já viveu, cuidando que vae por estrada nova: de ahi logico o seu tedio que a nós, de mais baixo nivel, impaciente e irrita. O seu orgulho é tamanho que toca o outro extremo, a timidez selvagem: e deante de um homem de genio talvez ficasse violeta, mas só pela preocupação de se não dobrar. Ardente e portuguez, é de aventura e romance o sangue que lhe corre nas veias: a vós outros, se tivessesis milhões, appeteceriam os confortos apopleticos e egoistas da civilisação, e serieis (como sois) ponderados e anonymos — ao passo que elle daria brado no Mundo, como Byron. Poderia ser *tudo em tudo*: assim será apenas o mais elevado Poeta da sua geração. E sel-o-á pela simples força do seu talento junta á invulneravel força da sua fé. Quando não publicara ainda livro e era um

desconhecido, o desdem com que acolhia a obra dos outros, a certeza de *façer melhor*, era tão calma, como hoje que é o auctor do *Só*, e que colheu grinaldas de quem tinha prestigio para lh'as impôr.

Pois o bizarro principe Anto que, elle-proprio, por uma natural volupia, tem bordado de lendas a sua carreira, lá vae fazendo um amavel Direito (como Fradique) pelas cervejarias do Bairro Latino, sem que por isso a fina Faculdade franceza oise manchar de favas pretas quem veste com tanto ar a *robe* negra e o branco escapulario da regra. E o poeta já pôde hoje escrever por baixo dos seus bilhetes: *bacharel em Direito pela Universidade de Paris*, o que opulentamente o paga dos seis RR com que Coimbra o despediu do quadro dos seus eleitos.

Dava um nervoso e pictoresco capitulo, que será para algum dia, o estudo da sua vida em Paris, e do grau a que a intensidade do grande meio influiu nelle. Disse-me certo dia uma senhora, que alguém vira Anto subir o Bois, no fundo de uma carruagem, monoculo sobre a Multidão. Só este engano, e á pressa, aqui desfaço. Certamente era Maurice Barrés, que dá uns ares do poeta, minha senhora. Antonio Nobre vive em Paris como um frade: a sua leitura é o *Ecclesiastes*, Shakspeare e as biographias dos grandes poetas (significativa bibliotheca, esta ultima). As

estudantas de Boul'-Mich' chamam-no o *petit évêque*; com uma bengala de ermita e um longo habito de burel a que elle poz o baptismo de *monge*, raro passeia a sua tristeza, sob a neve, nos poentes purulentos, esverdeados, criminosos do Sena. O *Só* foi escripto numa sombria casa que já foi convento, ao pé do Pantheon. Tudo ali, de noite, com os sinos de Saint Etienne du Mont a dobrar, evoca o seculo XVII; mas o poeta um dia mudou de casa, queixando-se de que o Voltaire, seu visinho do Pantheon, toda a noite resonava e o não deixava dormir.

Antonio Nobre não ama afogar-se na Multidão, extranha-a; precisa de *vêr-se* constantemente; só é o seu estado natural. Uma vez que descia os Campos-Elyseos, trasbordantes de mundo, notou: «Parece incrível que, com tanto pezo em cima, o Planeta não amolgue d'este lado!» E quem pensou vêl-o no Bois, resignado a entalar-se na engrenagem parisiense, mais facilmente o toparia nos bairros solitarios da margem esquerda, batendo ás portas dos conventos e pedindo para entrar. Curvado, derreado, como tendo ás suas costas o pezo de toda a Dor humana, assim segue os boulevards; e quando o *Ecclesiastes* lhe mostra, além do pouco que o Mundo vale, o pouco que vale elle-proprio no Infinito immenso, Antonio Nobre toma o omnibus *Batignolles-Clichy-Odéon* e vêl-o ahi vae ao Lou-

vre, colher na contemplação da incomparavel Venus de Milo a serenidade divina, o orgulho divino, o desdem divino que receia se escoem dentro de si.

\*

Livros de versos são medicinas da alma, frascos mysteriosos, onde, concentradas em sobrias essencias de sonetos, particulas venenosas de imagens, saes perturbadores de rimas e de rythmos, encontramos respostas á nossa dor bem mais profundas que nas tagarellas glosas dos prosadores ou nas desmaiadas paginas dos descriptivos. Poemas liricos devem ler-se como os escrevia João de Deus: ás escuras, e puxando uma fumaça da cigarette para cada verso que nasça. Um verso é um mundo: quatorze linhas rimadas de Anthero podem impor ou poupar um suicidio emquanto mil milhões de folhas de prosa compacta, onde a descripção é colorida, mas o espirito é baixo, correm diante dos olhos soffredores sem provocar um spasma ou um opposto estado de alma. Versos são como orações: decoram-se, casam-se com melopeias da nossa affeição, e sempre que punhaladas da Vida vos ferirem, o Padre-Nosso encontrar-o-eis de mãos dadas, nos vossos labios, a farrapos de versos onde irão farrapos de alma.

Nas horas difficeis das lagrimas é que se apura, se a dor de um poeta é artificial e soa falso. Quem já disfructou e soffreu essas horas sabe como então, por sua inferioridade fazem dó as mystificações e enredos da arte litteraria. Dia em que algum nobre e alto desgosto vos afogar de soluços, abri a *Imitação de Christo* em qualquer parte, que lá encontrareis sempre—sempre!— a mesma voz resignada, humilde, doce, a ciciar-vos a fé, a vos pôr quasi feliz pela certeza de que é a dor ainda o unico accidente que salva a vida da irremediavel banalidade moral com que foi feita. Foi numa noite de desespero e insomnia que os versos de João de Deus, como chuva do ceu, me encheram a primeira vez de frescura e de paz ireal. Na escuridão como os seus conceitos tomavam relevo: e como na agonia de querer alguém a chorar commigo, eu ia até á alma do poeta indagar as raizes de emoção de onde cada verso brotava e via a luz!

Assim tambem, numa hora egual de intensidade, se poderá comprehender e sentir o *Só*. Quem não conseguir integrar-se nelle terá de odial-o: e por isso succede que esse discutido volume de versos tem tão firme cotação no espirito dos que o viram de boa-fé, como nenhuma nos que o acolheram boçalmente como o producto de uma arte exotica que só por suas apparencias singulares procurasse fazer-se vista, e cujo miolo fosse zero.

O *Só* é a autobiographia prodigiosa de um poeta espontaneo e nativo, para quem a Poesia é, na sua propria phrase, *o coração desfeito em tiras*. A emoção que sentimos resulta de vermos passar em frente de nós, febril, desesperada, eloquente, uma tão grande e revoltosa Emoção. A sua forma irregular e macabra é insubstituível, porque o poeta assim teve de a inventar para nella moldar o seu temperamento.

Como o livro de Anthero é o mar bramindo na dor do pensamento, o *Só* é o coração gemendo na dor do sentimento. A razão de um, a sensibilidade do outro, ambas agudas, gritando e doendo ao choque da Vida, partindo do mesmo ponto e indo por differentes caminhos, no mesmo epilogo de paz vieram de novo reunir-se. Anthero mergulhou na contemplação do Universo e tudo o que viu o desesperou; Antonio Nobre faz da sua imaginação o centro do Mundo, e a Vida é má por que elle a soffre. O pessimismo dos *Sonetos* será universalmente comprehendido; o do *Só* amal-o-ão os que tiverem a sensibilidade irmã, e a paixão d'estes leitores por um tal livro será incondicional como é a minha, desde que numa manhã de Coimbra a primeira vez endoideci ao lel-o e a partir de então o adorei como uma das minhas devoções.

Leiam o que diz Taine de uma das personagens de Shakspeare; é um baixo-relevo que mostra Antonio Nobre em toda a luz: «Jacques est

«triste, parce qu'il est terne; il sent trop vivement  
«le contact des choses, et ce qui laisse indifférents  
«les autres le fait pleurer. Il ne gronde pas, il  
«s'afflige; il ne raisonne pas, il s'émeut; il n'a pas  
«l'esprit combattant d'un moraliste réformateur,  
«c'est une âme malade et fatiguée de vivre. L'ima-  
«gination passionnée mène vite au dégoût. Pareille  
«à l'opium elle exalte et elle brise. Elle emmène  
«l'homme dans la plus haute philosophie, puis le  
«laisse retomber dans des caprices d'enfant. Il  
«aime sa tristesse, et ne voudrait pas la changer  
«contre la joie, etc., etc., etc.»

Emquanto a amargura de Anthero é quasi um systema, a de Antonio Nobre é um immenso ataque de hysteria, uma formidavel noite de trovoadas em que as faiscas, de segundo a segundo, esclarecem assombrosamente os montes e os valles. Um critico notou que o seu livro nunca faria escola, ficaria sempre tão só como o seu titulo. Ao contrario, se como neste caso, elle appareceu quando algumas centenas de moços portuguezes justamente esperavam por um Poeta assim, e se é das gerações novas que está partindo mais vehemente a apothese do *Só*, num confuso rumor de almas agradecidas por se verem lá expressas, e impotentes imitadores que alcançam a forma, sem mergulharem na essencia, de taes versos.

O *Só* é uma autobiographia; fala por si, e só com interjeições de amor me posso referir a elle.

Fica aos doutores da critica scientifica o encargo de buscar em cada confissão o diagnostico de uma doença. Essa doença é a de uma geração, é a de uma mocidade; e justo é que todas as crises do pensamento e da imaginação, tão verdadeiras e legitimas umas como as outras, encontrem a sua eternidade numa voz que as interprete e se faça ouvir. O Poeta todo se confessa, com ingenuidade e permanente candura; a sua maneira de amar e de ser amigo, a sua moral absoluta e sem restricções sociaes, a sua concepção da belleza, da paisagem, da ventura, a ferocidade do seu orgulho, o peninsularismo da sua paixão, o seu delirio de perseguido, o seu tragico *béguin* pela Morte, ahi estão salientes, nos assumptos sombrios que escolheu, nas emoções dolorosas que o obsidiam, nas imagens singulares por que se exprime, e na andadura de ladainha que naturalmente ganham os seus versos. É um livro escripto a 40 graus de febre, dá tonturas lel-o.

O fremito que já provocou o *Só* em alguns espiritos levará annos a generalisar-se. Por ora é uma juventude que o acclama, as novas camadas coimbrãs que o adoptam e o seguem, o moderno Brazil que se perturba a tomal-o como um veneno, enfim são as mulheres que vão a caminho de namoral-o. De aqui a vinte annos, cada belleza do *Só* estará detalhada e posta em evidencia pelos criticos. A admiravel exquisitece da sua forma fará o

assumpto de muitas paginas subtis. A poesia *Antonio* e o poemeto *Males de Anto* serão nesse tempo vistos sem discordia, como os dois mais notaveis monologos de poesia autobiographica que honram as letras lusitanas no seculo XIX.

E não queiramos mal á Gloria por ella se fazer esperar; perdoemos aos escriptores consagrados a sua incomprehensão e ausencia de faro, em face dos genios recém-nascidos. Os talentos excessivos são antipathicos: a sua sêde de novo isola-os; hão de ir compondo devagar a sua athmosphera afim de lograrem uma velhice tranquilla e triumphante. E no meio da minha geração que possui sem duvida escriptores subtis e intelligentes, idealistas doces, psicologos penetrantes, trovadores parnasianos e finos, não me espantarei eu de que seja o poeta do *Só*, aquelle para quem na poesia portugueza só encontro avós em Bernardim Ribeiro e Soares de Passos, o ultimo a arredar do seu trilho as inintelligencias, os falsos desdens e os verdes rancores.

Mattosinhos, 1893.

---

## CARTA DO BAIRRO LATINO

*Freisinho:* Está uma manhã de Portugal, o ceu azul desmaiado não o enodoam nem interrompem desenhos vivos de Forain. Passam amas, mamãs remediadas, bébés roseos ainda virgens dos bifes falsos de Paris. As imperiaes dos omnibus vão lythographicas, de tanto oiro e rubins que nellas mancham os estudantes, de barbas loiras e chapéus excentricos, levando ao campo as suas lindas Saphos vestidas de papoila. Todos os horrores teem o seu avesso, e mesmo esta miseria negra da Civilisação aproveita certos domingos azues para resuscitar a alegria e a paz defunctas. Como nas vespéras do dia de Juizo, tão bem previstas pelo amigo Renan na sua *Abbesse de Jouarre*, a

humanidade retoma a posse dos seus instinctos, e convenções sociaes, hypocrisias, utilidades, prudencias, tudo lhe escapa. O amor ama ás escancaras, barbaro e rude como o Senhor o fez: um casal passa, vem-lhe a sede, toca: bocca na bocca, e aos meus ouvidos solteiros chega o chilrear guloso de mil beijos. Isto me dá bom humor, e me allivia das saudades do meu querido paiz, tão bom rapaz que elle é ainda entre estes vis judeus da velha Europa!

Sim, dado que todos nós humanos, somos pessimos e optimos ao menos por partes eguaes, já é uma enorme virtude ser sincero, só excedida pela suprema bondade que consiste a meu ver no eterno remorso. Mil males que se contem deixam a atmospherá limpa, ao passo que um só que se occulte e guarde a pode ensombrar e pôr em perigo. Porisso a nova Arte vae no bom caminho, ella que podia escrever no seu gonfalão esta legenda *Eu peccador me confesso*, e se desespera e esvasia em diários, memorias, rudes exames de consciencia. As obras que hão de brotar, ó felizes seculos que as vereis! d'esta terrivel liquidação das nossas miserias, hão de ter já então costella divina: e lá virá a era doirada em que poetas e santos serão tudo um, e cada mortal rezará os versos d'elles antes de pegar no somno.

Que lindo que vae o Boul'-Mich' enquanto eu procuro fazer perdoar a minha preguiça, tornan-

do-a philosophica! Venho sempre refugiar-me aqui, entre as paredes de vidro d'esta *crèmèrie*, a ver passar a Multidão: primeiro, porque me encantam as rapariguinhas de olhos lusitanos e meigos que me servem, segundo, porque tenho a paixão do café com leite e do incomparavel *croissant* com manteiga fresca. É de madrugada, ao poente, a toda a hora. Dou um pulo do omnibus, sento-me e nada preciso de pedir: ellas já sabem. Supponho que este café com leite não é feito de café nem tampouco de leite, como toda a gente cuidaria: mas isso me é indifferente porque este é leve e saboroso, emquanto que o seu camarada portuguez tem um tal peso e espessura que os meus almoços da beira-mar, em que o não dispenso, eram lá sempre seguidos de diarias apoplexias.

Está commigo, e não envergonha o meu appetite, um sympathico pintorsinho polaco de 19 annos, que vem a nossa casa todos os dias para fazer o retrato ao Antonio Nobre. Creança, ignorante, desconhecendo as primeiras syllabas do francez, sonhou uma noite, lá na sua Varsovia, que tinha genio, e na noite seguinte, que Paris lh'o consagraria: sem mais reflectir esvasiou o seu mealheiro numa bolsa, com ella comprou um bilhete da ultima classe, e veiu sem parar até aqui, certamente abençoado pelos Paes, tão crentes como elle nos milagres d'esta nova Terra-Santa. Oh, que curiosa

deve ser a Polonia se toda a sua gente é assim feita de anjos! Com este rapaz é o terceiro polaco de que tenho conhecimento, filhos legitimos e sonhadores de uma terra que endoideceu por se ver presa. Uma é certa M.<sup>me</sup> Walensky, que entregou a sua virgindade a Napoleão porque a convenceram os seus patricios de que por este modo, libertaria a patria, impondo pelo seu amor tal compromisso ao guerreiro; e até ao fim da vida, nas suas cartas, não descansou de supplicar a Napoleão, de boa fé, que se não esquecesse. Outra, emfim, é uma cantora a quem, tão másinha era, rescindiram o contracto num theatro de opera sem a ouvirem, e que pedia a todos os conhecidos que a fizessem readmittir, cheia de lagrimas e com palavras d'estas: *Il faut défendre la Pologne, monsieur! Il faut défendre la Pologne!* Todas estas creaturas, o pintor, a amante, a actriz fallhada, ao se transportarem pelo mundo, se suppõem de boa fé representar a propria Polonia errante!

Quanto ao meu polaco, tenho um verdadeiro regalo em o ver seguindo na fila infinita, pelos grandes boulevards afóra. Lá vae, de noite, sósinho, com os olhos parindo mundos, as barbichas mais doiradas, e a cabeça tão scismatica que os sonhos lhe saem em fumo para fora, e formam á roda d'ella como um nimbo. No meio da humanidade que inunda os passeios, o seu perfil tem uma distincção mais virgem, e a sua embriaguez

de Paris é tão visível que eu mesmo começo a acreditar, e commigo todos, no seu triumpho de algum dia, nessa gloria que, com uma fé de primitivos, lá longe decerto esperam a toda a hora os pobres paes varsovianos. Que diriam d'esta mocidade louca, ó Frei, esses sisudos bacharcis de Coimbra?

Queres tu saber, curioso e ingenuo! se tenho visto o Verlaine, o Moréas, este, aquelle, quanto mendigo de celebridade mostra a sua cara esfo-meada nestas cervejarias do Quartier. Pois o bom Verlaine sahiu já do hospital, e um d'estes dias o enxerguei com todo o vagar. Ia subindo o boul' Mich', e era talqual um pedinte que descia todos os dias a minha rua da Torrinha, coxo, e a quem eu em piqueno tinha um medo horrivel; chamávamos-lhe nós, alludindo ao aleijão, o *homem de arrastos*. O Verlaine ia assim: faltava-lhe só entrar nos pateos e cantarolar uma melodia para receber em troca uma moeda ou um pão. Levava um chapéu de palha roído nas abas, um fato velho, em vez de camisa um simples lenço atado ao pescoço, um cajado na mão para se apoiar, e os pés tropegos calçados nuns chinellos. Com as lunetas na ponta do nariz, lia cheio de paciencia uns versos que lhe ia mostrando, ao lado, um cabelleirudo poeta novo, de sobrecasaca verde á Directorio. Toda a gente parava na rua, para ver o bizarro Verlaine.

Este, de resto, é o seu trajo humilde de christão, o seu andrajo de peccador e penitente. São os dias de escrever ladainhas, psalms, rezas mysticas a Maria. Mas quando lhe vem á bocça o vomito das blasphemias, e a sua musa se torce em epilepsias de amor profano e mundano, creio que não desdenha o chapéu alto, nem mesmo a pelissa, e é então que illustra as terrasses de certos cafés litterarios. Eu nunca mais o vi. Ao Jean Moréas basta observal-o, para se dizer sem hesitar: ali vae um imbecil. Impertigado, monoculo, de tubo na cabeça e botas brancas, é a figura do charlatão mediocre, conhecendo-se mas dissimulando-se, a cuidar que passará por ter voo nas ideias, pelo que escreve ou pensa, nunca, mas pelo franzir mal ensaiado dos sobr'olhos.

E da poesia parisiense o que tenho a dizer-te, é que dia a dia murcha e desfallece emquanto a prosa nada na abundancia, e assumptos flagrantes a reanimam, rythmos novos a casam com a musica, por maneira que qualquer comparsa de jornal diario tem artes para semear, de adjectivos em primeira mão, um de aquelles muitos *faits divers* que, como nenhuma outra leitura, nos dão o desenho e os contornos da alma humana na sua tragica evolução e crescimento. É que assim como a democracia supprime os heroes, a diffusão do ler e do escrever estreita o ambiente calido de convivção e fé que choca os poetas.

A minha propria vista perspicaz adoece e esfria, depois que anda entaipada entre as muralhas cinzentas do boulevard, e quasi nem sabe se no ceu ha estrellas ou nuvens. Desde que tudo está previsto, tudo é indifferente. Só os olhos negros do poeta do *Só* sabem sahir á rua para absorver tragedia, e vêem já o seculo em relevo como se leguas de distancia d'elle o divorciassem. Bem lhe dizem os portuguezes quando elle passa para os cemiterios, a dar os seus bons-dias a Baudelaire ou a rezar em frente do tumulo de Heloisa: *Ai do Luziada, coitado!* Assim devia gemer o Trinca-Fortes, ao vir o Jau matar-lhe a sede; ou o Bernardim Ribeiro a soluçar pelas serranias de Cintra; ou o D. Sebastião se não morreu na batalha, e vagueou no mundo em penitencia. Antonio Nobre, sempre com a pallidez das immensas insomnias, e os olhos das infinitas maguas, é a figura admiravel de Portugal no meio d'estes joviaes creanças barbados e methodicos. Tu não imaginas como o seu viver corresponde aós seus versos, e como o *Só* nasceu com todas as feições do pae que em boa hora o poz no mundo. O mar que lhe embalou a meninice, é o panorama longinquo em que elle tem fita a inspiração a todo o instante. No livro, a cada passo teem a palavra os pescadores, e os bergantins classicos do sonho espontaneamente se tornam em lanchas de poveiros. Nos seus refrens assobia o vento e gemem as

tempestades e os naufragios. Ha lá sonetos e quadras que estimaria ter escripto Vasco da Gama, nos dias maus de não ver terra.

Por outro lado, este maritimo moreno e bello, cuja frota de sonhos navega entre ondas que lhe arreganham guelas tigrinas, leva a bordo vestido o burel de monge, como por cima da coiraça levava a loba Nun'Alvares. O *Só* apparece-me como o diario de uma peregrinação escripto por um missionario, perpetuamente hesitante entre o mar alto numa borrasca ou a solidão absoluta numa cella.

Por qualquer palpite que lhe saia certo, ou dia seguinte em que anteveja agoiro, o verás ir accender velas e fazer votos solitarios a Saint-Germain-des-Près, onde ha uma Virgem Santissima que elle suppõe ser a inspiradora do grande soneto de Anthero. Ha dias andavamos procurando casa em ruas arejadas, ladeadas de arvores, e foi o acaso dar çomnosco á porta do *Cercle catholique des Étudiants*. Entramos, era uma casa lobrega, bafenta, cheirando a padre-nossos de seminarista; e embora resmungando que aquillo mais lhe parecia beato, que religioso, lá se namorou de um quartinho triste e enregelado onde já estou a vel-o pelas noites da neve, com o fogo acceso, o cachimbo nos labios, ás costas a capa preta de Coimbra, fazendo signaes ás sombras para que venham sentar-se á sua lareira e conversar :

E o vento geme! e o vento geme!  
Que irá no mar?  
Lobos de agua, que ides ao leme,  
Tende cuidado! a lancha treme...  
Orçar! orçar!

Ó divinos versos, tão naturaes que não me admirava de os perceber balbuciados nos sons vagos das Coisas, nas vozes do mar, nas vozes do vento! Vale a pena soffrer para os ter escripto: e só de meditar que este marinheiro nostalgico chora taes monologos dentro de uma terra onde mil banaes mas rudes tentações deviam attrahir a sua mocidade, e que dos trezentos dias do anno cincoenta não o viram nem esquecido da sua Arte, nem viuvo da sua namorada Dor, eu tiro e visiono claro a grandeza da sua alma, a superioridade do seu genio, e agradeço a Deus por ter dado ás nossas amarguras o allivio d'este grande poeta que as synthetisa e as faz valer.

O Só (nada, d'este Paris em que tanto queres que te fale, m'o faz esquecer um segundo) é o primeiro vagido, a primeira e já intensa expressão de uma voz robusta e sonora por onde em balladas, elegias, monologos tragicos, sahirá a publico o nosso ultimo alento. Dos nossos vinte annos arrastando ás costas vinte seculos, dos nossos olhos sem innocencia, das nossas boccas sem frescura, das nossas cabeças sem vontade, emfim d'esta geração somnambula que faz alas para ver

Portugal tombar na cova, não é verdade, ó Frei, que foi providencial sahir um poeta capaz de responder com eloquencia a agonia dos farrapos de alma que nos restam?

Hontem eu lh'o dizia, ao immortal Anto de amanhã, emquanto andavamos pelas ruas que desembocam em St.-Sulpice a namorar nas vitrinas beatas as tão janotas quinquilharias da Fé: «Nestas miserias que aos nossos olhos decadentes appetecem, bebés e velhos tropegos que a um tempo somos, vês como todos esses poetastros do boulevard só encontram apparencias decorativas, em vez dos santos as suas opas, em vez dos padres as suas estolas doiradas, emquanto a tua sementeira, em tão enjoado terreno, já se revela em reaes começos de arvores e nascentes botões de flores? Não podes buscar na alegria nem na belleza a tua inspiração, porque só fogachos de cemiterio te rodeiam. O poema que esperamos de ti, o teu filho que todos nós perfiharemos, será o hercules parido com sangue de rachiticas, amamentado com leite de moribundas. Nunca das nossas fraquezas reunidas foi preciso arrancar uma tão grande força!»

E assim eu via surgir esse poema indefinido, baloiçado entre ceu e terra; começado pelo verso e prolongado pela musica, que não pode sahir da sensata França, nem da apoplectica Inglaterra, nem da triumphante Allemanha, porque só um

povo de miseráveis, que primeiro ensinou os segredos do Mar, poderá agora mostrar á Humanidade os do Infinito!

E a minha superstição insiste e mais se afirma na certeza do milagre, não sei se por encontrar na permanente melancolia de Anto o seu destino marcado e a obsessão d'elle, se por o ver regressar das suas viagens no Sena, de ouvir dormir a agua e de gritar aos ceus ensanguentados:

Vós sois estrangeiros, vós sois estrangeiros,  
Ó poentes de França, não vos amo, não!

E scismo, eu tambem doido, se não será uma ironia ter o Senhor dado ao enorme Paris uma tão estreita lingua de agua, e, perdido já pelo Sobrenatural, pelos teus dominios, me pergunto como poderão atirar-se ao rio os grandes palacios das duas margens, se acaba por chegar tambem, a estas pedras saturadas e civilisadas, a ancia do suicidio!

Como vês, desarranjou-se de todo a curvada cabeça do teu amigo — *Alberto*.

Paris, 1892.



## O BAIRRO DE VILLAR

A monotona rua da Torrinha, onde eu moro, tem no entanto um lindo epilogo de aldeia, e em vespuras de acabar vae-se tornando interessante porque deslisa já entre o *rac-rac* tão embalador dos teares e a bulha pictoresca das ilhas operarias. Ao fundo, é Asneiros; e de ali se bifurcam as duas ruas da Paz e da Piedade, que embora não sejam ambas bairro de Villar propriamente, não ha remedio senão juntar no mesmo abraço, de tal modo os nomes por que dão as fazem gemeas, e o seu calmo e fino aspecto é similar.

Certas manhãs muito espaçadas em que eu madrugo, sobretudo quando me é obrigação ir deixar bilhetes de boas-vindas á Primavera acabada

de chegar, tenho o habito antigo de percorrer este formosissimo bairro, sempre á procura de ninho onde um dia venha a abrigar no socego das persianas e na sombra das arvores velhas, algum sonhado e religioso Lar. O bairro de Villar e seus suburbios é, ia jural-o, inedito para meio Porto: sobretudo para o Porto oriental que habita em tumulos vestidos de azulejo, composto de pessoas a quem com o dinheiro não veio a educação a ponto de comprehenderem quanto o conforto de um interior contribue para a hygiene das intelligencias e até para a melhoria das almas.

Ainda o Porto era apenas o velho burgo da Sé augmentado quando muito de algumas ruas á beira do rio, e já a colonia britannica, como em todo o mundo marcando sempre com a sua rubrica inconfundivel os logares de que se apossa, havia encontrado asylo nesta banda occidental da cidade, escapando simultaneamente á hostilidade patriotica dos burguezes da Bainharia e rua Chã, e aos seus maus cheiros. Para este lado era já aldeia, campos vagos, ar lavado e livre, excellente materia prima para uma cidade nova. Na *Familia Inglesa* de Julio Diniz se encontram bem salientes e detalhados estes aspectos, e o divorciado e diferente viver dos dois bairros ahi é contado com vigoroso colorido. Os inglezes foram construindo e augmentando o seu acampamento: casas sem architectura mas sem pruridos d'ella, absoluta

singeleza, grandes quintaes para as creanças brincarem, e d'este programma foram resultando arejadas e tranquillias ruas com habitações que, se por fora vestiam quasi á uma de cinzento, deixavam entrever pelas vidraças uma fina e casquilha roupa branca de mobiliario e decoração, já porque se não via janella nua de cortinas, já porque havia doces poltronas no salão, lindas illustrações pelas mesas, flores nos vasos, a casa de jantar armada e reluzente de pratas como um altar, e animando tudo o aspecto das senhoras e dos babys loiros rescendendo a banho. Bairro paradoxal de limpeza e elegancia, um dia o Porto que bracejava vigorosamente para todos os lados, alcançou-o, invadiu-o. Os inglezes foram recuando. Ao passo que a cidade ia chegando, iam elles levantando o poiso. Assim foram entregando ruas como a do Principe, a do Breyner, a do Rosario, a da Boa Hora, a do Triumpho, aos naturaes, e sempre mostrando empenho na visinhança do Palacio, o seu bairro estendeu-se afinal por Villar, pelo Campo Alegre, trechos de aldeia authentica onde agora continuam vivendo sem visitas, sem americano, sem telegrapho, quasi sem candieiros do municipio.

Um d'estes dias, manhã admiravel, fui mostrar a um meu amigo aquelle retiro delicioso. D'esse passeio dará ainda este artigo as esbatidas impressões.

\*

É minha opinião que uma cidade, quando por ser resumida a sua população e calmos os seus habitos, não podesse aspirar senão a um ronceiro movimento, devia ir-se congregando em grupos irregulares, sem symetria, preferindo as quelhas ás ruas e ás avenidas, de modo a que dentro d'ella ninguem se espantasse de só haver carro americano de duas em duas horas, ou que a illuminação se sumisse á meia-noite, e cada particular houvesse de mandar creado á frente com lanterna, a esclarecer ás senhoras o caminho. As cidades piquenas seriam d'este modo aggregados de aldeias, com um sitio central mais apropriado para as lojas e o giro do commercio, e á roda d'elle os bairros todos dispostos á phantasia, este asylando os operarios, aquelle abrigando os ricos e os remediados. Em vez de lugubres ilhas, os bairros pobres seriam aldeias pobres, mas cada uma com casebres independentes e suas ciras, hortas, arvores e passurada. Aos senhores de fortuna ficava o encargo de jardins custosos, parques, quintas bem governadas: para todos os caprichos havia terreno neste abandonado territorio.

Ora a microscopica cidade de Villar é neste estylo. A dois passos da civilisação que reside

desde o Carmo á Praça Nova, tem-se o prazer indizível de encontrar campos de milho, casas de alpendre, prodigas nascentes de agua cantando em côro com as lavadeiras. O inglez que era incompativel com o cidadão está nas melhores relações com o camponez e a sua lavoira, e não se zanga em ver das suas janellas ornadas darem batatas os batataes, e os seus filhos cor de manteiga carregarem de amoras os chapheus de palha.

Parece que toda aquella gente de Villar ignora o nome do presidente da camara, o dos ministros, e ia jurar que mesmo entre os meus patricios não vae de ali um voto a deputados. Senão veja-se como não se fatigando a camara de ir chrismando as ruas suas pupillas com nomes de grandes homens, nenhum d'esses segundos baptismos ainda foi perpetrado em Villar. No bairro oriental, ruas com o nome que tinham em creança, já poucas restam: e ainda não ha muitos dias que a sympathica rua de Malmerendas, pela bocca musical de um seu habitante, requeria á camara a passasse a nomear rua de Verdi, visto em primeiro logar ser o requerente uma especie de *alter ego* do agraciado n'aquella rua, e em segundo attendendo a quanto o nome antigo era desanimador para inquilinos novos com fastio.

Pois em Villar, querem crel-o? os nomes velhos resistiram ao ataque, e são de um tal sabor christão e humanitario, que se fica a desconfiar

que os ratões dos insulares até ás esquinas foram levar a propaganda do seu credo, e não contentes de divulgarem a Biblia em edições quasi gratuitas, decidiram espalhar a sua moral pelos sobrescriptos das cartas, nas addresses. Ora vou dizer os nomes que me lembram: rua do Bom Successo, rua da Penna, rua do Golgotha, rua da Piedade, rua da Saudade, Monte do Picoto, e já mais longe a rua da Boa Nova, a do Rosario, a da Boa Hora. Parece que nem em Jerusalem haverá ruas com mais religião nos titulos. Acaso ou proposito, até nestes lindos nomes ha chamariz á nossa estima: e para ainda mais confirmar a capacidade d'esta gente em tornar sympathicas e alegres as coisas de mais triste applicação, basta lembrar como ao lado da sua linda casa de oração do Campo Piqueno, ha um cemiterio tão toucado de flores e tão meigo de physionomia, que se fica bem ali a passar a tarde como num fresco jardim, onde as campas fossem todas de anjinhos, idos do Mundo a tempo de ainda lhe não conhecerem o travo.

Na minha ultima visita a Villar, era já primavera aberta: de modo que os campos estavam todos verdes, nevados de malmequeres e de roupa a córar. Os milhos a dançar ao vento, as ramadas mortas por dar cachos de uvas, e no meio d'esta alegria ainda bastante silencio para se ouvirem os passaros regendo a musica.

São muito poucas as casas á beira da estrada, e as que ha, pintadas de oca ou de cinzento, flammengamente aceiadas, e todas com sua caixa de *letters* e seu timbre electrico para os *visitors*. Persianas ou stores opacos, não ha meio de ver estes nossos amigos devorando o almoço em porcelanas finas. Mas tomemos outra rua (a do Bom Successo, por exemplo), e verão como a cor dos muros tambem azul-cinzenta, e a colgadura de glycinias que os orna, fazem como uma atmospherá doce e cor de violeta onde os nossos olhos gostam de repoisar do sol que queima já. Nesta linda rua ha um balcão de pedra, miradoiro de quinta tão romantico e bordado de verduras, que eis aqui, meninas janelleiras, onde ainda não era grotesco em absoluto um idyllio á lua, com cavalheiro que fosse um pouco poeta. O que mais me encanta e me extasia, ao passo que vou descobrindo ruas para mim novas, é justamente o contraste d'esta paz aldeã com a elegancia que transpira, sem se ver, de dentro das casas. Adivinham-se requintes de conforto ali atraz de aquellas cortinas, ha lá com certeza bons vinhos, ideaes cadeiras, charutos, livros vindos de todos os sitios do Mundo onde estas coisas estão apuradas; e no entanto, aqui está um carro de bois que vae a chiar sem pagar multa, ahi vem uma mulhersinha que me vae dar, em nome do Senhor, muitos bons dias, como se estivessemos na aldeia e eu fosse lá mor-

gado. É verdadeiramente encantador isto: e é esta simplicidade, complicada no fundo, aquella a que afinal nós aspiramos todos. Porisso sorrio com felicidade do exito do meu passeio, e me detenho a ver passar aquellas senhoras inglezas de blusa branca, que vão com o seu impertigado *clergyman* ao lado, perguntar á vendedeira da fructa se já ha morangos no mercado.

— Ó Zé! (digo para o meu companheiro) vês acolá que linda casa para um noivado?

Isto é já na rua da Penna, ao alto, ao pé de uma fonte onde uma rapariga, que está enchendo o cantaro, me ensina o caminho para o Campo Alegre. Da tal casa que eu cito vê-se apenas um muro ainda uma vez azul-cinzento, com uma porta escrupulosamente envernizada, sua caixa de cartas e campainha. Dos muros debruçam-se glycinias, rosas brancas, ao lado ha uma capella em ruinas, o aspecto do sitio é bucolico e singelo. A rua é aqui uma quelha inacessivel a um trem. Meu Deus, que porta mysteriosa! Como ao Garrett a janella no valle de Santarem, aquella porta interessou-me. Que menina dos rouxinoes se esconderá lá dentro?

Instinctivamente pozemo-nos a espreitar pela fechadura. Em vão. Nem cerca de convento fôra mais discreta. Que divino, que saboroso recolhimento para uma lua de mel! Fomos então contornando o muro até que, nós de um altinho, eil-a a

casa a apparecer. Lindissima! Como pelo apurado verniz da porta era de facil conjectura, uma casa elegante, de homem rico, rodeada de jardins e arvores tratadas com mimo. Deve ali residir pessoa de gosto, lida, e a estas horas talvez rindo-se com vontade de todos esses viscondes brasileiros que andam ha meio seculo transformando as choupanas do Minho em palacetes.

Não procurei, mas é tão ingenuo o sitio que decerto ha nas immedições algum cruzeiro de via-sacra, e nichos de alminhas accesos noite e dia. Depois, de aqui é admiravel o panorama sobre o Doiro que lá vae caminhando, melancolico, icterico, como a cumprir um fado; e alem dos milharaes para a direita, onde andam cachopas não sei a que tarefa, ha uma genuina choupana de alpendre, de cuja chaminé sahe um fumosinho mui altivo, que bem se vê não ter a governal-o nenhum senhor feudal de tempos idos, e estar tão satisfeito o lavrador na sua cosinha a atiçal-o, como no seu elegante ninho o senhor inglez da porta mysteriosa.

No Campo Alegre e rua do Golgotha, que maneirinhas casas para pouca familia! Um casal, mesmo com um ou dois filhos, encontrava aqui reaes paraizos. As cortinas de cassa já não teem tanto escrupulo em descerrar-se; e posso vêr lá dentro mobílias ingenuas, com um ar de meia velhice que as faz seductoras. Eu não posso sup-

portar mobílias novas, ainda cheirando ao verniz do marceneiro; por mais que as cubram e as enfeitem, fica sempre a ver-se o nu espelhado da madeira. Apetece raspar-lhes o lustro com um vidro, como o Brummel fazia aos fatos. No entanto, quando a mobília já tem idade e gerações de poeira a macularam, ainda que não seja de muito gosto fica *sympathica* e risonha como certos velhos sem dentes. Assim as gavetas das commodas como que se alargam para lhes caber a roupa dentro, as cadeiras parecem apertar seus braços em roda de nós quando nos sentamos, e ninguem ignora quanto é agradável tirar dois accordes (dois soluços) de um piano cujas teclas estejam já amarelladas e *asthmaticas* no som. Da mesma forma ha umas gravuras inglezas de pouco valor, faceis de ver nestas casas de Villar, mas que fazem sorrir uma sala, tão primitivas são aquellas *misses* de carinhas como maçãs e os gatos de olhos arregalados com que tanto engraçam as creanças. O mesmo me succede com os vestidos das senhoras: ha certos trajos, certos chapéus de cores fanadas, desusados no feitio e parecendo por isso *gauches*, que eu tenho um verdadeiro prazer em ver nessas pobres rapariguinhas que geralmente os trazem, filhas de fabricantes de sedas que só saem á rua em dias de procissão ou na Semana Santa, caras amarelladas da vida sedentaria, ás vezes tísicas em começo, com os dedos picados da agulha e as ma-

xillas cavadas de trabalharem e tossirem toda a semana sobre a machina de costura.

Pois, Noivas e Noivos que tendes proximo o noivado! se em vossos corações ha verdadeira sede de amar e não quereis fazer ao paiz doirado da Felicidade um simples passeio superficial, ida pela volta (como o povo diz), eu vos affirmo que em nenhuma cidade portugueza encontrareis um bairro elegante e tranquillo e onde os vossos grupos de namorados se emmoldurem com relevo, como em Villar. Não tereis visinhos que se embaracem comvosco, nem a sizania publica desestimarará o vosso affecto. Erguer-vos-eis cedo, com as cotovias, e depois de um passeio e de um almoço todo em morangos e beijos, ficareis a conversar num doce enlevo ou num recolhido silencio a trabalhar. Á tardinha, crepusculo em fogo, capaz de fazer sangrias mesmo nas veias roxas e anemicas das glycinias, ireis braço dado até ao Palacio, que é tão perto, e tereis a vista da Barra, ou as florestas fronteiras do Candal povoadas pelo Camillo com tantos idyllios do Romantismo. Passeareis devagar, como convalescentes; haverá pouca gente; algum pavão, uma ou outra vez, dará um de aquelles gritos bruscos que denunciam, parece, a sua alma secca por traz da sua emphatica plumagem. E a noite virá vindo, aos pares virão tambem as estrellas noivar para o ceu, emquanto ao pé de vós estarão sentados os sete

tios Garretts que desde longos annos passam invariavelmente as tardes no Palacio, ás 3 horas já jantados, todos corcundas, todos de preto e com barba de passapiolho, conversando quem sabe em que encantadores episodios do tempo do Cerco ou dos Francezes, e rindo com candura de meninos do tempo em que, como vós, arrulhavam com as suas velhinhas de hoje!

Porto, 1893.

---

## DUAS ALMAS

Neste povo, cuja maior crise é de grandes almas, e cujo maior deficit é de vontades firmes, a morte de José Falcão, como a de Anthero de Quental, vem a ter o mesmo effeito que a falta de sol a quem não tenha outro fogão onde aquecer-se, ou que o roubo da muleta ao pobresinho tropego, que por suas pernas não pode mais andar.

A impressão que todos sentimos, pobres creaturas sem iniciativa, ultimas ruinas inuteis de gerações esforçadas e valorosas, foi desamparo e frio. O epilogo doloroso da nossa raça, a cada morte d'estas se faz mais tragico e agoirento. Que corvo sombrio ou que mau fado anda a perseguir a nossa Dor, logo as pessoas supersticiosas,

que somos nós todos, perguntam. A chuva mata as colheitas, e a Morte anda a soprar a luz aos entusiasmos? E a cada suicidio de um genio, a cada morte de um santo, mais precipitados são os nossos passos em falso, e a visão da fatalidade se nos faz mais proxima.

Matou-se Anthero, e a todo o portuguez intellectual causou insomnias este suicidio, como se cada qual receiasse ter, no dia seguinte, de imital-o. Matara-se um homem que toda a vida, mal se enrolaram as primeiras bandeiras da mocidade, fôra um moribundo: e não é verdade que se matara com o remorso de não ter commandado uma batalha que elle fôra o primeiro clarim a annunciar? Anthero tinha sido em Coimbra o propheta de uma nova era, braço dado com José Falcão que era a propria Fé incarnada. Vejamos o viver dos dois, quando chegaram a homens. Anthero sahiu das aulas com a cabeça loira cheia de nobres planos. Chamava-o o amor da humanidade, queria apagar as injustiças, ser em arte um moralista, em politica um socialista e em philosophia um asceta. Foi a França beber o leite que, dos labios de Michelet, corria como de uma fonte do ceu. Depois juntou-se aos operarios, e elle proprio (dizem-me os do seu tempo) era uma linda figura de trabalhador, com os olhos talvez ainda mais azues depois que os illuminara um ideal de pureza. Eu só vi Anthero no fim da vida: tive a

impressão de ver, sagrado e ingenuo, algum doce carpinteiro de Jerusalem. Quem diria d'este poente amortecido, que elle fôra outr'ora a mais estimulante e doirada manhã de sol?

Mas o guerreiro das *Odes Modernas* era um espirito agudo e critico, e a sua intelligencia começou logo a detalhar no caminho todos os piquenos males de que o proprio Bem se compõe. Não ha bocca de virgem que, vista ao microscopio, não mostre impurezas e não afugente os beijos do namorado. A Verdade é triste, e quando a epoca é como a nossa, a Verdade é funebre. Ide passear a um cemiterio todos os dias, ao fim do terceiro a vossa alma estará a dialogar com as dos mortos, e a vossa roupa cheirá a aos cypresses das campas.

Anthero nasceu para crescer, planta de estufa, entre o conchego e o bafo da suprema perfeição moral e intellectual. Não lhe bastava o sol no ceu, queria-o nas almas. E vendo abalada a sua torre de marfim, sentindo-se só como um europeu entre os selvagens, cil-o a destruir todos os amparos da sua alma: matou a fé, enforcou a alegria como se dentro d'ella viesse Judas, e emfim a vontade, abandonada das duas companheiras, finou-se lentamente. O guerreiro fez-se frade; o cruzado christão fez-se buddhista. E de onde se esperava viesse uma artilheria de revolta, veiu uma emaciada figura de velho precoce, trazendo na

mão alguns sonetos de genio que nós todos vamos encadernar junto com a Biblia, logo a seguir ao Ecclesiastes.

Parallela a esta vida, irmã d'ella pela grandeza de alma que em ambas ardia, como accitára a existencia José Falcão, o morto de ante-hontem?

José Falcão era um violento. Intransigente com o mal dos outros, não o soffria resignado, impunha-se-lhe. Tinha a fé no triumpho do que é bom sobre o que é mau. Era guerra de dez contra dez mil? Embora; os dez mil viriam vindo, se a firmeza dos dez não esmorecesse.

A sua attitude physica e moral era ao mesmo tempo a de um agoniado e a de um revoltado. Testa franzida, bigode cahido sobre os labios, hombros cahidos, a sua physionomia accusava um perpetuo desgosto dos homens que o rodeavam: mas nos olhos duros só havia promessas de castigo e de victoria.

Encontrava-o eu quasi todos os dias, nos primeiros renovos da primavera coimbrã, sentado, quasi cahido á toa por cima dos bancos do Jardim Botânico. Começavam as tilias a vestir-se, ria a doce paizagem, mas eu não creio que José Falcão soubesse rir. Muito mais triste do que Anthero, a sua bondade usava o burel e as sandalias da austeridade. Nem ironia lhe supponho: tomava a Vida absolutamente a serio, e uma vida concreta e pouco idealista, como quem, crente na vinda

do Bem, se apressa a tornar facil e pratica a sua chegada.

Correu a vida a protestar, e não se cansou. Poderia refugiar-se d'este desastre no isolamento e no cultivo de si proprio. Mas que lhe importava a elle o seu eu, se a sua ideia era levantar os dos outros? Homens assim com fé nunca falham a vida.

Por mais que o pessimismo de Anthero responda ás interrogações morbidas da nossa alma, e que o seu martyrio nos commova, é preciso dizer que a verdade estava do lado de José Falcão. Nós somos tambem uns fracos e uns abatidos, mas não nos resignemos ao menos com a nossa miseria, não façamos d'ella uma philosophia. Elles eram talvez dois santos: mas a um devemos erguer Imitações, ao outro professal-o para escarmento das nossas vaidades, quando demais satisfeitas e tranquilladas. Nascemos mal feitos para um mundo mal feito? Pois devemos crer que o protesto accumulado de seculos algum vestigio deixe do seu impulso. Não será o pessimismo uma pretensão? Que a Vida é dolorosa sabe-se de todos os tempos; mas almas superiores á nossa, creaturas nascidas para guiar, a viveram com desassombro e deixaram fontes de verdade que ainda hoje procura a nossa sede. Que extranha vaidade é esta, que nos permite abandonar a faina quando os outros insistem nella?

E depois, quem nos assegura a maldade do Mundo? Como diz o velho Renan, do mundo sabemos a Terra, muito pouco, quasi nada: e esse pouco vemol-o com lunetas de myope, isto é, muito de perto. Quem nos diz que a um ponto de vista alto, olhando como as aguias, as insignificantes maldades não desaparecem no todo, e as desharmonias, subindo no ar, se não attenuam e congraçam umas com as outras? Pois o aspecto da Natureza, de um 'bocado de floresta com passaros, ou de um ceu semeado de estrellas, não é harmonia, belleza, diremos bondade, visto que é a resultante das duas? Na natureza, é a nota do doce bretão, não ha um erro de desenho. Já aqui temos um motivo para crer que na Humanidade os erros de alma sejam filhos da curteza da nossa vista.

Quereis um fim á vida? Ha só um: fazer bem. Quereis um regimen saudavel? Ha só um: o trabalho. Se o nosso temperamento não nos deixa fazer uma coisa nem outra, choremos a nossa miseria, mas não a proclamemos. O ceguinho pede que tenham pena da sua desgraça, mas não anima o seu semelhante a' que cerre os olhos tambem.

Um facto extranho é que na mulher se não encontre, senão por excepção, a tortura e afflicção de viver. O homem, dô mais piqueno ao mais alto, maldiz a sua sorte. O vendedor de almanáchs de Leopardi diz o mesmo que um soneto de Anthero; se lhe perguntam: queres reviver a Vida

que tiveste? responde sem hesitar: Não. Se se interrogar a mulher, dirá que sim: sobretudo se fôr mãe, se tiver os seus filhos para educar. Ainda que os filhos saiam maus, o seu esforço será melhoral-os, e não os desprezará porque não nasceram sãozinhos.

Façamos o mesmo á Vida. Não transijamos, mas não recuemos. Com subtis pesquizas ao mal, conseguiremos polir e avelludar recantos de almas; mas só a empurrões de vontade e de fé faremos que o Mundo ande para deante. O mal peor é ter nascido? Perguntei-o hoje a uma creança, e ella me deu a resposta justa e innocente: — Pois será; mas já que nascemos — toca a viver!

\*

Está provado que os homens não são tão brutos como os imaginamos, na dor sincera e amargurada que a morte imprevista de José Falcão levou a algumas duzias de corações. E a lucta do temperamento d'este homem com o seu meio, registra mais algumas victorias.

José Falcão entrou em combate defendendo a communa de Paris. A sua bondade não era, viu-se então, feita das convenções sociaes de honra e

..

dignidade. A virtude deve ser barbara, e parecer blasphemia. É assim que ella é difficil, e que o tel-a dá gloria. Viu em seguida que a sua terra não era composta de maus, mas de ignorantes passivos. Viu o beirão amavel e forte, o transmontano generoso e rude, o algarvio leviano e sociavel, o minhoto mais mesquinho mas emfim tendo qualidades hereditarias de honradez. Viu que os cavadores morrem na inconsciencia absoluta de quem é o culpado da sua miseria; e que a corrupção de alguns em vez de se fundar na corrupção de todos, se funda apenas na ignorancia de todos. É como uma casa onde ha ladrões, mas não se dá por elles. Gritando aqui d'el-rei, deve ter-se a esperanza de que os ladrões fujam, e de que os habitantes da casa acordem. Esta certeza conduziu naturalmente José Falcão ao seu credo republicano, e ao logar saliente que no seu partido recentemente tomou, organisando com mão de ferro, forças até então dispersas.

José Falcão escreveu em tempos uma encantadora cartilha, especie de livro de missa para o povo aprender a pensar. Esse livro teve um exito enorme, e encontrou publico em todas as provincias de Portugal: pouca gente sabe quem é o seu auctor. Conservava por Anthero, e pela sua obra, uma recolhida e terna admiração. E a sua sympathia ia direita a todos os sinceros. Só lhe inspiravam repulsão, e com justiça, os cynicos.

Deviam, certo, á sua alma de convencido, ter o ar de monstruosidades.

Viveu uma intensa vida mental, desprezadora de apparencias e enganos, e não o preocupou nunca o aspecto exterior da existencia. Era um scismador, mas não um artista. Trabalhando incessantemente, desgastando a saude numa excessiva vida sedentaria, parecia quasi um somnambulo. No verão ia para a Granja, e supponho que tinha ali nos ultimos tempos, longas palestras com Oliveira Martins. Não devia ser sem interesse, o embate d'estes dois espiritos tão oppostos: um eternamente dubio e hesitante, disfarçando o seu scepticismo fundamental com tintas de arte como se cobre um cadaver de flores, o outro forte e seguro de razão, tendo um ideal preciso como um problema de mathematica, e tirando d'esta segurança, d'esta fé a sua força, e a energica intenção do seu olhar e da sua figura.

José Falcão deixa dois filhos. A um, em cinco annos de Coimbra, nunca consegui vel-o, mas, pelas informações que tenho, deve ser aquillo a que o povo ingenuo chama um magico. O outro, o Paulo, foi meu condiscipulo, e é um dos rapazes mais sympathicos que tratei como estudante. O pae tem nelle um herdeiro da sua fé, da sua intransigencia, e das suas qualidades de trabalho. É mesmo atravez do Paulo, das suas interessantes palestras sempre cheias de uma teima tão cara-

cterística, e da sua religiosa admiração pelo pae, que eu aprendi a completar no meu espirito a ideia que fazia de José Falcão.

É dever dos homens para quem a verdade existe, erguer apothéoses a este grande morto, para que ainda os mais incredulos fiquem certos de quanto vale a pena viver quando se tem na cabeça ideias santas, e sentimentos puros dentro da alma.

Porto, 1892.

---

## A ROSA TYRANNA

Foi uma intelligentissima senhora, a quem as coisas da Arte são familiares, quem me fez notar um dia como era maravilhosa e cheia de saudade esta musica singular da *Rosa Tyranna* que em umas orvalhadas de San-João appareceu nos labios das raparigas e em outra noite semelhante de desgarradas e cantares subitamente se escoou e sumiu. Essa senhora pediu-me uma letra para dar o braço á melodia: os toscos versos populares, fechando com uma grosseira neuma de troça, arranhavam e maculavam as susceptibilidades de musica colhida em tão finos canteiros da alma. Queria-se uma letra doce, uma canção moribunda e attenuada, especie de Bemdito para

entoarem nos dias de lucto os corações doridos, prece que ao ceu voasse tão subtil como o incenso que sobe de um thuribulo ou o aroma que evolam as flores de um jardim, ás tardes de maio, pela rega. Lembrei uma elegia da Patria: a grande dor de um povo assim repartida, como as reliquias da Cruz, em minusculas balladas onde a tristeza, por ir mais concentrada, não fosse menos viva. Tambem julguei appropriada alguma singela historia de amores infelizes, ou um rustico villancico de Natal, ainda mesmo sombrios fados cantando os que neste mundo tiveram o peor quinhão, por lhes estar decerto no outro o premio distribuido: degredados, engeitados, cegos, larvas dos cemiterios ou flores dos pantanos.

• A musica da *Rosa Tyranna* não podia em verdade alliar-se a um canto de guerra, nem a collaboration do sol e dos clarins ia bem aos seus trajos de viuva. Ella começa os seus accordes por chorar, o grito que no meio solta é apenas um gemido mais vehemente, e o fim todo elle é tecido com lagrimas de desalento. Foi decerto uma violenta obsessão fatalista que gerou tão bizarra litania, e quando a Fatalidade anda no coração do Povo, como não ha de ella toldar o dos Poetas?

Confesso que não conseguí compor os versos que imaginava. Deixo aqui a ideia aos poetas portuguezes, para que a aproveitem e se apres-

sem a dar á musica a companhia que lhe falta. O sabor popular, quando atravessa o meu temperamento, ennevoa-se sempre de uma grande subtilidade. Isto faz-se contra a minha intenção, mas desde que eu sinto assim, não posso esquivar-me a ser sincero para cahir em faccis pastiches de poesia singela e campezina. Escrevi uma ballada muito pessoal, inacessivel por um lado á adhesão da maior parte, e por outro não acompanhando o embalo da musica sem tornar esta monotona e frouxa a emoção da narrativa. Tudo isto são defeitos essenciaes. Só podia ser prestavel o trabalho, se algum compositor portuguez, fizesse da *Rosa Tyranna* uma rapsodia, pondo em correspondencia as variantes da melodia central com as variantes dos meus versos. Entretanto aqui deixo impressa, por curiosidade, a falhada tentativa; quem queira ensaiar com ella a musica, deve fazer repetir o ultimo verso de cada quadra pelo côro, acompanhado por campainhas de Santo Antonio dos Olivaes:

## O ENTERRO DO POETA

(COIMBRA)

Lá vae o Poeta a enterrar  
(Ó Virgem das Dores!)  
E as tricanas, a chorar,  
Cobrem-lhe o esquite de flores.

Era trigueiro e era novo,  
Andava em Direito...  
(As raparigas do povo  
Choram num pranto desfeito!)

E que bonitas maneiras,  
Tão meigo, tão chão!  
E os versos para as fogueiras  
Escriptos por sua mão!

Pois lá se foi num instante,  
Caminho do ceu!  
Aquelle lindo estudante,  
De uma terçan que lhe deu...

Nas quebradas do Penedo,  
Á luz do luar,  
Os olivae mettem medo,  
Os cães não cessam de uivar.

De assustada, a ti me apego,  
Senhora .Apparecida!  
Até o rio Mondego  
Parou na sua corrida...

Todos lhe sentem a falta,  
Ó Santa Senhora!  
Chorae, guitarras da Alta,  
Que estaes viuvias agora!

Está no fim a oração  
(Ó Cova, abre as guelas!)  
Antes que feche o caixão,  
Vão a espreital-o às donzellas.

Atiram-lhe bemmequeres,  
E acenam, vibrantes,  
Com os lenços as mulheres,  
Com capas os estudantes...

Atiram rosas aos molhos  
E fazem signaes  
Áquelles bonitos olhos  
Que não verão nunca mais!

Áquelle olhar feiticeiro,  
Aurora boreal  
Que ha-de apagar o coveiro  
Logo, ás pazadas de cal...

Sobem os fumos do incenso,  
E diz uma voz:  
—Vê se atas um nó no lenço  
P'ra, lá, te lembrares de nós!

Fecha o caixão. E uma ave  
(Disfarce de estrella!)  
Chegou-se ao pé, rouba a chave,  
Fugiu para o ceu com ella.

E agora, o sino sombrio  
Seus prantos derrama:  
(E ellas lá vão para o Pio  
Fazer-lhe a ultima cama...)

\*

É bem verdade que me impressiona e me attrahe sempre, mais que a de um escriptor, a obra anonyma, universal, a obra de Toda a Gente! A sua gestação parece milagre, e como deante das coisas bellas da Natureza, a impressão de mysterio é a que nos empolga por fim. Porisso nunca pude comprehender que se escrevessem centos de paginas a averiguar se em verdade existira Homero, e se apenas fôra a fraca inspiração de um só homem que concebera as navegações de Ulysses. Pois não é muito mais bello acreditar que cincoenta menestreis cegos, idos de Smyrna, de Chios, de Athenas, a cantar pelo mundo adeante, haviam cada um levado a sua gota de agua áquelle immenso oceano de poesia?

*Homo non intelligendo fit omnia:* assim dissera Vico, por Theophilo Braga citado a todo o momento na sua historia da poesia popular. A humanidade, não sabendo nada, fez tudo: profunda synthese, que ao mesmo tempo explica como são falsas e mesquinhas as impressões de detalhe, e como é sempre indispensavel, em arte, em religião, em philosophia, ver as ideias de alto e na harmonia dos grandes conjunctos.

A humanidade posta em analyses subteis e miudas, é o banqueiro A incapaz de um sonho, o cavador B nada mais sabendo da vida que a sua enxada, marinheiros que não percebem o Mar, sabios que não sentiram a Bondade, simples que não alcançaram a sciencia. Entretanto, todos os defeitos se perdem na justiça final, e todas as deficiencias se esquecem desde que os olhos se habituem a ver, na Historia, os grandes panoramas. Dizei-me se alguma obra de arte verdadeira deixou de ser consagrada por mais que os seus contemporaneos a negassem: ou se alguma falsa obra de arte, no tempo em que appareceu exaltada e aureolada, não acabou por encontrar castigo de uma gloria que não merecia.

Sim, a Verdade existe! Se ella se nos mostra assim fragmentaria, e a sua divina e triumphadora imagem só entre nevoas se entrevê, eis nossa alma já amparada da esperanza em um dia a possuirmos completa, seja num dia curto e provisorio da vida terrestre ou nas longas manhãs gloriosas do Infinito. Tomem este caminho as intelligencias seccas e criticas, que a chuva do ideal começará de prompto a fecundal-as. Nunca como agora (que o Universo tem o aspecto de um livro fechado nervosamente e atirado para um canto com desprezo), foi opportuno que a Arte se ajudasse da religião e da fé, unica vista da nossa cega vaidade, derradeiro bordão da

nossa mendiga ignorancia. Os scepticos tranquillos são de uma mesquinhez absoluta, a sua inferioridade torna-os vermes entre os seus semelhantes. Quem tiver a ancia de crer acabará por crer: e ninguém se admire de ver um cerebro occupado todo o dia por graves problemas da Razão adormecer á noite no travesseiro amigo de um padre-nosso.

Ah, como o estudo do Povo e do seu anonymo esforço abre clareiras na floresta densa! Se ouvimos as suas musicas e balladas, quedamos absor-tos a scismar com lagrimas no nosso rude batalhar de homens de lettras, para encontrar a imagem original, a phrase definitiva, a emoção inesperada. Fechamos as janellas para que não entre o sol nem se oiça o tarrabalar dos carros na calçada, á volta de nós arredonda-se o silencio, eis-nos sós no nosso quarto, luctando até á febre de 40 graus com a impotencia que vem sempre á tona da alma. Cada pagina que nos sahe d'entre a penna, murcha, custou talvez mezes de vida. E no emtanto lá fóra, ao sol, em liberdade, em inconsciencia, qual-quer rapariga na eira, ao passo que encastella as medas de trigo, canta subito uma cantiga de que ficamos numa tortura a ter inveja. Não lhe deu trabalho, não lhe sabe o preço, d'ella não tirou mais gloria que um morangal de dar morangos. A agua pura de aquelle talento aguou o licor alchimista da nossa vaidade!

\*

Como cria o Povo as suas epopeias? Uma noite na romaria, certa cachopa boçal lançou uma quadra. Dois versos são disparate, os outros dois teem genio: decerto foi a Lua que deu a mamar á cachopa dos seus peitos. A quadra vae seguindo o seu destino, cada novo cantor a emenda e transforma com uma nova ideia. Não ha ninguem que não traga os seus dezreis de ideal á caixa das esmolas. A selecção faz-se, alguem que não conhecemos se encarrega de divorciar o trigo do joio, e deitar fora o que não presta: o que succede é um dia ser a quadra da cachopa voz do povo, fazerem-se os poetas vassallos d'ella e consagrarem-lhe estudos criticos, os sabios. Appareceram os quatro versos numas danças, modestos e envergonhados, e logo acharam quem os vestisse de rendas cidadãs e os vexasse com mimos. Ha ou não ha Deus, teimosos?

Tenho ultimamente observado como devem segundo todas as probabilidades ser gerados os rimances populares, de que a avó de cada um de nós tem sempre uma collecção escolhida para nos distrahir em piquenos. Tomei essas notas num tribunal, a ouvir testemunhas de aldeia. Quando

lhes dizem: conte o que sabe, tem-se o prazer de assistir á facilidade, adõ espontaneo modo como o mais rude pegureiro prepara e serve num momento a sua narrativa. Qualquer litterato gastaria o dobro do tempo, e não seria nem tão pictoresco, nem tão flagrante. Ha então pessoas de uma pasmosa eloquencia: se narram um crime teem cor, teem imagens, descobre-se como o assumpto as apaixonada e lhes alenta a voz, e nas passagens difficeis a expressão é gaga, lucta para romper, mas acaba quasi sempre por sahir crystallina e nova.

A prosodia da lingua faz (como está assente) com que a testemunha vá partindo a sua conversa, sem o saber, em versos octosyllabos. Por outro lado, a ignorancia das ricas formas syntaxicas obriga-a a escolher uma syntaxe symetrica, monotona, sempre a mesma, que acaba por fixar-se no nosso ouvido e dar ao depoimento um tom de melopeia. Era uma mulher contando uma questão tida com outra. Houvera pancadas, ditos de crua linguagem, e fôra num lavadouro, á hora do sol, o caso. Tão bem o narrou a testemunha que eu perdi-me a ouvil-a, como se ouve uma historia. As suas ultimas palavras foram:

E ella foi p'ra sua vida,  
E eu p'ra minha vida vim...

e d'este modo symetrico e igual se havia já exprimido ao longo da narrativa. Só faltava a rima

para termos prompto o rimance. Como se vê sahir o pinto do ovo, assim eu fui vendo sahir esta inconsciente peça litteraria da cabeça bronca da lavadeira.

Taes apontamentos são uteis para abrir os olhos a quem, por ser letrado, se suppõe de outra carne e de outro osso que os simples e os seres de instincto. Todas as almas neste mundo são sonoras, todas as sensibilidades têm valor, e os grandes sentimentos são sempre universaes: de sorte que um grande livro terá mais tarde ou mais cedo um grande publico. Aquelles escriptores que, apezar de se gastarem em sensações estheticas pessoaes, pretendem a adhesão geral e espontanea ao egoismo do seu talento, bem merecem ter á roda dos seus livros um restricto mandarinato de leitores. Contra mim falo, que das vossas doenças padeço, e os mesmos castigos soffro: mas é por isso que lucto em me emendar, e pretendo ao menos tornar util pelo coração uma existencia que intellectualmente foi fadada para o mais monstruoso e inutil onanismo. No dia em que o meu sentimento abafar a voz antipathica e vil da minha analyse, serei feliz e poderei talvez exprimir coisas mais bellas.

Porto, 1893.



## O PADRE SIMÃO

No sitio em que o Tejo e o Zezere se encontram, e com ternura de irmãos se beijam e abraçam, nasceu um dia a socegada villa de Constancia. O Tejo é ali um rio provinciano e melancolico, com margens de salgueiros lacrimosos, tal como depois quando irrompe pelo divino valle de Santarem e dá a essa paizagem incomparavel como a expressão e o complemento de uns olhos. Rio de navegadores, eil-o tornado em ribeirinho de poetas, ameigando com a sua passagem bocados doces de natureza, lavando pelo inverno as pedras velhas e evocadoras do castello de Almourol, e emfim baloiçando nas suas aguas, que ao sul gemem a nostalgia dos galeões e caravellas de ou-

..

tr'ora, não sei que tranquillias barcas a que o glossario local deu o baptismo harmonioso e macio de *arvingeis*.

Constancia, villinha pobre e sem candieiros de illuminação, vem descendo aos tropeções pela piquena collina, e assim pasmada á esquina dos dois rios, quando o sol poente tira labaredas das vidraças e dá reflexos de saudade a certos balcões de velhos solares, creio que fará optima impressão ao viajante que atravessa a ponte de fugida, no comboio de Hespanha. Já alguns paizagistas de fracos escrupulos a teem irmanado a Coimbra, a sem par. Mas vista com tempo e espreitada nos seus recantos, coitadinha da terra, transforma-se em povoação de exilio e fatalidade, e acredito que para lá resolvam ir todos os infelizes d'este mundo, a ares. São como cemiterios os arrabaldes que a fecham de todas as bandas: olivae, olivacs, olivacs, tragicas arvores que no outomno, em vez de se amarellarem, se cobrem de cans e teem as folhas, parece, cobertas de pó de prata; e depois a terra-mãe está sempre vermelha, calcinada, dir-se-ia que um sangue coahado, gotejante, aos grumos, do arvoredado, alastrá pelo chão e o põe assim a arder. Só alguma vela enfunada ás vezes sorri como uma creança no meio d'esta velhice. Corre toada de que o pobre Camões penou na triste Constancia o seu primeiro desterro da côrte; e isto nos enchia de

brio, ao philosopharmos no caminho de Montalvo, a mim e ao meu amigo Adolpho, cahido ali a curar os doentes do municipio, e que eu fôra visitar nos seus primeiros ensaios de *identificação* com a terreola.

Intra-muros, é Constançia uma povoação como quasi todas as do seu tamanho, somnambula, e pode dizer-se que a vida dos seus habitantes corre entre dois somnos: um que termina de madrugada, sem sobresaltos, e outro acordado e de olhos abertos, com jantar e ceia, findo regularmente ás nove da noite, que é quando uma sineta de ordem decreta se encerrem as lojas e vá cada mocho a seu soito. Pessoas humildes, velhos namorados e absorvidos na solidão absoluta, nem sombra de uma senhora cuja tagarellice se possa abençoar, e portanto o Adolpho e eu, estroinas que ás nove horas fazem orelhas moucas á campainha e ainda se permitem arejar as suas rabonas cidadãs, bem nos podemos ter como duas figuras de lenda, almas penadas porventura, como nunca outras eguaes se abrigaram sob as telhas da boa tia Damiana que nos hospeda.

Era, pois, certo, que, em se deitando o povo, desciamos com passadas surdas a escada da estalagem, e iamos berrar para a rua as nossas dores. Primeiro contornavamos o rio, ouviamos resonar na agua os arvingeis; depois, toca a subir a collina, cantarolando balladas portuguezas, até que em

frente da nossa fadiga se topava um banco fradesco, dando para o Zezere, e ali rompíamos os nossos dialogos, como nunca cortantes, como nunca definitivos, sobre as miseraveis soluções da Vida. Uma occasião, até, que andámos leguas por uma estrada guarnecida de choupos finos que nem rendas, á beira de um caminho (não sei como) já a nossa magua de falla-sós rompia em gemidos e soluços: recordo-os sem pudor, porque jurei que não voltariam. Sei que passaram uns almocreves com os seus machos tilintantes, e agoirando desgraça, nos gritaram:

— Que é lá isso? Que é preciso?

E logo a indignação do Adolpho, de ver testemunhas á nossa palestra, tornou aos homens:

— Que é lá isso? que é lá isso? Boas-noites para os senhores, e boa andadura para as bestas!

Por signal que o Adolpho, na salgada ironia das lagrimas, me ajuntou logo:

— Se fosse o Camillo Castello Branco, teria dito ás avessas!

\*

Não ha como as aldeias envergonhadas, virgens de Baedeker e de Edison, para fecundar a nossa imaginação mirrada e velha. Desde o primeiro dia de Constancia, era já escuro, vinha surprehender-

nos a voz de um piano erudito e por sabias mãos manobrado, a gemer baixinho os romances sem palavras de Mendelssohn: havia na visinhança, soube depois, uma bebé fidalga e uma senhora allemã que lhe ensinava musica. Passaram a ser os meus melhores regalos depois de jantar. Tambem, em face das nossas janellas, não tardou muito que eu entendesse com uma exquisita casinhola, que era apenas isto: uma portinha muito verde num murinho muito caiado. Scismei que tal porta havia de abrir para um mysterio ou para um caso. Quem moraria ali?

— Era o padre Simão.

Dias depois visitava-me este padre velhinho, de magreza baudelairiana, desnorteadora para quem estava affeito, como eu, aos redondos priores do Minho. Fino como um diplomata, com um fato azul de cuidadosos vincos, e uns peitos de camisa, ás pregas todos, que encheram de ciumes o meu dandysmo. As polidas mãos do padre Simão cortavam o ar, gesticulando com educação e finos modos: a sua bocca sem dentes fazia bicos cheios de expressiva eloquencia. De um pulo estavamos aos pontapés na Vida, primeiro na de cada um de nós, e então soube como o excellente homem fôra capellão de casas ricas na Cardiga e agora amparava a sua velhice de uns subsidios e pensões que ainda lhe davam, e porfim na Vida com *v* grande, no terrivel problema que eu queria ver a cor de

que ficava, uma vez passado pelas lunetas antigas d'este velho exotico.

Pois encontrei-o perfeita creatura, ser de resignação e de piedade, cabecinha curta e estreita que um instincto humilde, mais que um ideal forte, conduziu a uma existencia cheia de harmonia e belleza. Perguntei-lhe se queria reviver a vida, tornar a rapaz: não accitava, respondeu. Está habituado a soffrer. Neste mundo nada se deve ambicionar, nada querer com ardor nem enthusiasmo. Resignação, paciencia: prega-m'as com serenidade, com doçura, com os punhos engommados e o gesto cada vez mais fino. Cabecinha de creança, de passarinho: a sua theologia é a do seminario, nunca mais leu nada depois d'elle. Mas a sua ignorancia subtilisou-se em vez de ganhar casca, e do coração e do proprio instincto foram-lhe subindo novas rezas e doutrinas.

Falo-lhe na renascença religiosa que paira sobre o mundo: desconhece-a. Sabe apenas, por ouvir dizer, que estão decadentes os costumes, e conta-me ingenuamente a historia de um seu velho amigo, casado aos 30 annos, «e foi a mulher legitima a primeira que conheceu na terra.» Habituou-se facilmente á nossa melancolia, e já nos poz nomes: o Adolpho é um *rapaz-velho*, eu sou tambem um *rapaz-velho*. Não sabe, nunca soube, o que é feito de Portugal, quem o governa, quem nelle faz poemas ou romances. Tenho um prazer

estranho em lhe mostrar os livros dos Novos: mas não o tocam, nem o seu ar de missaes o impressiona, apalpa com mãos indifferentes o papel de linho das brochuras, e a noção do comico, ou a do pictoresco, são para elle ineditas. Sómente, como é de poesia que se trata, conta-me que uma vez ouviu um rouxinol, acordando com os seus trinados a paz de uma noite de lua-cheia. Falta-lhe os termos, fica de bocca aberta, em extase, com o gesto suspenso, e conclue: «Tive então pena de não ser poeta, tinha ali tanto que dis-correr...»

Não sei, meu encantador Padre Simão, como o não cobri de beijos! Seduz-me este velho de uma fé calma, adorando o seu Deus com uma mistura de etiqueta e de candura, mas crendo nelle como se o trouxesse na algibeira. Tem dores e só geme, morrerá sem dar um grito, a sua alma é uma machina tão singela que se desfaz com um sopro, como de outro sopro tem vivido. Nunca tirou o retrato, nunca. Não tem frio nem fome: come e agasalha-se por dever, cuida da saude com diligente cuidado, como tutor que entenda não ter direito a desleixar uma coisa que não é sua.

Se lhe faça uma pergunta nova, medita-a, peza-a, e replica com serenidade e certeza. Ataco com violencia o celibato dos padres; e, vejam lá, está do meu lado este escoado e delido octogenario. Trata o Amor com meiguice, com afago, não

guarda um rancor nem tem uma birra, é igual de genio a toda a hora. Fala do pae morto como se não pudesse já ser bisavô elle-proprio. Ha 20 annos que não vae á estação do comboio, que é a dois passos, e diz-me adeus para ir aos seus unicos passeios, que se resumem em visitar todos os doentes de Constancia, saber das melhoras e dos remedios, para depois espalhar pelos outros lares os milagres e os talentos do meu amigo Adolpho.

\*

Ninguem se admire de que «o murinho muito caiado com a portinha muito verde» dobrassem para mim de mysterio, uma vez que falei ao padre Simão. Vi-o recolher das visitas, com um grande capote sobre o fatinho azul e um chapeu molle de grandes abas. Saudou-me de lá, a porta verde abriu-se, fechou-se, como automaticamente. Mas estavam convidados para o seu chá, e em breves horas a mesma porta verde se abria, emfim, para entrarmos nós.

Com effeito. Quando ás 8 horas batemos de mansinho, eu preparava-me com anciedade. Mão invisivel correu um ferrolho, descerrou-se a porta, e achamo-nos dentro de uma saleta de castanho, com tecto baixo de mansarda, e dois postiguinhos

a alumial-a. Um candieiro de quatro bicos estava meio acceso sobre a banca: e á sua luz mortiça procurei detalhar o mobiliario incoherente que enchia o quarto. Aquella sala era, por assim dizer, a casa toda: pois vivendo o padre Simão com uma irmã e uma creada, ali encontrei a humilde cama d'elle, de ferro com cortininhas de chita, a sua meza de jantar com livros de theologia em cima, o seu cravo, a sua arca, o seu sofá de receber visitas, e até a meza de engommar. Faltava só a cosinha, a cama da creada, e a da irmã, que talvez dormisse no chão, ao lado d'elle. Neste aposento triste, que jámais viu sol, vivia já o pae, e não sei se o avô, do padre Simão; aqui nasceu elle e a irmã, aqui morrerão por sua vez. Não teem um canto de terra onde jardimem, nem uma varanda para uns craveiros; e todos estão perguntando, com o meu espanto e a minha incompreensão, como se passam 80 annos assim, trinta mil dias sem uma aventura, um passeio, um episodio, comendo á mesma hora os mesmos pratos, passeando o jantar á roda da meza, pois não ha outro espaço livre d'esta pobre mobilia em tanto respeito tida por seus donos, que nem um grão de pó lhe offende a resignada velhice.

Mas esperemos, que ahi vem o velho apresentar-me sua irmã. Ella é ainda mais baixa que elle, cara de ter sido bonita, finas mãos, surdissima, e com uma voz horrivel. Elle vem lindo, com ca-

nhões de velludo no casaco, e o peito de camisa ainda mais aberto. Neste interior, a esta luz, tremendo ambos com a cabeça, parecem-me, meu Deus! dois bruxos, e tenho quasi um susto infantil dos seus apertos de mãos tão satisfeitos.

Conversamos, e ao fim de meia hora eu não pude esquivar-me a contar as camisas do padre Simão. E tanta impressão fez este assumpto, que gastamos a noite a esmiuçal-o, como quatro creanças. Veiu para cima da meza o enxoval inteiro, do ventre perfumado e nostalgico do seu bahu. Essa irmã que foi bonita e não se lembrou de casar, passou a vida a fazer camisas de irlanda para o seu irmão, a inventar pós de gomma que não estragassem o tecido, e, já enrodilhada nas volutas de uma febre, creio que fez tantas, tantas camisas, que a maior parte d'ellas ficarão por vestir eternamente. E eis-me a estudar, que ella m'o exige, a variedade de pregas dos peitilhos, a perfeição do engommado e a finura e transparencia do panno. Veem os pós, e sem custo lhes elogio a immaculada brancura e optimo cheiro. Já me afoga a roupa branca: e do meio d'ella avisto o padre Simão mais o seu sorriso, contente com o meu enthusiasmo, a consolar o Adolpho christãmente da solidão que o espera quando eu partir.

Chega a creada com novas amostras de enxoval tão perfumado, e agora collarinhos acabados de apromptar, de canequim da India, irlanda, ou

que outro panno? A creada tem 30 annos, ha vinte que serve os mesmos amos: tem um ar automatico, de pessoa castrada, e um sorriso condescendente de quem lida com creanças, pois intervem a cada momento na conversa, a rectificar, a confirmar, a pôr erratas á memoria cansada dos patrões. Cruzo com o meu companheiro um olhar assombrado: — Oh Adolpho, cá estamos, pois, nós dois corruptos, *sabendo tudo*, na presença de tres creaturas virgens! Emfim socego-os, brandamente, prometto mandar fazer camisas como aquellas: e a promessa cumpri-a, pois agora todas as camisas que uso são as incomparaveis camisas de Constancia, feitas sob a vigilancia da irmã do padre Simão. São lindissimas, e tanto sabor lhes acho, que dir-se-ia me aconchegam a um tempo corpo e alma.

Hora solemne de tomar o chá: não sei como não nos persignamos e benzemos, por dar mais brilho á cerimonia. Veem dois bules: um para nós, outro só para o velho, mais piqueno, e que a creada lhe colloca á direita. E enchem-se as chavenas, dá-se mais luz ao candieiro, ha um silencio grave: o padre Simão desfaz no chá as suas torradas, pois pouco podem os dentes que lhe restam, e a irmã, que já me asphixiara em camisas, quer agora envenenar-me com o seu chá preto. Cahi-lhe em graça, não posso libertar-me da sua voz que guincha, nem dos seus argumentos penso em fazer

pouco. Tomo chá, tomo chá, com resignação perfeita, e tendo já perdido pé na realidade.

Tudo, de resto, á minha roda, está resignado e paciente. Resignado o candieiro a uma luz tropega e octogenaria; resignados os postigos a não verem o sol em toda a vida; resignados os colchões da caminha velha a supportarem a leveza do magro corpo do velho. E o cravo, nas minhas costas, parece-me tão triste na sua mudez, tão saudoso, tão soluçante, que me ergo da cadeira, já os bules tornam vazios á cosinha, e sobre o velho teclado faço nascer balladas modernas, civilisadas, que nunca ali entraram, canções perversas da ultima hora, e fados de Coimbra languidos e amorosos. Canto algumas quadras, o padre Simão apura o ouvido. E eu, esgotando logo a minha bagagem de musico, convido-o a tocar por sua vez:

— Sr. Padre Simão, toque um bocadinho...

Depressa accede. O cravo, de tão velho, mudou de voz, tem um som humano e doloroso de cithara. Tumulo de sonhos fanados, de amores mortos, quê? E o velho capellão de casas ricas inclina-se todo, mexe convulsamente as mãos tão tremulas, e eil-o a arrancar do seu invalido instrumento, como para oppor ás minhas cantigas triviaes, primeiro uma contradança já sem nome, depois minuets, gavôtas, de tal evocação e tão embriagador embalo, que na minha cabeça bailam em salas decorativas, e se curvam em medidas de

côrte, as longinquas Avós. É admiravel! O cravo parece um morto que sahiu da cova e faz recuar de susto as coisas vivas. As mãos do padre não cessam, arrastadas ellas tambem atraz, talvez, de uma recordação, e vou eu pedir-lhe que descance, pois me lembrou supersticiosamente que elle fosse morrer ali, de um accorde de minuete mais saudoso como de uma punhalada!

Fechou-se o cravo, iam-se fechando os olhos dos dois velhos. Uma ultima vez dei volta ao quarto, e ainda ao pé da cama encontrei, envolto em crepes, o retrato do seu unico amigo, morto ha longo tempo.

Os moveis parecem ter tomado novo aspecto, e dormir tambem. O candieiro extingue-se por falta de azeite nas veias; pelos postigos abertos entra na sala o pio em dialogo de duas corujas. E aproveitando aquelle cahir de luz, o resto de delirio que ainda me ficou da musica suspensa, ponho-me de atalaia ao padre, que mais uma vez assume para mim modos de spirita, e apuro sofregamente o ouvido, a ver se passa por mim o zumbido doloroso das almas vagabundas e errantes no ar.

Um relógio rouquejava meia-noite. Então sahimos: e ao luar de luz electrica que fazia, fomos perguntando em nossa consciencia a Deus porque não nos fizera assim, e se o ceu que os doutores da Egreja nos promettem poderá ser mais se-

reno e mais feliz que as tres creaturas, com quem nessa noite se encontrara a nossa soturna mocidade. De novo nos revolvemos na miseria de viver como numa insomnia infindavel. Pois nada haveria que podesse agasalhar de alguma paz a nossa esburacada existencia? O Amor talvez, com certeza o Amor. . . E umas vezes eu, outras o Adolpho, gritavamos ao silencio:

Triste de quem der um ai  
Sem achar echo em ninguem!

Só os cães nos uivavam, de resposta.

Lisboa, 1894.

---

## A RESPEITO DE PORTUGAL

Tenho meio lido o livro de Oliveira Martins sobre a actual Inglaterra: e uma coisa que nelle me é sympathica, quasi me fazendo esquecer a incoherencia e a excessiva pessoalidade das impressões, é a maneira calorosa e espontanea como o escriptor sacode as correntes pretensões de anglo-mania, pondo-se abertamente em conflicto, na qualidade de continental effusivo e exuberante, com o insular secco e convencional, e fazendo contrastar com eloquencia a formosura das nossas mulheres, a meiguice e a fartura da nossa paizagem, com a angulosa expressão physica e moral das mulheres inglezas, e a monotonia morna e neutra da sua fé e dos seus prados verdes.

Todos os escriptores sinceros que em Portugal soffrem da mediocridade de ignorar a sua terra, encontrariam a primeira cura, supponho eu, na therapeutica das viagens. Quero referir-me aos escriptores que mais se occupam de surprehender a alma e a physionomia interior de um povo, que de estontear-se com as suas apparencias e a pompa dos seus aspectos externos. Assim, enquanto o espirito fino e susceptivel de Oliveira Martins se chocou com a espessura de alma do povo inglez, o sr. Ramalho Ortigão, apenas preocupado do pictoresco, não querendo (mais do que não podendo) ver o *x* sempre mysterioso e differente que se occulta sob cada peitilho branco e cada fato cosmopolita e egual de civilisado, veiu dos nevoeiros londrinos como enjoado dos seus patricios e penoso de não haver nascido nas terras frias da rainha Victoria, para de ahi a pouco, com parallela convicção, chorar desolado o erro do destino que o não gerou flamengo, e porventura a estas horas, entre bizzarros e hospitaleiros grandes de Hespanha, estar scismando como teria corrido outra a sua vida, se em vez dos granitos funebres do Porto, houvesse tido por panoramas de infancia os laranjaes doirados da Andaluzia.

Em frente de cada livro contando os paizes extranhos, fecho os olhos, comparo, e é sempre pela minha terra que, sem facciosismo e sem paixão, eu me decido. Será porque alem da no-

breza poetica d'este piqueno povo, da sua melancolia insinuante de tísico, da sua mocidade cheia de cavallarias e de descobertas, a minha alma sente o pezo da injustiça divina na desgraça que o persegue e na maneira brutal e egoísta como o tratam os outros? Imaginae que num grande baile cosmopolita, cheio de banqueiros judeus, de politicos cynicos, de boccas sedentas de beijos incestuosos e mãos vorazes de fortunas roubadas, entre mulheres cuja formosura fosse viril e rude e homens cujo olhar fosse metallico e secco, encontraveis perdido na multidão, esquecido por ella, um rapaz pallido, meigo, com um sorriso de mulher e uns olhos de creança, tão grandes que dir-se-ia trazerem dentro o sol e a lua. A sua casaca seria mal tallhada para os seus hombros; as mãos, inquietas, timidas, não saberiam onde fixar-se com naturalidade. Tanta gente fizera perder o aprumo ao ephebo, vindo de alguma parochia simples, ajudado a vestir-se pelo prior, pela mãe quasi cega, por alguma irmã santa que lhe compunha a roupa branca e lhe bordava as travesseiras do leito. Viera decidido a impor-se, crente no seu talento, estimulado por algum olhar mais doce da Lua que, certa noite, como a perseguisse com madrigaes, lhe atirara beijos do ceu. Tinha orgulho dos seus avós, que o pae lhe contara haverem sido guerreiros esforçados, marinheiros mortos em naufragios epicos; e sabia que, nas dez mil pessoas da

..

festa, não toparia senão com herdeiros de traficantes, filhos bastardos de militares sem guerras, espiritos com malicia mas sem delicadeza, impotentes da Arte, charlatães da Sciencia, almas mais rasteiras que matto bravo, nenhuma insatisfeita da realidade que lhe tocara em sorte, nenhuma scismando com indolencia numa outra vida que tornava vã e inutil a acção nesta. Chegou sorridente, fresco, cheirando ao aroma dos pinheirões da sua quinta, disposto á tolerancia, só a cabeça um pouco alta da consciencia do seu valor. Mas as pernas começaram a tremer-lhe na primeira sala; a flor maninha do seu sorriso murchou de encontro aos sorrisos de desdem dos outros; a fonte a correr do seu olhar seccou no deserto dos olhares dos outros. Viu que ninguem percebia a graça do seu perfil, sómente todo o mundo sublinhava o laço desgeitoso da sua gravata. Nenhuma mulher achou talento e meiguice nos seus olhos; mas todas igualmente viram, dentro das algibeiras do seu collete, a magreza das moedas de oiro. Foi ter com um anjo loiro — parecia um anjo! — pediu-lhe o braço para uma walsa; mas no meio do convite intimidou-se, córou, fugiu aos risos piedosos de quem assistira ao seu enleio. Aquelle baile onde esperava ir assistir a coisas delicadas, a musica, a dança, procissão de mulheres bonitas desfallecendo nos braços dos homens, appareceu-lhe de repente como um mercado brutal, uma

feira de feras, onde cada qual, homem ou mulher, só plenamente se satisfazia quando lhe atiravam á bocca a carne e o vinho ás montanhas e aos oceanos, do bufete. Encostou-se á hobreira de uma porta, longe do ruido, tendo falhado a sua noite, com fome, com raiva, não sentindo as pernas de fadiga. Todos o haviam písado, ninguem reparara nelle; o seu busto excentrico de poeta nem ao menos conseguira descarrilar por um segundo aquelle comboio de orgiacos que seguia triumphante e empenachado de fumo, para a Gloria, para o Dinheiro, quem sabe se para Deus? Já blasphemava...

\*

Assim me é doce scismar quando leio paginas onde o genio portuguez é saboreado sem banaes incensos, e insinuar a minha gondola de sonho por esta athmosphera de letras protestadas, neste cyclo humilhante e miseravel para Portugal, de crise sem grandeza, de fome sem tragedia, de agonia sem desespero, pois toda a gente se deixa escorregar no pantano sem gritar alto a sua miseria, sem tomar attitudes que, ao menos, se lhe não salvarem a vida, lhe salvem a memoria. Ainda se perdoava um fim de povo que desse inspiração

aos poetas, para lhe rezarem o de-profundis. No meio de uma guerra doida ou de um cataclismo sinistro, a Morte vale a Vida ou mais que ella. Mas acabar no meio de casas com escriptos, ter por inquisidores as lojas de prego, estar com os pés para a cova, mas com os pés de botas cambadas — é a morte de um titere, não é a de um povo, nem a de um poeta.

Levantemos as almas para o alto, ao menos nós, que alimentando-nos de sonho simulamos matar a fome! Ergamos a nossa piquena torre de marfim artistica, todos quantos pensamos em arte, pintores, poetas, moralistas, sabios! Como havemos de esquecer-nos que somos portuguezes, se a fatalidade ou felicidade da patria é a causa da nossa pobreza como homens e como artistas, e se a unica coisa que nos resta a salvar do naufragio é a nossa Arte, perpetuada pela nossa lingua, visto que lá está o Brazil infante para um dia a fazer celebre, e a pôr de novo triumphante e acclamada nos flancos dos seus galeões?

Amanhã, de aqui a dez ou a cincoenta annos, talvez já as serranias da Beira estejam povoadas de hoteis inglezes, e as viris e altivas florestas portuguezas, cheias hoje de arvores veneradas como velhos frades, se achem terraplenados e penteados bosques de chaminés de fabricas. Quem nos assegura que em meio seculo, as noites de luar não se poderão ver mais senão atravez da

trama dos fios telegraphicos que tornem internacional e prestavel á Europa este *bom partido* geographico que nós somos, noiva com nome illustre destinada a cahir nos braços sujos do primeiro negreiro millionario? Quem nos dá a certeza de que os nossos bisnetos, não terão já as veias mais ensanguentadas de sangue estrangeiro que palpitanes do nosso? Ha algum pacto que nos segure por um seculo ao menos, os olhos pretos das nossas mulheres, a virgindade das nossas arvores, a inviolada cor azul do nosso ceu meridional?

Entretanto o Brazil, do tamanho da Europa, quasi todo por povoar e por cultivar, povo na infancia, cheio de esperanza e de futuro, impotente para nos salvar a casa, o corpo, será nomeado testamenteiro de nossa riqueza espiritual, e o herdeiro da nossa lingua, dos nossos costumes, dos nossos poetas, será elle! Um dia que a Europa fôr uma velha entrevada, e a Raça Latina fôr um mausoleu perdido num campo-santo, o Brazil, trasbordando como uma colmeia de milhões de almas, espalhará a nossa linguagem no Mundo, ensinará aos seus contemporancos na Terra a nossa historia, e cada um dos nossos grandes homens, perdidos e ineditos hoje, só então receberá a benção da Humanidade que lhes ha de tornar mais doce o somno do Infinito. Poderão os barbaros do Norte extinguir a tua raça e a dynastia dos teus cabellos, violeteira morena de Coimbra,

mas nenhum terramoto ou indústrias novas embaciarão o encanto dos versos de João de Deus, ou destruirão a armadura sombria dos sonetos de Anthero. Tenho mais fé na immortalidade dos nossos poetas, que na de muitos poetas francezes d'este seculo. E no entanto, como elles são emphaticos e grandes, ao pé da nossa simplicidade e despretenção, e como as suas corôas de loiro em vida parecem fulminar o barretinho de seda e o chale-manta com que o nosso grande poeta das *Flores do Campo* acolhe as suas visitas e os vasallos rendidos do seu talento?

\*

É porisso que, com uma teimosia que reconheço fere, e emquanto outros luctam por extinguir o deficit, por proclamar a Republica, por resuscitar idos tempos de bem-estar politico e economico, eu, com o mesmo criterio, e por certo com a mesma inutilidade, opponho o meu desprezo, quasi a minha raiva, a toda a obra de arte que não fôr universal ou nossa. No campo da Arte, ou não se tem patria, ou se tem a sua. E por mais que os competentes me digam que o genio portuguez é crítico mais do que creador, que nuñca tivemos escola de pintura, nem de architectura,

nem de litteratura, a minha obstinação limita-se a perguntar por que motivo, e quaes são as fontes maravilhosas de inspiração que os outros povos teem, e a nós nos faltam.

O nosso mal, parece-me, é antes de educação que de origem. Queremos ser civilisados, banaes, cosmopolitas, sem pictoresco, fazer dos nossos vinhedos sabias hortas, das nossas florestas leões domados. Entretanto, creaturas! a civilisação cá não existe, olhae que os pastores da Serra da Estrella são ainda como no tempo de Viriato, nem mesmo o *Seculo* lá pôde chegar até agora, e por isso a manteiga e queijo que fabricam é tão saborosa e nos dá tanto sainete aos almoços. Oliveira Martins affirma que Londres é o abcesso da velha Inglaterra; Paris, por sua vez, é a macrocephalia da França. Todavia, as duas grandes colmeias humanas são a melhor synthese, o definitivo succo e miolo do povo a que pertencem. Não acontece assim em Portugal. A peor coisa, o meio mais imbecil, a athmosphera mais banal e deprimente que se respira neste povo, é, sem duvida, Lisboa. Só não me acreditarão os estadistas futuros, ainda a chocar na provincia. Desde que eu me convenesse de que Portugal era Lisboa, o meu estimulo para fazer arte extinguir-se-ia como uma estrella num sumidoiro. Não ha coisa que me desalente e entristeça mais do que o aspecto do Chiado, com pessoas a abrir a bocca, mendigos em esquadrões

a pedir esmola, e toda a gente a discutir os ministros, os deputados, os *Palmas-Cavallões* da imprensa. Reli ha tempos o final dos *Maias*: é photographico. Vejam se Lisboa gera um poeta, uma figura original. São tudo faias, disfarçados de mil modos. Que raça diferente da portugueza se encarregou de perverter e de sujar aquella linda cidade, possuidora de uma tão grandiosa antecamara de agua como é o Tejo? Não sei quem me disse que eram berberes.

E, no entanto, não temos outra cidade. Que importa? É a grande originalidade de Portugal, essa. A cidade é apenas uma instituição burocratica e administrativa. Compreendo que tenha exigencias de musica aos domingos, um amanuense. Bibliothecas, museus, ha-os pelo Mundo, e a civilização servir-nos-á ao menos para termos, faceis e baratas, as viagens. Demais, quanto menos correremos a Europa, em *sud-express*, mais jornadearemos em Portugal, na mala-posta, a cavallo, lendo as serras, soletrando os panoramas. Somos um povo de poetas: quanto menos livros, quanto menos comboios, melhor. É preciso castigar Lisboa não a fixando na historia: não ha um facto d'ella, um politico moderno, que mereça duas linhas de menção. Quiz-se fazer passar por Portugal, aos olhos da civilização: por essa burla merece a pena maxima. Envergonha-nos tanto, é de tal modo a nossa roupa suja, que nem uma

pagina de artista deve ficar a servir de epitaphio ás suas miserias.

Portugal é o Minho, o Doiro, as duas Beiras, o Alemtejo, o Algarve. Vamos, não tens espaço bastante, Geração Nova? Se te queixas que a civilização te requintou e só entre sedas, embora de lã, e oiros, comquanto oiropéis, podes viver, digo-te que és mediocre, e ignoras que, quanto mais se vive, mais se aprende a mesquinhez da Vida, e a necessidade de procurar nella um alvo moral. Não tens a Biblia, ó Geração preocupada de mysticismo, a ensinar-t'ó? Traze os teus fauteuils de moscovia, os teus órgãos, as tuas sensações raras, são caprichos de temperamento naturaes, e encontrarás casas, quintas (em vez de andares) onde os asyles; mas não te esqueças que, entre a bagagem, ha de vir alma, talento, intensa vida cerebral, alevantado senso da virtude. Só com litteratura já nem os tolos se inebriam.

Que estimulante, que immortal e grandiosa obra era essa de uma geração de rapazes que deliberasse, neste poente da patria, antes que ella morra, tirar-lhe a mascara, como se usa com os grandes cadaveres! Poderiam vir esculptores, pintores, romancistas, dramaturgos, musicos, poetas. Na provincia vive-se como em Athenas, com uma azeitona e um bocado de pão. Não havia lavrador que nos não aboletasse: e escusavamos de nos desmoralisar pedindo empregos, e não salvaríamos

na rua, por gratidão, os conselheiros. Cada temperamento escolheria a provincia propria: os calmos para o Minho, os melancolicos para a Beira, os desesperados e *audelâistas* para as serras tragicas de Traz-os-Montes. Ao fim do anno, cada um vinha com a sua colheita: uns com bucolicas que as raparigas cantariam nas esfolhadas, outros com romances estudando a miseria do transmontano, a sua vida de familia, os seus descabros de temperamento, outros com dramas sentidos, humanos, escriptos numa linguagem viva e forte. Juro que os lavradores os comprehenderiam e abençoariam mais presto, que os da cidade. Os pintores egualmente poupavam as suas comicas villegiaturas na Bretanha; mandariamos alguns para as praias afim de não acontecer como numa recente exposição, em que não havia uma marinha toleravel, apesar de ser Portugal um paiz de beiramar, de pescadores e de navegadores. Imaginem como estão baixas as almas, que nem o mysterio do Mar as toca já. Poriamos uma caravana de paizagistas em Coimbra, onde a natureza é tão variada e prodiga, que quatro pintores sentados em cruz no meio de um campo, encontrariam cada um a sua nota differente e palpitante.

E os musicos? Assombrariam a Europa, só com rapsodiar em operas, em sonatas, em marchas funebres, os accordes da musica do povo. Aos esculptores ficava reservada a idealisação da bel-

leza da mulher que é fina e subtil em tantos sitios. Ou a formosura classica, ou a moderna, cheia de angulos e asymetrias, consistindo sobretudo na expressão, todas encontrariam aqui em abundancia os correligionarios de Praxiteles e de Velasquez, sem emigrar, e embora tomassem uma vez por outra, um banho de immersão no Museu do Prado. Emfim, aos architectos não restava senão um dever bem grato de cumprir: fazerem voto de frades no mosteiro da Batalha.

Assim se estenderia uma rede intellectual pelo paiz fóra, segura por gente de pulso, e capaz de ir educando Portugal por gradações e sem abalos, lento e lento; e a nossa raça, desde a physionomia até á alma, as qualidades e os defeitos, iria transcripta para a posteridade em obras grandiosas, de que seria portadora uma geração grave, orgulhosa, tendo bastante dignidade para chorar com decóro a sua patria morta, e lhe fazer condignos funeraes.

Comecei este capitulo para falar de Columbano Bordallo Pinheiro, no meu entender o pintor mais notavel da Peninsula neste momento. É a proposito dos seus retratos, ha pouco tempo por mim contemplados com admiração intensa, que algumas d'estas observações são cabidas. Eu que no ultimo salon de Madrid, pasmei e me envergonhei de não encontrar senão imitadores da França, e nenhum pintor que mantivesse com orgulho a tra-

dição da velha escola hespanhola, tive a surpresa que se suppõe ao descobrir em Columbano, o herdeiro incorruptivel, rebelde á moda e á convenção, da grande e nobilissima maneira de Velasquez e de Ribera.

Mas o artigo sahiu, sem eu o querer, confuso e revoltado. Escolherei outro mais tranquillo, para saudar Columbano. Não quero com o barulho dos meus applausos, que elle supporia emphaticos, perturbar o silencio e a paz campestre do seu *atelier* do Pateo do Martel, onde outro ruido se não ouve que não seja o dos bilros das rendeiras (lembrando uma arvore carregada de passaros a chilrear) sob a direcção diligente e carinhosa de sua irmã.

Porto, 1893.

---

## OS QUADROS DE COLUMBANO

Ha longos annos que este orgulhoso e rude artista vem produzindo e creando cada dia com mais flagrante personalidade, entre a geral incomprehensão e indifferença. Os seus quadros, que dariam assumptos para livros, esqueceram altivamente o caminho das exposições e dos mercados. A sua pintura sombria, cor de olivae, de uma symbolica monochromia, precisa decerto que a commentem e estudem os criticos de arte, mas ainda mais merece que a interpretem psycologos, e que a tomem os poetas para o seu lado. Se ha realmente uma geração nova, se um impulso original e forte alenta porventura a Arte portugueza, não fiquem suppondo os nescios que só se agrupam auctores de versinhos para improvisarem

balladas uns aos outros, e vamos-lhes indicando os moralistas, os romancistas, os pintores, esculptores e musicos que hão de encher as vagas, fechar o circulo, e pôr definitivamente em pé de guerra a nossa embarcação tão desdenhada.

O movimento de arte chamado naturalista (e peço desculpa de usar estes palavrões frivolos dos doutores) deu em Portugal sahida a meia duzia de finos pintores de paizagem e de genero, dos quaes foi Silva Porto o generalissimo, capazes todos de reproduzir na tela com delicadeza, subtilidade e doçura, ou fossem estados mornos e pouco exigentes de alma, ou trechos agradaveis de natureza. Mas se nas lettras o genio dos escriptores naturalistas, e a violencia do seu temperamento, tomaram nos dentes o freio das escolas e poderam exceder e pôr de lado os seccos programmas, é verdade pura que na arte de pintar tal não succede, e que não ultrapassaram ainda o meio-termo as sensibilidades dos artistas, nem se tornaram salientes as suas ancias de sonho, de vago, de idealismo, ou ao menos tiveram reflexo em Portugal as maneiras intensas e poderosas da mais recente pintura ingleza e franceza. Não ha, portanto, febre e inspiração, casos anormaes de talento ou de originalidade, entre os poucos correctos e apreciaveis pintores que possuímos.

Só Columbano, por theoria e por pratica, pelo que pensa e sente e pelo que executa, pelo proprio

sympathico isolamento da sua vida e intransigente obsessão da sua nobre tarefa sobre a terra, abre excepção á regra e nos faz scismar. O seu temperamento não se escapa por entre os dedos, e as taboas de lei que o encaminham são das que se veem e fixam ao primeiro toque. Os seus assumptos não lh'os dicta o acaso, nem os seus processos vieram dos livros para a sua cabeça: é de uma logica perfeita a sua obra, filha legitima de um sentir igual e harmonico a sua maneira, e finalmente os seus energicos defeitos servem para encaixilhar em melhor fundo o seu talento e o separar, por compridas leguas, de aquelles intolereáveis artistas que preferem a mediocridade á impotencia, e se resignam a não ter corôa de loiros pela volupia e socego de não darem erros de grammatica no thema.

Na amurada do Sonho, contemplando os astros, ia a scismar Columbano. Sósinho no mar alto, sem uma ajuda nem um lenço branco, entende-se bem que a sua tristeza escurecesse ainda mais, e que o seu desprezo acabasse por dar á sua obra um modo hirto. Mas agora que se encontra com as nossas embandeiradas almádias de trovadores, e a nossa penna quer noivar de bom grado com o seu pincel, corra depressa o álerca de que Columbano é o nosso pintor, nós os seus criticos, e que o seu futuro e o nosso vão juntar-se, abrir campanha, e vencer por força da razão que trazemos e da bel-

leza que promettemos, a quem tiver paladar para o seu difficil sabor.

\*

Columbano, como o sabem meia duzia de fieis do seu albergue de artista, habita no Pateo do Martel um casinholo encantador, quieto, separado de rua e collocado sobre uma especie de oiteiro, de onde a vista abrange um admiravel panorama de Tejo, Outra-Banda, e algumas das collinas de Lisboa. Parece campo, ali; não ha casas, não ha visinhos, nenhum signal cidadão afeia o sitio, e o silencio é tão completo que só o interrompe o esperto e vivo chilrear dos bilros.

Cuidarão que não: mas é bem certo que se differencam os passaros pela qualidade e macieza do ninho em que se acoitam. O ter-se Columbano installado fora de mão, o mais possivel longe de indiscretos, já indica como o seu talento se basta a si proprio, e pela concentração busca adquirir dia a dia maior voo e consistencia. Depois de entrar no atelier, e em respirando aquelle digno ambiente de trabalho e de harmonia domestica, logo o encanto do lar constituido por Columbano e por sua intelligente e excepcional irmã, mais nos prende e subjuga. Columbano pouco fala, mais resmungo a meia-voz, e só de espaço a espaço

poisa no ar uma palavra facciosa e convencida, como se desse uma turra com ella nas dos outros; a senhora D. Maria Augusta, pelo contrario, é a condescendencia e a tolerancia em pessoa, e com tal sorriso nos tece e dirige a conversa, e nos communica o seu respeito pelas obras de arte ali reunidas, que mais parece ser ella a encarregada de conservar e adornar alguma doirada basilica, na qual fosse Columbano uma especie de orago doentio e caprichoso. A ella se deve (mandemos-lhe a paga em mil louvores) que no irmão incomprehendido e, quem sabe quantas vezes, offendido nos seus melindres de artista, não ganhem raizes o azedume, nem certo rancor mau conselheiro, pois com esmeros de enfermeira, e toda a sorte de adhesões e cautelosos amparos á melancolia e provavel hysterismo de Columbano, lhe torna a existencia doce, macia a alma, florida a meza e appetitosa e contente a hora do almoço. Fecunda paz do Senhor em que os dois vivem, nella se cria e amamenta uma bondade de coração que se pega ao talento e o faz mais solido, visto a alma ser visivel (como Deus) em toda a parte, e o seu bafo tanto ser capaz de adejar sobre uma pagina de escripta como sobre a tela de um pintor.

Não esperem que eu vá aqui fazer, com pormenores do officio, a analyse dos quadros que me deslumbraram neste *atelier* superior. Não sei. Da Arte só me nascem á flor da penna commen-

..

tarios Moraes, e esses aqui os ponho: primeira nota, acho que Columbano é um pintor português, ou hispano-luso, emfim inconfundivelmente peninsular. Fazer arte nacional não é, em letras, tentar reproduções esbatidas e fumosas de velhas trovas onde a nossa sinceridade já não cabe; nem em architectura, edificar, para dentro vender bilhetes de comboio, fastidiosos queques manuelinos que apetece mandar a um descarrilamento ou terramoto, esborcinar nos seus arrebiques. Para a nossa idade madura podem servir ou não servir as velhas formulas, isso é secundario, comtanto que os modos de sentir da nossa alma venham transparentes ao de cima, e a nossa voz e pronuncia interior não gaguejem mas falem, não hesitem mas berrem, atravez do confuso volapuk cosmopolita que invadiu sensações, sentimentos, linguas de povos e barbas em bico de caixeiros-viajantes. D'este poder é millionario Columbano: os seus quadros possuem a cor sombria, que cava os poços da fatalidade, e a nevoa vaga que ergue as torres do sonho. Para celebrar essa oitava dos *Lusiadas* que começa:

E vós, Tagides minhas, pois creado  
Tendes em mi um novo engenho ardente

vejam um pouco o prodigioso grupo que elle concebeu e se acha aperfeiçoando dia a dia. O seu Camões creio ser o primeiro que cá se pinta a

serio, pois todos os que conheço deviam queimar-se em sabbado de Alleluia, por decóro. Cabeça scismadora a d'este, olhos que sonham ambos (um cego embora), um modo cahido, extatico, doloroso, tão expressivo o corte da bocca e o ondear das barbas, que eu juraria ter Columbano, aliás com alta intelligencia, transplantado restos da physionomia e reflexos do ar de João de Deus. As Tagides são mulheres portuguezas, carinhas magras, cabellos castanhos, cinzentos olhos: e que corpos, que corpos, tão aereos e fluidos que parecem almas! Não tenho memoria, escapam-me os detalhes da pintura: mas bem gravado me ficou como é de uma só cor verde, ora carregada ora esvahida, e me desenterrou saudades no meu espirito, paizagens aguacentas de Coimbra, manhãs enneoadas de Alcacer-Kibir, tedios, fraquezas de animo, prenuncios de emigração, fomes no Doiro, ruas de Lisboa cheias de mendigos, uma raça que apodrece, um povo de marinheiros idealistas que tropeçou ao dar com terra firme. Dez palmos de tela, onde o genio chammeja, podem encher todos estes abysmos da imaginação.

Segunda qualidade de Columbano, é que comprehendeu e sentiu, melhor que os seus camaradas de Paris, a grande e difficil arte do Retrato. De uma pintura que se presta a pôr em relevo as aptidões technicas do artista, pode o Retrato transformar-se, e deve, numa obra superior de

psychologia e até de symbolo. No homem, principalmente no homem superior contemporaneo, que deante do meio cada vez mais *reparador* contem e domina a sua espontaneidade, encontro duas phisionomias: a cara, e a mascara, ou *cara social*. Um poeta que vae pela rua fora, de chapéu côco, com um sorriso qualquer, tendo deixado o genio em casa, não tem a mesma attitude, nem o mesmo olhar, nem a mesma eloquencia de feições que terá em frente da sua banca, no momento de conceber um poema ou de achar uma imagem nova e bella. Todos os excessos de expressão, por cujas frinchas se entrevê a alma de um homem, ao se encontrarem com a Multidão levam um veu pun-donoroso que os attenua. Uns olhos capazes de grandes sonhos não se arregalam nem sahem da sua paz para o seu dono comprar tabaco numa loja ou saudar um conselheiro que passa. Digo eu que com a civilisação e a democracia isto augmentou: decerto, visto que hoje philosophos e banqueiros vestem do mesmo alfaiate, e a bisbilhotice meiasabia dos mediocres obriga os grandes homens verdadeiros a occultarem-se das suas grossas vistas. Depois a despeza de talento e vida que hoje faz um homem no seu trabalho, obriga-o a andar na rua em ferias de cerebro. Quando eu encontro Oliveira Martins á porta da livraria Gomes, com o seu olhar doloroso e prescrutador, entre politicos magros e ruminantes, tenho sempre a

impressão de que esse admiravel idealista, tendo passado toda a manhã a scismar no seu gabinete, aneia por que lhe deixem a mente em repouso, e encontra até um certo allivio em ouvir grasnar de roda de si cabeças ôcas, que lhe embalem a sesta das ideias. Mas o pintor de retratos, ao querer realisar a figura d'este homem, não teria de visional-o em febre, gesticulando, o olhar a arder, como certamente será quando ergue do pó das chronicas as almas dos heroes, e em face d'ellas ajoelha e se enthusiasma?

Pois assim faz Columbano; e assim não faz Bonnat, para citar um nome. O celebre retratista francez pede aos seus modelos as attitudes calmas, serenas, incolores: Renan sae-lhe do pincel como lhe sahiria um director do *Crédit Lyonnais*. Cavalheiros que passem e se affirmem, dirão: *Sim senhor, muito parecido, só lhe falta falar*, como ao pé dos retratos do pintor portuguez que aqui celebrou, certamente darão á bocca faladora traços enfastiados. Convido, porem, os homens de fina sensibilidade e agudo espirito a virem ver o incomparavel retrato de Silva Pinto, que passa as barreiras de retrato e é uma verdadeira biographia. O amargo mas real talento d'este rude escriptor, a sua alma cheia de pisaduras, a sua vida onde nunca fez calma nem bom tempo, encontram neste quadro perfeita expressão e até emocionado commentario: parece que a ultima

pincelada levava lagrimas á mistura, e que a mão do artista tremeu de sympathia pelo modelo.

Arregalem os olhos, depois d'este, para o retrato (por acabar) de Antonio Pedro. Não conheci o original, mas oiço que era uma figurinha de janinguem, com basofias de dandy, e cara de mau piso toda em ossos: só a differença é que, uma vez no palco, dentro do caco lhe ardiam soes de genio, e até a sua ridicula fealdade se esquecia. Esta figura animada de chamma interior, é a que está, sublime, no esguio retrato que Columbano não levou ao fim, porque o actor, furioso de se ver tão feio e tão pouco janota, lhe não appareceu mais no *atelier*.

Não fique sem duas linhas de menção, o retrato de Anthero. A galeria de Columbano é grande, de bom grado se gastaria um dia a decorá-la, mas este retrato merece ser notado. De todos, é o menos parecido: mas é o mais symbolico e intenso. Eu nunca falei com o poeta dos *Sonetos*, vi-o uma vez e de fugida, e portanto o preconceito da semelhança nem tem por onde atacar-me, e basta que o retrato me exprima (como exprime) uma figura allucinada, *hagarde*, em frente dos subterraneos da Vida, na attitude de quem vae segredar á Morte:

Funerea Beatriz de mão gelada,  
Mas unica Beatriz consoladora!

\*

Ficam nessa meia duzia de linhas as minhas impressões muito ao de leve. Resta-me dizer agora que o Columbano de amanhã (assim o espero) será muito maior ainda que o de hoje é: pois os derradeiros cordeis que porventura o atem ao preconceito e á tradição, rompel-os-á sem medo a pouco e pouco, até que o seu balão subirá, subirá sempre no ar, até muito acima das nuvens. Provado que o creador das Tagides é um poeta da pintura, um idealista do retrato, o paiz que de ora avante lhe pertence percorrer é o da Alma, por modelos não despreze phantasmas e sonhos, e seja o seu sentimento expresso em altos symbolos.

Assim, eu estimaria ver Columbano interromper por alguns annos a sua galeria, onde já ha muitos falsos homens de genio, e emprehender agora uma collecção de retratos de mulheres portuguezas. A romantica dos livros de Camillo, a burgueza adultera e viciosa da actual Lisboa, as freirinhas de Coimbra, as tristes-feias de toda a parte — ahi estão modelos a trasbordar de interesse e de novidade. Que amoroso trabalho, o de pintar olhos scismadores, pelles morenas, boccas de beijos e cabellos negros ou castanhos! Mesmo surprehen-

der a formosura nova das creanças seria util: na mulher, creatura de instincto, já a theoria da *cara* e da *mascara* não se applica, sobretudo em epochas especiaes da vida. Todos os noivos deviam mandar retratar as suas noivas, quando o primeiro amor violento e impetuoso as endoidece e as faz alheiar do mundo. Uma galcria de raparigas assim, faria a chammejante aureola de qualquer grande pintor.

De par com isto, e já que Columbano é atrahido pelos casos da nossa historia e da nossa arte, o quadro das Tagides vivamente reclama companheiros, pois é de urgencia que as elegias e visões dos poetas patrios encontrem na pintura um grito parallelo. Toda a evolução do mysticismo hespanhol, e do luzitano, a figura de Soror Marianna e a de S. Fr. Gil e a de Nun'Alvares, chamam tanto a attenção e tanto a fecundam como o poema de Luiz de Camões. Ao talento de Columbano está patente um caminho immenso, cheio de maravilhas ineditas, nunca de antes navegado pelos seus cautelosos camaradas, e tendo no fim á espera a gloria solida, e a serena e sorridente immortalidade.

Coimbra, 1894.

---

## A LINGUA PORTUGUEZA

As ultimas gerações litterarias, educadas por Paris, tontas com o vinho espumante das metaphoras de Hugo, e amamentadas por esse estylo millionario e garboso do Romantismo, acharam a pobre lingua portugueza muito ruda e grosseira para os seus assumptos, e porisso a trataram com os maus modos impacientes de que ainda agora o vestigio e o mal estão visiveis.

Chamaram-na *lingua de almocreve*. Queria isto dizer que, deshabituada de setins e de brocados, tão ignorante da civilisação como algum velho pastor da Serra da Estrella, ella parecia mal entre as linguas litterarias da Europa, e que a sua syntaxe bronca, pouco malleavel, vestida de estamenha

aspera, dava pelo joelho ás opulentas syntaxes francezas, ajaezadas de neologismos rutilantes, sabendo cahir bem depois dos saltos mortaes de imagens novas, e passeando entre os jardins polidos das Ideias sem errar o caminho nem ultrapassar a murta dos canteiros. Os poetas de Coimbra, vestidos todos com o perpoem vermelho de Théo, appetecendo uma prosa tilintante como crystaes que se partem, usando cabelleira, monoculo, perfumes complicados, todos os requintes — como poderiam acceitar sem absurdo esta natural e ingenua linguagem do Occidente, sabendo a sol e a pão centeio, tendo uma expansão desesperadora e grosseira, incapaz de guardar as conveniencias, cheia de plebeismos picantes, ignorando a discrição, o espirito, o sorriso, e apenas abusando com um mau gosto deploravel da gargalhada aberta e rustica? Depois, lingua pobre, falha de palavras para a bagagem de ideias novas que cada mala-posta europeia nos trazia; lingua de pescadores, charabiá de marinheiros embrutecidos nas opulencias da India,\* e ficando desde então a dormir um somno pastoso de ebrio; symphonia de guerra espremida em musica de enterro pelos frades, que a tornaram precocemente velha e funebre, e á força de a querer emparelhar com a mãe latina, lhe tiraram o brilho, a espontaneidade, o denodo das linguas de pouca idade. Como se havia de traduzir, sem abandonar aos bichos esta

syntaxe rheumatica, a maneira desequilibrada e agil dos novos romancistas de França, dispostos a fazer palpitar a sua prosa como coisa viva e querendo communicar-lhe ainda as mais piquenas tremuras de temperamento? Com decisão leviana de rapazes, os brilhantes marechaes da nossa Arte, nem reflectiram que esta lingua tão perseguida de inimigos, já tinha as dedadas de Garrett a afeiçoal-a, e os empuxões de Camillo a dar-lhe graça e vigor; que no genio da prosa e do verso portuguez, não se haviam herdado impunemente os dizeres ingenuos de Fernão Lopes e as maravilhosas oitavas dos *Lusiadas*; que, por mais primitiva e mais barbara, possuidora de muitos termos de sentido vago e de onomatopeias riquissimas, esta lingua era a mais propria a que, d'ella, cinco ou seis rijos cavadores das Letras tirassem todo o oiro authenticico, em vez de pobremente a afflorem, maridando-a com syntaxes estranhas que a faziam coxear atraz da ideia, e indo-lhe assim a pouco e pouco delindo a solidez e o character.

Era essencial agital-a e abanal-a como se faz a um adormecido, e conduzindo-a com mãos leves pelos beccos da ideia mais escusos, ver se lhe tiravamos o ar dogmatico, professoral, que lhe ficou dos sermões dos inquisidores e dos arrebiques dos frades. A linguagem dos primeiros chronicistas é doce e meiga, incomparavel é o estylo de

Bernardim nas *Saudades*, por forma que chego a não comprehender como deixaram engrossar e manchar um tão fresco e transparente veio de agua. Tal horror nutro pelo tom doutoral e affirmativo de escrever, que a minha forma predilecta é a de epistola, onde o *tu* do tratamento adoça e enternece o assumpto, e a todo o instante, depois de se expor uma doutrina, naturalmente se condescende perguntando: *pois não é verdade, não te parece, o que achas?* E, em pronuncia lusitana, a perfeição julgal-a-ia attingida, ouvindo falar uma rapariga de Coimbra, intelligente e educada, que tivesse vivido alguns annos entre pessoas cultas no Brazil. Não ha duvida que ás vezes a euphonia da nossa lingua faz gume, anda esquinada, corta o ouvido: ora succede que o brasileiro, embalado nas redes, adormecido debaixo das palmeiras, preguiçoso de berrar e de discutir, communica essa sympathica e desprendida indolencia á sua fala, e dá a certas phrases mais teimosas um sotaque benevolo e mellosa. Alguns trechos da sua prosa, que tenho lido, põem até em circulação palavras meigas taes como *menino*, *sinhásinha*, e outras d'esta arte, conseguindo baloiçar o estylo numa toada que não recorda, ao menos, esse enjoativo rythmo que ha tantos annos assopra das bandas dos Francezes.

\*

A lingua portugueza é, sem duvida alguma, uma lingua particularmente harmoniosa e musical. Os seus rythmos são doces, as palavras que a tecem, em geral desprovidas de accentos, são tristes como cores de tons pallidos, e expressam-se sempre em voz baixa. Isto dá nevoeiro de ideal á prosa, e presta serviços inestimaveis ao artista melancolico, que é por via de regra o poeta portuguez.

É a pobreza de accentos que dá caracter e riqueza á nossa lingua. Os temperamentos outomnaes falam depressa e falam baixo: a fala dos poetas lyricos é sobretudo em tom menor, poisque as mais das vezes se queixam e choram. O hespanhol, ao contrario, pronuncia rijo e accentuado; o francez de tal modo accentua e faz valer cada syllaba, que só é toleravel ouvil-o quando peneirado e attenuado atravez da voz feminina. Por homens não posso ouvir falar francez, magoa-me; o seu *accent*, á força de variado, é impertinente. Assim é que nunca se sae satisfeito da Comédie-Française, depois de ouvir declamar emphaticamente as tragedias de Racine ou os versos de Victor Hugo.

O portuguez não — ainda bem que não. O portuguez come as palavras, dizem as pessoas de bom-senso; não se entende senão com difficuldade, notam os estrangeiros. Em vez de separar cada palavra ou cada phrase com differenças de accento e de tom, mistura-as numa gaze geral, e vae transitando de umas para outras por gradações imperceptiveis. Certamente, para servir em relatorios de sabios ou em compendios de aula, a linguagem nitida seria mais prestavel; mas, a Arte é irmã gemea do mysterio, e quanto mais velada se mostrar, mais interessante é. Uma lingua assim, de accentos nublados, com palavras que dão a entender muito mais do que dizem, pode não ser uma lingua de criticos e de eruditos, mas é a lingua suggestiva e modelar dos poetas e dos artistas.

Vejam agora o portuguez falado. Que encanto! Tirando toda a zona do Minho, onde o que se pronuncia é mais gallego que nosso, ouvir a lingua de Camões é tão saboroso como ouvir assobiar melros, ou chuparem beijos, elle a ella, os namorados. De Ovar para baixo, a estupidez minhota começa a voar em revoadas de poesia, e a pronuncia assume rythmos de ballada. Fala-secantado; o genio popular inconsciente inventa os compassos, e faz musica com as menores phrases. Ó casamento virginal dos mais claros luares de agosto, com as primeiras desgarradas das cacho-

pas! O' tricanas improvisadas freiras dentro das capas dos estudantes, quem melhor soluça ao vento, o Mondego, ou as vossas vozes? Em Coimbra havia uma rapariguinha que eu nunca deixava de ver ao sahir de casa, só para lhe pedir que uma vez mais repetisse o que pela manhã, em syllabas languidas, dizia á mulher do pão: *Ó pa-dei-ra!*

Vae-se assim fazendo a ladainha, de norte a sul, até ás amendoeiras do Algarve! No mesmo sêlvagem Traz-os-Montes, se a lingua dos cavadores tem resaibos da terra dura que só dá vinho, a das mulheres suggere infinitos que se não podem explicar, se não se ouvirem. Mas a propria musica, que é apenas lá um complemento da palavra insatisfeita, como o seu acompanhamento e o seu echo ao pé do ceu, serve para explicar aos que não o sabem de experiencia, quanto é incontestavel haver sido o herdeiro das musas gregas da Poesia Lyrica, este Portugal de dois palmos tão desenhado nas chancellarias da Terra!

Que prosa têm os homens de letras a fabricar com esta linguagem privilegiada? A prosa simples e solida, insinuando mais do que explicando, escorrendo emoção, doçura e enthusiasmo, prosa de apóstolos e não de mestres — unica que nunca soará falso, mesmo nos dias difficeis do valle de Josaphat! Se se pede a um poeta francez que nos dê uma ideia da immortalidade da alma, elle terá de demonstrar, de argumentar, a sua ode

porá o barrete didactico de um explicador da Sorbonne. Peçam o mesmo a um trovador patricio de Bernardim Ribeiro: com duas palavras rimadas tel-o-emos desembaraçado do encargo, e atravez da nevoa dos seus versos romperá a visão de Deus.

O portuguez não comporta a prosa ornada de vidrilhos, com oiropéis exteriores occultando a pobreza intima. Quer vel-a simples, o que não quer dizer superficial. Em bases resistentes, regida por construcções grammaticaes rijas e profundas, o trabalho todo vae em fazel-a voar e il-a tornando leve e aerea ao mesmo tempo que d'ella se apossa a phantasia.

Renan, em França, sonhou esta prosa e realizou-a quanto a ingratição da sua lingua lh'o tolerava. Entretanto, leiam-no muito tempo, e verão como ao sonhador se vae coalhando o sonho, e como as palavras, causticos singulares, queimam a poesia das ideias! É por isso que os artistas das mais recentes escolas, receosos da pobreza do francez, se habituaram a engastar nos seus livros as pedras preciosas e faiscentes do Adjectivo. Taes as mulheres pallidas, que pintam de vermelho as maçãs do rosto.

Por effeito da desorientação mental do nosso paiz, e da sua paralyia de vontade, succede que, no momento actual, só sabem portuguez a préceito os mediocres e os eruditos, isto é, os que incapa-

zes de usar d'elle, suppõem que em copiar a linguagem gongorica dos jesuitas está a revivescencia da nossa prosa. Por outro lado, os homens de talento, transigentes com o cosmopolitismo invasor, falam quasi francez traduzido, e, seccados pela civilisação, o seu estylo é mirrado e não tem vida. Fialho de Almeida é ainda o unico que faz correr fremitos nos seus livros, mas esse mesmo, ás vezes pouco possuido do papel que se distribuiu, deixa ver-lhe demasiado os bastidores. Pintalgado de archaismos e francezismos, a cada passo a dar solavancos de rebeldia, é por vezes incommodo de ler e não tem serenidade. Na frescura espontanea de Oliveira Martins ha muito encanto, e certas proclamações de Anthero ainda lembram a fala dos nossos avós. Mas a belleza, a harmonia, a graça da lingua portugueza ficaram sobretudo dentro de algumas paginas de Garrett, e é ali que ha de ir buscar a semente quem quizer neste terreno pisado e abandonado da litteratura nacional, fazer crescer arvores que se vejam.

Porto, 1893.



## NO PAIZ DA ALMA

Manuel e Maria iam no segundo mez do seu noivado. Nem era preciso mais do que vel-os para isso se adivinhar com segurança. Os olhos de ambos tinham um brilho alheado e vago, como os dos cegos: e á força de se penetrarem, já quasi se não viam. As suas boccas esvasiavam-se de beijos, para de novo se encherem a trasbordar; as suas mãos, as d'elle entrelaçadas nas d'ella noite e dia, eram tão geladas de emoção que dir-se-ia já estarem assim casadas para o noivado final da sepultura. Que se passara pela terra e pelo ceu, na babylonia do Sol ou nas terreolas dos Astros, durante esses dois fugidios minutos que uma falsa noção do tempo fazia chamar dois mezes, á outra gente?

Manuel, o poeta, não sabia; Maria, o anjo, não queria saber. Tinham acabado de jantar e subiram, como de costume, para o senhorial terrasso, de onde todos os panoramas eram longínquos, vagos: de uma banda o Mar, adivinhado num pouco de nevoeiro e numa quebra do horisonte: de outra banda, planicies húmidas e pallidas, e sarrabiscos distantes no ceu roxo que podiam ser choupos, ou ser phantasmas, ou nada. Como era bom estar assim! O seu amor fôra-os elevando, como dentro de uma nuvem, a um estado de alma que já não era bem de humanas creaturas; instinctivamente, ao falarem do Mundo diziam *lá baixo*; e, não vendo ha longo tempo outros seres alem da creada meiga e avósinha que os servia, foram-se esquecendo da vida, despegando dos homens, até ao ponto que podia Deus leval-os num sopro para si, sem que nem um nem outro sentissem o solavanco da jornada.

Manuel era um moço singular, dono de uma sensibilidade tão perspicaz e precoce que, para bem dizer, já no leite que mamou ao nascer podera distinguir o travo da existencia. A meninice não lhe soubera a incedito; nem a juventude a apaixonado. Tudo a sua cabeça tinha previsto, e tudo fôra sonhado com mais alma dentro do seu perfeito universo, que primeiro construiu como um bébé faz um monticulo de areia numa praia, e depois lentamente continuara, aperfeiçoara,

dando-lhe alicerces de philosophia, erguendo-lhe ameias de experiencia e logica, por maneira que de um brinco pueril e frouxo, os seus 20 annos haviam já feito brotar qualquer coisa ameaçadora e macissa como uma fortaleza á beira do mar e ao alto de uma rocha, dando hospedaria ás estrelas cadentes, e metralhando de fogo vivo as naus que vão, com as velas inchadas, açoitar a raiva das marés.

O seu sonhar não era devaneio vago, á moda dos trovadores de ha um seculo, nem os seus ataques á vida se deliam em fumaradas como as que azulavam o ar neste momento, emquanto pendurado no balcão de pedra, tendo enlaçada a cinta da sua noiva, fumava com loucura a cigarette da Felicidade. Era um poeta neste mundo, mas seria decerto o burguez de um mundo superior. Nas entrelinhas dos seus versos podiam ler-se requerimentos, embora a Deus, e um immenso *E. R. M.<sup>es</sup>* epilogava as suas sedes de infinito. Ao chegar á terra os seus primeiros vagidos foram de engeitado que grita: *não é aqui, foi engano*, mas que ensina tambem: *levem-me mais adeante, que eu vou mostrar-lhes o caminho.*

Quiz ser feliz: quil-o com precisão, com nitidez, sem causar embaraços a quem, lá na chimerica Infinitopolis, reparte as graças e as venturas: porisso foi feliz, estava-o sendo ha dois mezes com volupia inexplicavel por esta ou por

outras ferreas palavras, visto já ser aereo e alem de humano o que sentia. Para lhe guiar os passos e lhe abrir os sacrarios do Amor, topou com essa divina mulher que estava ao seu lado, flor sublime do instincto, espontanea como uma giesta, natural como um beijo ou como uma espuma, tão ás avessas do seu modo sabido e amargo, de olhos tão lindos e tão cegos, que, sem mais questão, ali estava uma hypnotisada do Senhor vinda até elle para o conduzir á Jerusalem dos seus appetites. Era a supplica deferida, a mercê esperada e dada pelas mãos rotas de Deus. Vendou os olhos, com cadeados de segredo cerrou os ouvidos, e partiu sem terror nem sobresaltos. Tinha chegado, e do pó da jornada ainda mal limpo, já os seus olhos famintos cresciam como telescopios á procura de novos ceus e longinquos paraizos onde certa memoria, de sentinella a dentro do seu ser, lhe dizia vagamente ter já morado em esquecidos outr'oras.

\*

Maria não sabe scismar, e está tão em branco a sua branca alma como o vestido que lhe desenha as formas de esculptura. O seu seio, florido de anemonas, arfa no mesmo compasso que as aguas

do mar pelo silencio afóra. Os seus olhos sinceros abrem, de par em par, amplas janellas; mas é para que sorvam todo o luar da Lua cheia, e não para fazerem xadrezes doidos com os algarismos celestes. Como é bom estar assim! O seu noivo é perfeito, é admiravel, sem par; a sua presença agasalha e aninha, o som da sua voz tem gemidos que fazem estremecer, a luz dos seus olhos aquece, perturba, embriaga. Como é bom, como é bom! Appetece-lhe morrer, para não ter que voltar á terra de onde esses dois braços amorosos de homem a roubaram para a bemaventurança. As lagrimas veem-lhe descendo dos olhos como penitentes, e não pode sustar o desejo de murmurar tres vezes contra o vento, com a sua voz de cordas de oiro: *Manuel! Manuel! Manuel!* E o vento come as palavras, e o echo tral-as em farrapos doces, que ella colla com beijos aos labios do seu namorado.

— Maria, onde estamos, em que paiz, a que distancia do mundo? Sinto os teus beijos mais leves, parece que o ar os ajuda. . .

— O' Manuel, eu sei que tu estás ao pé de mim, e que porisso deve haver ordem e paz entre os homens.

Deus fez as almas aos pares,  
Cada um dos seus olhares  
É um casal que voou. . .

— Cada um dos seus olhares, é um casal que voou!

— Manuel, olha para o ceu, como as estrellas estão perto! E porque será que tantas se mudam, e vês, que uma por um pouco me cahia agora na mão?

— Ó Maria, meu Amor perfeito, até os astros infelizes, os planetas tristes, teem inveja da nossa paz e a veem perseguindo com ancia. Deixa ficar o ceu, que já para mim não presta, e ouve aquelles versos que eu te fiz um dia, na primeira vez que ás minhas trovas supplicantes abriste a tua ogiva encaixilhada em flores. Lembras-te ainda?

— Se me lembro!

Não se imagina como, assoprado por taes canticos de amor, o luar inchava e crescia no ceu, arrebanhando a terra na sua capa. Era um luar anormal, absurdo, como a cheia de um rio que fosse capaz de engulir um mundo. Os sons dispersos da enorme planicie punham-se em fila harmonica no ouvido, e não sei que mão de espirito errante os tornava em musica admiravel. E, sem querer, foi Manuel desenrolando a sua ode em face da tranquillidade cumplice da paizagem, governado pelo vento que, em cada assobio cheio de evocações, lhe ia marcando com eurythmia as pausas:

Estava eu em frente á Multidão,  
Vendo-a passar, roido de azedume:

Formosuras banaes, sem expressão,  
Olhos vazios, almas sem perfume;  
Não apressava o amor um coração,  
De nenhum quente olhar fugia lume:  
Era a eterna Humanidade egoista  
Que eu ia desprezando com a vista!

No meio d'este desolado outomno  
De affeições, de carinhos, de ternura,  
A Natureza, em seu florido throno,  
Vestia-se de branco e de verdura:  
Das arvores cahia um brando somno,  
Voluptuosa e placida frescura;  
Dobravam-se de fructos os pomares,  
Rebentavam as flores aos milhares.

E perguntava-me eu porque não era  
Em abril a ecclosão das Almas santas;  
Porque não tinha a alma primavera,  
Inverno e outomno, como teem as plantas,  
Abraços de anjos, como abraços de hera,  
Favos de mel rompendo das gargantas...

Manuel parou, ergueu os olhos para absorver  
num trago os de Maria, e continuou vibrando no  
ar que nem bulia de extase:

*Foi então que surgiste, ó Flor de Maio,  
E estremeci, como ao clarão de um raio!*

Foi então que passaste em minha frente,  
Afilhada do ceu hospitaleiro;  
Mundo novo, astro de oiro, sol nascente  
A romper o cerrado nevoeiro;

E no meio da turba indifferente,  
Prostrei-me em oração como um romeiro,  
Ajoelhei, gritei: Salvè Rainha!  
Vida, doçura, unica esperança minha!

Ias passando com teu meigo olhar  
Que não sei como foi, cruzou commigo:  
Eu vinha a soluçar, a meditar,  
Pedindo esmola a Deus como um mendigo,  
Tendo a longinqua aspiração de um Lar,  
Do meu só coração unico abrigo;  
E depois que me olhaste e que te vi,  
Eu jurei: Minha Noiva, vae ali!

O meu Sonho é aquelle com certeza,  
Aquella, certo, a minha Lua nova:  
Sinto-o porque voou minha tristeza,  
E a Esperança acordou na sua cova;  
Porque nada mudou na Natureza,  
E vejo em mim que tudo se renova;  
Porque bate outra vez meu coração,  
Corcovado do pezo da Illusão!

Não ha nada, anjo meu, que assim nos mude  
Tão depressa torturas em esperanças;  
Que, em milagrosa e rapida saude,  
Faça de nós ou doidos ou creanças;  
Nada senão o Amor barbaro e rude,  
Nada senão o Amor com suas lanças;  
Depois que o sinto, é outra a minha sorte,  
Já não tremo da Vida nem da Morte!

Que encantadora vida numa quinta  
Em Traz-os-Montes, berço de meus Paes,  
Com uma Noiva ingenua, que não minta,

Simples como agua dos mananciaes,  
Alma que entenda, coração que sinta,  
Qual morgadinha dos Cannaviaes...  
Que agasalhada e tepida existencia,  
Juntando ao nosso amor, sua innocencia!

Tu sabes, esta vida são dois dias,  
Não importa o caminho por que fores:  
Duram breve minuto as alegrias,  
Duram horas e seculos as dores...  
Vamos seguindo as nossas phantasias,  
Creando filhos, semeando amores,  
Para ainda nos ultimos extremos,  
Darmos graças a Deus porque vivemos!

Foi-se assim baloiçando a ode como uma nau  
sobre as ondas: e ao seu embalo, como ao de um  
berço, Maria adormeceu no collo do poeta. E da  
bocca de Manuel, como dos labios de pedra de  
uma nascente, novos versos voavam, de cada vez  
mais suave e mais baixinho, enchendo de claridade  
a noite:

Para que ella se renda á minha fala,  
Quero falar-lhe uma linguagem chã,  
Ameigar minha voz por não magoal-a,  
Poís a sua é um beijo da manhã...  
Feliz da ode, se o seu somno embala!  
Abençoada a Lua sua irmã!  
Minha voz, minha voz, quero que sejas  
Doce, como as ladainhas das egrejas!

Chama-lhe coisas que ninguem chamasse,  
De tão simples, tão candidas, tão novas:

Que os teus beijos, de roda á sua face,  
Reanimem os cadaveres nas covas;  
Que seja Deus, por sua mão, quem trace  
O roteiro de luz das tuas trovas,  
Para que os astros oiçam o teu hymno,  
E vás da terra ao ceu, Amor divino!

Ia a noite alta, já o luar partira, e a Manuel affigurava-se que todos os sinos da cidade repicavam á uma por amor d'ella. Só cahiu em si do spasmo quando entrou no terrasso, alvoroçada, a creada avósinha e meiga, e parando ao pé d'elles, assim disse:

— Meus amoresinhos! Onde teem a cabeça que se foram deixar adormecer aqui ao sereno da noite!

Porto, 1894.

---

## A LUA DE MEL

Maria, ao acordar, encontrou o quarto cheio de flores, coberto de flores como um altar de novena, ou como um chapéu em mão de menina, ao vir dos humidos prados. Ficou suspensa, apertou as mãos contra o peito como para rezar, e de novo se enrodilhou no leito, cerrou os olhos, incapaz de supportar tranquilla a picadura de embriaguez que lhe produzia, a bem dizer dentro da alma, o perfume tepido das madresilvas. Ia a fazer biquinho com a bocca para despertar Manuel num chuchurriado beijo: voltou-se, estendeu os braços, viu que estava sósinha. Decerto o seu noivo madrugara, e tão subtil se escapou do leito que o somno d'ella, e bem nervoso que fôra, o não sentiu. Começou então a gritar:

— Ó Manuel, onde estás tu? Vem cá, meu amor, vem ver como o meu quarto está bonito. . .

Foi o sol que rompeu pelo quarto, em vez do noivo. Acudira aos seus gritos, arrastando falbalás de oiro, como ao toque do clarim marcha para a guerra um esquadrão; e as paredes da alcova quasi se inclinavam para beberem soffregas a luz abençoada, sem nodoas, sem remorsos, que um Deus estroina atirava a mancheias para a Terra, nesse dia. Tudo ficou doirado; as grinaldas de jacinthos, de madresilvas, de lilazes, que haviam sido a primeira surpresa de Maria, pareciam crescer para ella e atirar-lhe beijos com as pontas das suas petalas; e como quer que um novo perfume victorioso lhe invadissem o olfacto e a obrigasse a piscar outra vez os olhos para não desmaiar de prazer, sentou-se na cama, arredou os cabellos soltos, e eil-a a pasmar para um grande cabaz de morangos, com a aza enfeitada de trepadeiras, que assim aninhado aos seus pés, e sorrindo todo cor de rosa, mais parecia um bebé acabado de se appear na gare da Vida. Arrebatou a cesta para o regaço, começou a morder nos tenros fructos, e logo na aza encontrou um papelinho enrolado, como em rebuçados de romaria. Abriu-o, leu:

Moreninha, moreninha,  
Morangal dos meus desejos!  
É tua bocca a cestinha,  
Os morangos são teus beijos. . .

\*

Maria fazia annos, os seus primeiros annos depois do noivado. Poz-se a meditar no que aprendera, no que mudara, depois que trocou a sua alcova de virgem, cheia de anceios e de tristezas inexplicadas, por esta cabaninha do Lar tão aconchegada, filha do Amor ella tambem nas suas quatro paredes, e tão impregnada das mãos ternas, dos olhos carinhosos de Manuel, que hoje, por exemplo, seu dia de annos, não eram só as flores mas tambem os quadros, e as bugigangas do tocador todas com historia, e as proprias cadeiras das longas palestras nocturnas, que lhe acenavam com votos de ventura e lhe atiravam ao peito madrigaes. Acabara para sempre essa vida inquieta e afflicta de solteira, em que os mais fugitivos episodios da vida exterior lhe faziam quasi doer a alma, e a revolviam em insomnias toda a noite. Ninguem a quem se confessar, a quem pedir conselho, pois ao primeiro ensaio, a afogava um pudor que lhe prendia a lingua, e com a sua innocencia de alma pura não conseguira nunca juntar duas amigas. Dias inteiros de uma ternura infinita, vontades de beijar, de abraçar, de dar a alguma creatura luar com os seus olhos, e de ouvir em

troca, só para ella, só para ella, as doçuras perturbantes dos namorados. Ancias de se dedicar, de soffrer por alguém com brio, com enthusiasmo, de descansar a sua vontade, a sua vida, na de outrem. Muito cedo começara a escapar-se do collo da Mãe: sentia-se abafar, descer até dos horisontes que já attingira a sua alma, e uma força inedita e dominadora a chamava para fora do ninho de seus Paes, onde se via sempre a mesma bébé, mais crescida, mais senhora, mas sem ter das mulheres as obrigações divinas, e doces, que previa.

E agora?

Agora todos os minutos lhe traziam surpresas, um beijo inesperado, uma carícia, uma prenda, abadas de flores e de morangos como n'aquelle instante. Já lhe não apetecia tanto falar, pois num longo encontro de olhos dizia tudo com nova eloquencia, com nova linguagem. Esse fardo que todas sentem no Lar, a bagagem de paciencia com que se armam, a ante-visão do martyrio e do soffrimento que as obsidia, não comprehendera ainda que existissem. Manuel adorava-a mais, sempre mais do que ella suppunha; venerava-a como se a tivesse num altar, e em tal circulo de homenagens, de ternuras, de mimos a envolvia, que depois de casada, não pozera, por assim dizer, mais pé em terra. De todos os conflictos da vida exterior, de todas as amarguras da rua inimiga, o seu noivo

cahia-lhe nos braços como um naufrago num barco que vem para salvá-lo: e nos seus beijos soffregos, insaciados, procurava mais do que prazer, do que extase supremo, porque procurava, parece, a propria vida. Dir-se-ia que, ao sahir da paz do Lar para a guerra vil dos egoismos e das maldades, no seu olhar a arder chupava um mel que o tornava invulneravel. E então nunca um tedio, nunca um mau-humor, alma melindrosa que era! e sempre num sobresalto de alma e de sentidos, não lhe perdendo um movimento, nem se distra-hindo d'ella mesmo ás horas absorventes do trabalho! E ainda as suas longas conversas, affectuosas lições de alma que ella aprendia, ignorante e docil; pelas noites de inverno adeante, um ao lado do outro numa conversadeira, Manuel esquecia-se a falar, ella a ouvir; era quando o talento lhe obedecia mais facil, e a voz ganhava inflexões insinuantes, por forma que em cada um d'esses monologos ella escutava coisas bellas, coisas definitivas, coisas santas que nunca tinha ouvido dizer a ninguem, e que chegava a cuidar inventadas, ou provocadas pelo seu amor.

Maria, que ha quatro mezes não sabia scismar, já está doutora; a sua alma branca, que não sabia ler, já lê por cima e com desembaraço. Mas os livros que Manuel scismou para ella, o abecedario que lhe fez decorar, são todos puros: de aqui a pouco terá esquecido os ultimos pensamentos

..

que ainda lhe restam, já delidos, da sua existencia de rapariga, e não haverá uma gota do seu sangue, um esconderijo da sua alma, onde se não encontrem misturados, gotas de sangue e pedaços da alma de Manuel. Elle a refez por dentro, elle a protegeu por fora: que resta da antiga Maria, direis vós? Tudo, pois que a sua formosura ainda é mais expressiva, o seu instincto mais em relevo, a inconsciencia da sua bondade mais perfeita. Deus deu ao homem a mulher, cheia de fraquezas, com o coração principiante, a intelligencia velada, e disse-lhe: cria-a, faze d'este alvo marmore uma estatua, d'estes nevoeiros confusos uma alma inteira. Dou-t'a, é tua, muito mais tua que minha, se souberes continuar a minha obra, dar-lhe termo: e assigna-a tu se queres, risca o meu nome, essa piquena vaidade de homem eu t'a perdoo.

Manuel era uma alma intelligente, o seu talento ultrapassava os miolos: fez a vontade a Deus.

\*

Quando Manuel entrou no quarto, com as mãos cheias de novas prendas, já encontrou Maria vestida de branco entre os muros cor de rosa murcha, como uma torre de marfim num ceu de sol poente. Ella ergueu-se do piano, veiu esperal-o

á porta, as suas boccas encontraram-se mudas. Foi assim um minuto, que a eternidade—oh! a implacavel — lhes fará no dia de Juizo pagar por horas. Mas logo Manuel a fez de novo sentar no tamborete, e quiz ouvil-a cantar o que, ao entrar em casa, lhe chegara esfarrapado aos ouvidos.

Maria condescendeu, as suas mãos constelladas de anneis marquisios fizeram gemer o piano. Era uma ballada simples, popular, restos de cantigas ouvidas nos campos e modificadas ao sabor dos seus dedos sabios. Começava num embalo, numa preguiça, e a sua voz incomparavel collou-se á musica sem demora:

Moreninha, moreninha,  
Morangal dos meus desejos!

Deixem-me celebrar esta voz, pois tão raras são as mulheres que a teem bonita! Maria a falar, a cantar, era o mesmo encanto, a mesma imperturbavel melodia. Ia-se atraz das suas ascensões para as notas agudas, como se vae atraz de uma creança que teima em subir a uma altura de vertigens: e quando ella chegava, e todos diriam que vinha despenhar-se no abysmo de um falsete, pelo contrario o nosso bater assustado de coração se tornava em delirio, pois a voz vinha descendo sem sobresaltos, pura e arredada do chão, trazia azas, ella que subira ainda preza á terra; tão nova,

tão velada de sonho, que dava no ouvido logar a duas camadas de musica: uma a terrena, mais precisa, a que os sons do piano serviam de anteparo, e a outra então já esvahida, já vaga, e era a tal que corria os quatro cantos da nossa emoção, como quando entrecerrando os olhos, á roda dos objectos nos parece ver formarem-se halos ennevoados.

Era um prazer sem nome ouvir essa voz transfigurar as mais triviaes palavras da vida quotidiana, e a arredar um pobre depois da esmola dada, que murmurios de santa, e a dar ordens a uma creada, que doçuras de modo e d'expressão: imaginem como ella seria lisongeira, e que gritos sem uma nota a mais a atravessavam, quando o amor a empurrava e os olhos de Manuel a tinham preza!

Já a melodia vae mudando no obediente teclado. Todas as musicas que ella toca recordam a Manuel momentos de extase, fazem parte do romance do seu amor. Mandou á memoria que esquecesse a sua vida, antes de ter conhecido a namorada: livros que fez, tarefas em que andou mettido? Mas nem acredita já: isso foi outro certamente. Como podia ser a vida, sem saber que *ella* estava no mundo, á sua espera? Impossivel! impossivel! Nasceu quando começou a amal-a, e se ha passado para traz d'esse dia, não pode lembrar-se. Agora a terra é Maria, o ceu é Maria, são Maria

os astros; e depressa apura o ouvido, que ella recommença a soluçar cantigas:

Vem onde a mim que estou longe,  
Que estou tão longe e sósinho...  
Ai se pudesse fazer-se  
Uma prega no caminho!

Um novo beijo pagou a linda quadra. Manuel já a fazia collaborar na sua obra de poeta; pois quando lhe ouvia uma palavra mais espontanea e mais nova, logo a intercalava nuns versos, toda acanhada, a pobre, de se ver assim estimada entre irmãs rimadas com opulencia. Uma vez que estivera fora de casa dois dias, Maria dissera-lhe numa carta: «Ó Manuel, quando dois namorados estão distantes, porque não ha de Deus fazer uma prega no caminho, a ver se ficam mais perto um do outro?» Vae Manuel, saboreia a imagem, acha-a original, graciosa, e foi um prompto emquanto lhe fez caixilho numa quadra.

Ao passo que assim converso, vae o piano gemendo novas musicas, e a voz de Maria encetando novos versos. Manuel, ao seu lado, fala baixinho, conta-lhe a sua felicidade, como acordou tão cedo e quiz sahir sem a acordar, como encontrou cheirosa a manhã, alegres os campos, a natureza toda em risos para ella. Deu esmola a todos os mendigos que topou na rua, e no rastro

da sua caridade quantas vozes de miseria e desamparo lhe balbuciaram saude, paz do Senhor, um escolhido logar no paraizo! E Maria canta, canta, com os olhos fixos nos d'elle e razos de agua:

Cada estrella miudinha  
É como peixe no mar:  
Vamos pescal-as á linha,  
Ou na rede do Luar...

— Ó Manuel, pois quem sou eu para assim me tratares? Que mulher excepcional, que anjo sem nodoas? Pois não te devo eu muito mais? Tenho medo até, que ás vezes, do teu sonho tão alto um dia caias e, oh meu Deus! que venhas a arrepender-te da má hora em que me quizeste!

Manuel não respondeu, levantou-a do piano num abraço, porque já da meza do almoço, coberta de flores, vinha um aroma fumegante.

\*

Este dia passou veloz, num sopro. Entre o almoço e o jantar brincaram no jardim, desarrumaram as gavetas cheias de antigas prendas, de flores murchas, cartas saudosas escriptas na maior

inquietação do seu amor. Que prazer singular, o de afogar as mãos nos papéis velhos: acredito que um desgraçado, assim ao inventariar fêlidades idas, tivesse um desespero e se matasse! Mas elles, que são bemaventurados, não cessam de avaliar a sua ventura, se foi maior a de hontem, se é mais perfeita a de hoje. Não a poderem medir! Mas o seu tamanho é immenso, sobe pelos ares, passa das nuvens... E entra Manuel a folhear nos retratos d'ella, põe o de solteira ao pé do de casada, e quer saber as differenças que os dois fazem. Depois que é senhora, está mais fina, mais attenuada, o olhar adquiriu maior profundidade, a bocca tem uns cantos reflectidos. E que linda, que linda em todos! Mesmo neste outro de creança, tão tamanino e esbelto, com um geito de amuada e perricenta: Manuel agita-o no ar, era o seu predilecto de outr'ora, talvez por ser tirado num tempo em que ainda o tal absurdo persistia: Manuel, Maria, não sabiam um do outro, não se conheciam, ignoravam-se.

Ao jantar tiveram hospedes, foi a hora de vender alegria aos que a não tinham. Soltos um do outro por momentos, o balanço adquirido fazia-os rir, conversar, um pouco crueis na sua incompreensão da desgraça alheia. Mas quando a noite chegou, começaram de novo a arder por estar juntos: foram sahindo as visitas, e logo, logo que Manuel aferrolhou com ferrolhos ciumentos

a porta do seu Lar, deitaram-se, apagaram as luzes, e ficaram, num abraço profundo, a conversar. . .

— Minha filha, ouve: queres saber o que tens para que assim te adore, e faça evangelhos com os teus olhos e orações com os teus caprichos. É que em mim, por cima do infinito amor que te consagro, ha uma gratidão que nem tu concebes, gratidão a Deus em ti representado, por haver no mundo uma creatura que se importe commigo, se interesse pelo que eu penso e me acompanhe no que eu sinto. Nunca pude habituar-me a esta ideia: nunca, humilde nas minhas miserias, me suppuz com direito ao amor de alguém, nunca acreditei que alguém reparasse na minha alma.

Era uma vez um poeta, ó Maria! um grande poeta mesmo, de uma bondade superior á social, de uma candura que fazia rir os outros homens, de uma pureza de sensibilidade que as mulheres achavam lorpa, os homens doida. No mundo que o seu cerebro habitava, tão bello, tão superior elle era, faltava uma companheira, a solidão arripiava-o. Tinha pelás mulheres um respeito enorme, tratava-as como seres extrahumanos, no maior recato envolvia os seus galanteios e homenagens. Precisava de amar uma alma innocente e pura, uma creatura singela. Já S. Francisco de Assis abominava, e com motivo, a intelligencia.

Pois bem: este homem era Beethoven, sabes? o maior musico da Humanidade, o auctor d'essas

sonatas assombrosas, onde todos os echos universaes estão reunidos, as tristezas do homem e as das coisas. Foi-se pela vida adiante esse genio immenso, á procura de alguém que quizesse amei-gal-o, acarinhá-lo, fazer d'elle uma pobre pessoa egual ás outras, que adora os mimos e os conche-gos da sua mulher. Foi pela vida adiante, e não encontrou nunca quem o quizesse. As mulheres tinham medo do seu coração grande demais para ellas. Invejava os homens triviaes que o rodeavam, casados com raparigas lindas, boas, dedicadas: nenhuma o comprehendia, a nenhuma vinha o appetite de o escolher a elle. Nem as que melhor o sentiam atravez da musica que compunha, nem as mais intelligentes, que essas divertiam-se a illudil-o, a enredal-o em sonhos e em paixões, para depois poderem ser superiores á ingenuidade de um tão grande homem!

Tamanha fatalidade, está claro, não o fez noivo, mas fel-o ao menos santo. O seu soffrimento re-sumiu-se num sorriso, em musica se escoou o seu martyrio. Sobre o vazio da sua existencia sentiu que vergava os hombros com resignação, e achou-se até com forças de pedir contas a Deus, quem sabe?

Minha Maria, minha vida, meu querido bem: o amor, que bate á porta de todos os remediados de alma e de intelligencia, que vae de braços abertos para tantos que lhe não percebem a gran-

deza, foge de aquelles que mais o desejam, que o perseguem com obsessão, que por via d'elle querem salvar e dar motivo á existencia. D'estes desencontros está cheia a terra, e eu cuidei-me sempre destinado a sabel-o e a experimental-o. Numa manhã inesperada tu rompestes no ceu, e ainda hoje me pergunto: será verdade? será verdade?

Maria, tendo-o ouvido mal, absorvida que estava em contemplal-o, fechou-lhe a bocca rude e amarga num beijo de mel. Para quê roer-se, analysar-se? A vida era d'elles, o futuro era d'elles...

— Manuel, levanta-te, junta as mãos, reza commigo a Deus que nos proteja...

E elle proprio com fé de creança, sem mais scismar, entregue todo a ella, sentiu uma onda de innocente ventura afogar-lhe o coração: e Manuel e Maria, no silencio da sua alcova nupcial, esquecidos da vida e dos seus males, balbuciarão juntos o Padre-Nosso.

Porto, 1894.

---

## FIM

*Companheiros e amigos:* Perdoae-me se vos trago apenas, ao fim de tres annos de silencio, este pobre livro feito de remendos, tão fragmentario como arte, tão monotono como inspiração e sentimento. Em má hora veiu a Portugal a rapaziada triste em que enfileiro: não encontramos para a nossa coragem excitantes nem estimulos, e demais já vinhamos corcundas no cerebro, derreados de vontade e de nervos. Vou no principio da minha existencia, e já o seu fim me não sahe da ideia: frescuras e loucuras de alegria não nas pude ter, por mais esforços que fiz e por muito que m'as reclamassem corpo e alma. Liquidei, sem olhar para traz, a minha mocidade, ao dobrar de sinos dos vinte annos. De ahí tiro o sentido para sempre.

Estes tres annos de bico calado para as Lettras passaram-se a scismar no modo de conseguir ainda ser rapaz, ou

ao menos, aceitando a melancolia, a agudeza precoce de analyse e o cansaço de em todos os caminhos topar ladeiras, romper para a Felicidade sem pôr condições nem fazer perrices a Deus. Todos veem como as coegas litterarias que um fedelho sente para se crear um nome e se cosinhar uma facil gloria, no meu caso tiveram mil outros problemas a abafal-as, e dias tão desalentados, soffrimentos tão rudes, insomnias e terrores da Vida e da Morte tão brutaes, que nem sei como nesta travessia pôde ainda o triste peregrino atar o seu ramo de folhas murchas para o offertar agora aos seus amigos.

Saltei de creança a velho sem intervallo, recuar já não posso. Mas não descri de ser feliz, e espero o dia de amanhã com fé igual á que tinha quando publiquei os meus primeiros tumultuosos versos. Agora a felicidade não está para mim na excitação, mas na paz; fugiu da cabeça e caminha direita ao coração. Li não sei onde esta receita de bem-viver: «Tudo abandonar dos seus desejos e do seu egoismo; ser «humilde, doce, desprezar a propria dor, sentir a dos outros, «realisar no nosso coração a vida da humanidade em logar «da nossa». Restringindo essa humanidade, grande demais para se hospedar cá dentro, aos nossos amigos e ao nosso Lar, essa receita acolho-a sem discutir, e juro que é a verdadeira e a leal. Entender quasi na mama o pouco que é intelligivel no mundo, e desde logo tambem abranger o tudo que se ignorará para cá da Morte, dá em resultado o enjoo e a nausea que hoje me prôduzem os intellectuaes, eu-proprio entre elles. Se tiver um filho, gastarei toda a minha energia a educal-o ás avessas do que sou: e até eu, na sua

companhia e pelo seu contagio, pensarei em me transformar. É por eu não ser um simples que os simples me attrahem: de uma candura virgem e de uma bondade humilde e inconsciente aqui estou prompto a ser escravo: só esses casos milagrosos da alma podem interessar a minha sensibilidade e sujeitar a minha rebelde admiração. Ha creaturas a quem Deus riscou o destino sem zig-zags; não param na rua a ouvir as vozes; e se os homens lhes censuram a leveza, riem-se, porque é Deus que lá do alto os anima e lhes dá razão. Estas creaturas abençoadas, que trazem sempre junto ao peito a veronica de uma fé calma, são as que invejo.

O livro que ahí fica atraz d'estas palavras, vale talvez por ser um documento sincero e de boa-fé onde os leitores da minha idade encontrarão coincidencias de sentir, e os mais velhos, quebramentos de espirito que farão feroz e colerica a sua velhice que se recorda. Ambas as impressões terão seu cabimento, e serão justas. Reli os capitulos que compõem as *Palavras loucas*, e atravez da variedade ou da ligeireza dos assumptos, e apezar das epochas differentes em que os tratei, pareceu-me encontrar, no ponto de vista psicologico e moral como no litterario propriamente, certa unidade, harmonia e coherencia que me resolveram a juntal-os em volume. O mesmo refrem ou motivo de alma atravessa todas as paginas e se installa em cada capitulo com violenta tyrannia. Mas não lede vós as *Palavras loucas* senão como uma obra de ferias, o diario de uma indolencia irresoluta que se conhece, se aborrece, e vac tentar um grande passo para a vida. Lede-o tambem como o ensaio

de uma prosa, eizei se porventura ella tem novidade, se colla ás ondulancias das ideias, e dá o retrato de quem a escreveu pelo seu rythmo docil e pela sua gaiopada impaciente no papel.

Dos proprios sentimentos e theorias aqui proclamadas, sahem dois livros que ambos me andam no espirito e vou escrevendo aos poucos: um livro de versos e um drama em prosa. Os versos chamar-se-ão *Lar*, e já pelo baptismo podeis ver que terá de ser um livro meigo, carinhoso, especie de benção tolerante deitada á Vida: para o concluir quanto tenho de mudar do que sou hoje, e de molhar a penna soffrega na Felicidade! O drama tem por nome provisorio *O Santo* e esse é uma obra amarga e dolorosa na concepção: pela arte quero fazel-o simples, sobrio, portuguez, e representavel — condição essencial, consoante o doutrinei nos meus artigos.

Gostaes do titulo *Palavras loucas* com que, logo desde a capa, precedo o fatal e ironico commentario do meu publico? Este proverbio tão suggestivo deve ter sido inventado por um poeta, e nenhuma traducção mais perfeita e mais nacional encontro para os *songes creux* dos francezes. Já eu mesmo assim mostro saber que não farei proselytos, sobretudo n'aquillo em que tiver mais razão, e que a intelligencia anonyma da humanidade é tão vasta quanto estreita a incomprehensão d'esta, ou de outra sociedade, onde desponte um idealista. A simplicidade, o sacrificio, a sinceridade, a se pôrem em pratica, afundariam vaidades e fortunas: que ficava? Porisso taes palavras estão apenas representando sentimentos lavados, que me não trarão odios mas

sorrisos: surdíssimas orelhas, afinal, as *orelhas moucas* do anexim.

Abundam as provas mais pictorescas. Cuido que sabeis, como toda a gente, que não ha no paiz, cidade, villa ou povoado em que o nome do explorador Serpa Pinto não apadrinhe larga avenida ou ingreme congosta. Pois bem. Quem sobe em Lisboa a rua da Trindade encontra á sua direita uma viellinha, chamada pela camara sem vergonha: *travessa de João de Deus*. E ao pé do Intendente ser-nos-á difficil dar com um becco de dois palmos, no entanto historico, porque dá pelo nome de *becco da Índia*.

Aqui está como a sociedade, por um impulso espontaneo, accomoda os africanistas (já não quero falar dos homens de estado) nas largas ruas, e arruma os grandes poetas nas travessas. Na cabeça do publico espera-nos a mesma sorte: artigos de fundo enchem as salas, ficam os nossos versos e illusões no vão da escada. Se a Índia só teve um becco, e está silenciosa, não nos queixemos nós.

Tenho pena, companheiros e amigos, de não vos trazer mais nada alem d'estas considerações tristes, incapaz que sou de pegar em uma lança e ir para a guerra, ou de numa caravella e em vossa companhia ir descobrir mundos novos que nos seduzam e encantem mais do que este.

Coimbra, 20 Abril 1894.



## INDICE

PALAVRAS LOUCAS . . . . .	v
I — Profissão da minha fé. . . . .	1
II — Do neo-garrettismo no theatro . . . . .	17
III — Á volta de D. Maria . . . . .	49
IV — O tio Garrett . . . . .	63
V — Carta a um abbade meu amigo . . . . .	81
VI — Versailles . . . . .	93
VII — Renan . . . . .	104
VIII — O poeta Bruant . . . . .	115
IX — Santo Antonio dos Olivaes . . . . .	127
X — Antonio Nobre. . . . .	137
XI — Carta do Bairro-Latino . . . . .	149
XII — O Bairro de Villar. . . . .	161
XIII — Duas almas . . . . .	173
XIV — A Rosa Tyranna . . . . .	183
XV — O Padre Simão. . . . .	195
XVI — A respeito de Portugal . . . . .	209
XVII — Os quadros de Columbano . . . . .	223
XVIII — A lingua portugueza . . . . .	235
XIX — No paiz da Alma . . . . .	245
XX — A lua de mel . . . . .	255
FIM . . . . .	269

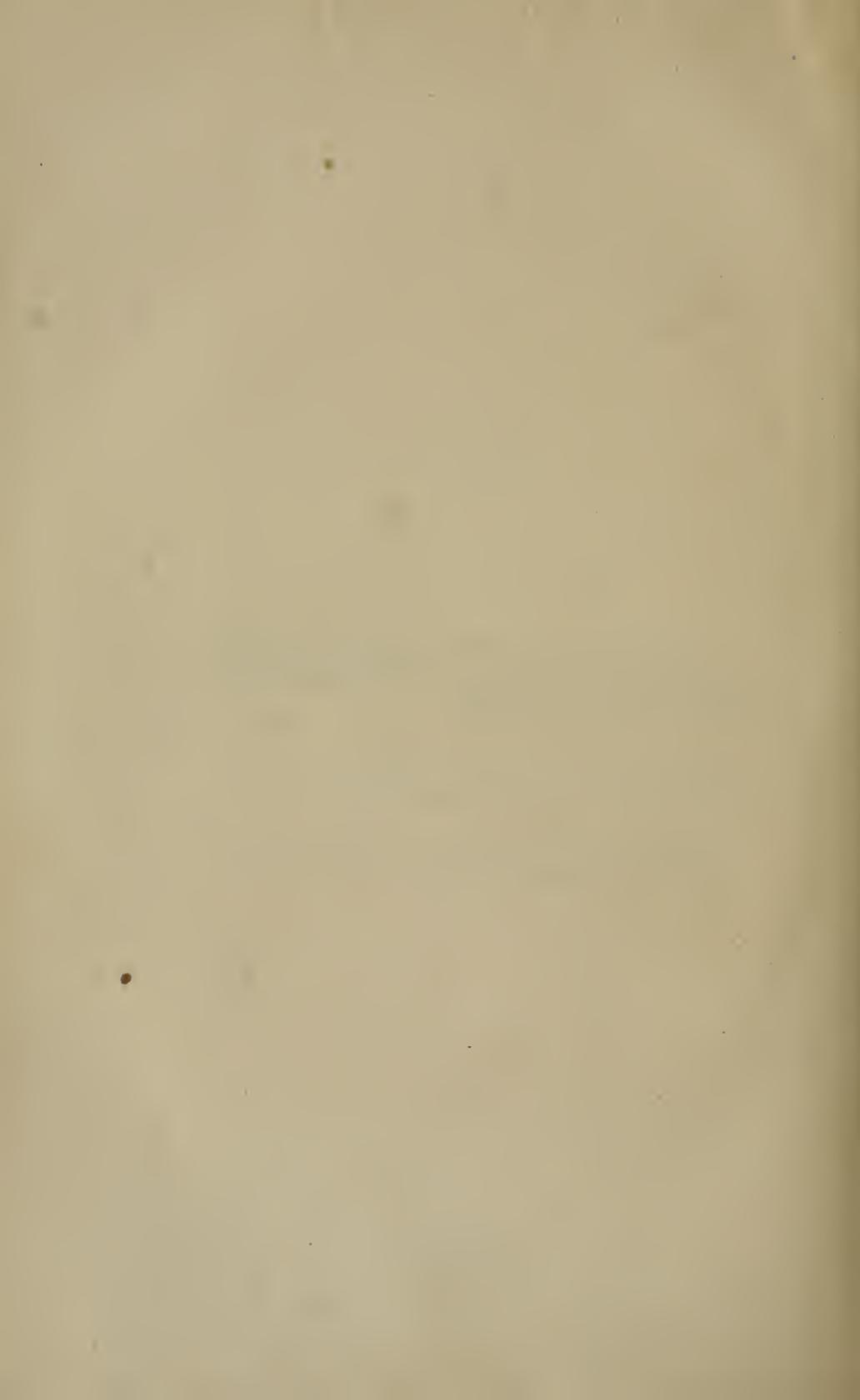


## ERRATAS

Pagina 15, linha 11, onde se lê: *consolação* philosophica e consoladora da existencia, deve ler-se: *solução* philosophica e consoladora da existencia.

Pag. 97, lin. 11, onde se lê: ao *longo* de tão bonita saude, deve ler-se ao *longe* de tão bonita saude.

Pag. 135, lin. 20, onde se lê: mas é *alegria e melodia*, deve ler-se: mas é *alegre a melodia*.



Acabou  
de imprimir-se este volume  
aos trinta de Abril de mil oitocentos e noventa e quatro,  
na Typographia Auxiliar d'Escriptorio  
(João Gomes Paes, director technico),  
em Coimbra.





Livraria FRANÇA AMADO — 141, rua da Calçada, Coimbra.

*Edições e obras á venda:*

---

ALBERTO D'OLIVEIRA

- POESIAS (1889-1891) — I BIBLIA DO SONHO — II PORES-DE-SOL,  
1 volume em papel de linho, com duas illuminuras de Cellini. . . . . 700
- PALAVRAS LOUCAS, 1 volume de prosa, com o retrato do  
auctor, desenho de Thomaz Costa. . . . . 600

ANTONIO FCGAÇA

- VERSOS DA MOCIDADE, 1 volume . . . . . 500

ANTONIO NOBRE

- SÔ, 1 volume de versos em papel de Hollanda (esgotado) . . . . . 3 fr. 50

EUGENIO DE CASTRO

- PARISTOS, 2.<sup>a</sup> edição, 1 volume (no prelo).

D. JOÃO DE CASTRO

- O MORGADINHO (versos) 1 volume . . . . . 600

JULIO BRANDÃO

- SAUDADES (versos) 1 volume em papel de linho . . . . . 600

MANUEL DA SILVA GAYO

- POESIAS (CANÇÕES DO MONDEGO, RIMAS ESCOLHIDAS) 1 volume em  
papel de linho . . . . . 600
- PECCADO ANTIGO, 1 volume em papel de linho . . . . . 400

---

Typ. AUXILIAR D'ESCRITORIO, 11, Praça do Commercio, Coimbra.









FQ  
9261  
045P3

Oliveira, Alberto de  
Palavras loucas

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

